

Um passo a favor dos "por conta de outrem"

Seguro de desemprego arranca em Fevereiro

Um diploma hoje publicado no «Diário da República» procede à revisão do actual esquema de protecção ao desemprego, que se traduz na atribuição de um subsídio de desemprego. Uma razão de fundo é formulada pelo Governo no preâmbulo do decreto-lei, para justificar as alterações introduzi-

das: o esquema em vigor não tinha em conta a carreira profissional do trabalhador e não se encontrava integrado no Regime Geral de Segurança, do que resultava uma «inadequada protecção do trabalhador». Para o executivo, impunha-

-se, assim, a revisão total do regime e a criação de um «verdadeiro seguro de desemprego». Este novo esquema entra em vigor no próximo dia 1 de Fevereiro e regista, como aspectos mais relevantes, a fixação de um prazo de garantia de 36 meses consecutivos de trabalho por conta de outrem, que

dá direito ao período mínimo de concessão de subsídio de desemprego por seis meses. A carreira profissional é também considerada uma vez que o prazo de concessão será acrescido de um mês de subsídio por cada 12 meses de trabalho.

Pág. 7

Informação partiu de apoiantes da ex-primeiro-ministro

Pintasilgo anunciará candidatura em Junho

Em pré-campanha desde Outubro de 1984, Maria de Lourdes Pintasilgo deverá anunciar formalmente a sua candidatura à Presidência da República no próximo mês de Junho. A informação foi difundida pela agência «Notícias de Portugal» citando uma fonte não identificada da Comissão Pró-Candidatura da ex-primeira-ministra. De acordo com a NP, existe um calendário preciso que Lourdes Pintasilgo tem cumprido e o qual passa pela criação, em Fevereiro, de departamentos de organização de voluntários, de recolha de fundos e de segurança da campanha, e, em Maio, no termo pela organização dos núcleos de apoio ao nível de freguesia. De acordo com estas informações, Lourdes Pintasilgo, que já terá recolhido 20 mil assinaturas de apoio à sua candidatura, empenhar-se-á proximamente em actuar em zonas de menos acessibilidade e de desenvolvimento económico mais baixo. Ainda segundo as fontes a que a NP terá tido acesso, existiriam fortes apoios a Pintasilgo no seio da ex-CNARPE.

Pág. 4



Praias de neve

Na Costa Brava, em Espanha, as praias apresentam o aspecto que a foto testemunha: em vez de areia, a neve beija o Atlântico e é mais um motivo para divertimento. Em Portugal, não se chegou a este estado, mas a vaga de frio e neve já causou seis mortos

e grandes estragos nas produções hortícolas. Na zona da Grande Lisboa, desaparecido o frio, veio o vento, que, por soprar forte, quase motivou o encerramento, esta madrugada, da Ponte 25 de Abril.

Pág. 20

Promessa da Câmara continua por cumprir

Atropelado em Telheiras mais um aluno

Um aluno da Escola de Telheiras foi hoje atropelado na passagem de nível da segunda circular que dá acesso àquela escola, informou a professora. O jovem é aluno do 8.º ano unificado, chama-se Daniel Fernando Simões, de 13 anos, e foi conduzido para o Hospital de Santa Maria. Há

cerca de um ano, no mesmo local, outro aluno da escola foi atropelado mortalmente, o mesmo acontecendo noutra acesso à escola a uma professora no passado mês de Outubro. O mesmo informador recordou que o presidente da Câmara de Lisboa tinha prometido aos

professores uma passagem de nível aérea na segunda circular de molde a dar uma maior segurança aos acessos à Escola Secundária de Telheiras. «Até ao momento, ainda não há obras visíveis no local», afirmou a mesma professora.

Hoje «Ler/Escrever»

Além de outros motivos (como poemas, desenhos, etc.), a edição de hoje de «Ler/Escrever» insere um artigo evocando a figura de Aureliano Lima, uma entrevista com Egito Gonçalves a propósito do maior prémio de poesia búlgara que lhe foi atribuído («Nicola Vaptsarov») e uma troca de impressões com José Vultos Sequeira. Notícia também de últimos livros saídos.

Se os jovens pudessem...



Paulo Renato, 18 anos, servente de laboratório

“A tropa é um emprego seguro”

- Escolheu a sua profissão?
- Não, andava à procura de emprego, encontrei este e aproveitei logo. A situação está muito difícil, não se pode desperdiçar oportunidades.
- Sente-se satisfeito?
- Não, pelo contrário. Gostava de algo ligado ao serviço militar, como piloto da Força Aérea.
- Como vê o serviço militar?
- É uma obrigação que qualquer jovem português tem que cumprir, além de representar também uma hipótese de emprego.
- Quer dizer que há mais hipóteses de trabalho na tropa do que cá fora?
- Claro. A tropa é, hoje em dia, a única coisa que garante uma profissão e um ordenado certo, sem hipótese de se ser despedido, o que dá uma grande segurança. Cá fora só dá para quem tem «cunhas». Por exemplo, onde eu estou empregado costumam aparecer sete, oito jovens por dia à procura de emprego.
- Os jovens são muito afectados pela actual falta de emprego?
- Muito, a situação está péssima. É muito difícil encontrar o primeiro emprego e por isso muitas vezes os jovens se viram para a droga, e a percentagem de criminalidade aumenta.
- Tem conhecimento de algum caso desses?
- Tenho amigos meus que se refugiaram na droga e eu próprio o cheguei a fazer também.
- O que significou para si essa experiência?
- Foi a forma que na altura encontrei para fazer face aos problemas, mas vi que não vale a pena, não se resolve nada. No fundo é uma ilusão. Aprendi que o melhor é encarar os problemas de frente.
- Como está o País?
- Está mal em todos os aspectos, não tem ponta por onde se agarre.
- Na sua opinião de quem é a culpa de se ter chegado a uma situação dessas?
- Não sei, talvez do Governo, talvez dos portugueses em geral.
- Que culpa atribui aos portugueses?
- Não fizeram nada para que o País não chegasse a este ponto.
- O povo português é passivo?
- Normalmente é, e quando resolve agir os «grandes» não deixam.
- Refere-se a algum caso concreto?
- Por exemplo o que aconteceu na Lisnave. Protestaram porque queriam o que lhes pertencia, e acabou com a polícia a bater nos trabalhadores.
- Qual a sua opinião sobre uma situação dessas?
- É impossível de classificar. Querem é levar a empresa à falência e despedir os empregados.
- Como encara o facto desses trabalhadores estarem com salários em atraso?
- É uma coisa que nunca deveria ter acontecido, não tem razão de ser. Não se pode negar a quem trabalha os ordenados, pois é deles que vivem, que se alimentam.
- Se pudesse governar o que mudava?
- Isto precisava de uma reviravolta completa para voltar a ser o país rico que foi no século XVI. Acho que a solução era reformular a economia.
- Como faria?
- Criava postos de trabalho. Quanto mais trabalhadores houver melhor, são eles que fazem Portugal.

ao telefone com

Mário Barradas
(Centro Cultural de Évora)



“Nas aldeias e vilas deste país o teatro é sempre uma festa”!

O Centro Cultural de Évora (CCE) está a festejar o 10.º aniversário da sua fundação, que se verificou a 2 de Janeiro de 1975. Funcionando desde o início no Teatro Garcia de Resende, em Évora, contando com o apoio da Gulbenkian, do Ministério da Cultura e da Câmara Municipal local, o CCE — ou melhor, a sua Companhia de Teatro — vai estreiar, no próximo sábado, e no âmbito das comemorações, a sua 50.ª peça: «O Alquimista», de Ben Jonson, um isabelino contemporâneo de Shakespeare. A encenação é de Luís Varela, que assegura a direcção da casa.

Ao telefone com Mário Barradas, um dos principais responsáveis — desde a primeira hora — do CCE, falámos das comemorações agora a decorrer.

«Em primeiro lugar: não quisemos comemorar este nosso 10.º aniversário com uma sessão soleníssima... Pelo contrário, pensamos que a melhor comemoração seria fazer uma mostra do nosso próprio trabalho, que não se limita, nem de perto nem de longe ao teatro...»

«Então o que é que o CCE faz?»

«A nossa vocação é difundir e irradiar cultura em várias áreas: temos a funcionar, além da companhia de teatro, um grupo de cinema experimental, fazemos exposições de arte plástica, colóquios sobre literatura, recitais de poesia, etc.»

«Voltando às comemorações...»

Estamos a fazer três meses de realizações muito intensivas, seguidas, concentradas, que se iniciaram no passado dia 5 com a inauguração de uma exposição fotográfica organizada por um grupo de Portalegre e dedicada a José Régio, um homem exterior ao Alentejo mas que para cá veio, cá ficou e ao Alentejo se dedicou — um pouco como acontece com, por exemplo, a nossa Companhia de Teatro, que aqui desembarcou em Janeiro de 75...»

«E além dessa exposição...»

«Além da exposição, no dia 6 fizemos dois espectáculos para crianças, assim começando, à nossa maneira, a comemorar também o Ano Internacional da Juventude que, como sabe, decorre em 85. Entretanto, no próximo sábado estaremos a nossa 50.ª peça, com «O Alquimista», de Ben Jonson. Depois disso, nos dias 22 e 23 deste mês, Évora assistirá à estreia nacional de uma nova Companhia de Dança (Companhia de Bailado de Lisboa), orientada por Rui Horta, e no dia 31 Sérgio Godinho estreará, também no Teatro Garcia de Resende, o seu novo espectáculo. Será curioso referir que com esse espectáculo de Sérgio Godinho pretendemos, também, comemorar um pouco o 31 de Janeiro, com a particularidade de Sérgio Godinho ser, ele próprio, neto de uma figura importante desse movimento... Mas, como lhe disse, se-

rão três meses de iniciativas, que incluem espectáculos de âmbito regional e seria fastidioso estar aqui a enumerá-las.»

«Certo. Nestes dez anos de experiência de descentralização cultural quais têm sido as reacções do público às iniciativas do CCE?»

«Boas. Sem dúvida. Apesar dos centros urbanos em Portugal serem muito pequenos. Em relação ao teatro, por exemplo, temos dado espectáculos um pouco por todo o País, desde Viana do Castelo a Faro, e as reacções têm sido sempre muito boas.»

«Quanto profissionais tem o CCE? Quantos espectáculos fez até agora?»

«Aqui trabalham 29 pessoas, 15 das quais são actores. Espectáculos teatrais fizemos, até ao momento, 1644, dos quais 484 no distrito de Évora. Devo no entanto referir que recuperámos os Bonecos de Santo Aleixo — hoje a Companhia detém a tradição dos bonecos — e com eles temos participado em numerosas reuniões internacionais, onde são considerados coisa única. Além disso não posso esquecer que temos em funcionamento uma escola de formação teatral que já formou 42 quadros que estão a trabalhar em várias companhias de província e até em Lisboa.»

«Fala-se muito em crise de público para o teatro. Quer comentar, à luz da sua experiência no CCE?»

«Nós preferimos falar, antes, de crise de públicos... É bem diferente... Eu e muitos colegas que têm vindo a trabalhar na província não pensamos que haja crise de público. Habitualmente desembarcamos em pequenas vilas ou simples aldeias e isso é uma festa, um acontecimento. Não temos más experiências nesse campo. Lembro-me, por exemplo, de aqui há anos termos ido dar um espectáculo a Silveiras, concelho de Vendas Novas, no dia em que se realizava um Festival da Canção transmitido pela Televisão. Pois bem: embora nós julgássemos que o espectáculo não se iria realizar por falta de público, a verdade é que a Casa do Povo estava cheia até à porta...»

«...Por falar em Casa do Povo. Onde é que vocês dão, normalmente, os vossos espectáculos? Na maior parte das vilas não há salas apropriadas...»

«Pois não. Mas isso não é impeditivo para quem quer fazer, a sério, a descentralização de que tanto se fala. Nós damos os nossos espectáculos em Casas do Povo, Salões Paroquiais, salões de Colectividades de Recreio e, no Verão, em certos sítios ao ar livre. E garanto-lhe que é sempre uma festa. Penso que isto é o grande elogio do teatro. E a prova da necessidade e da importância de um contacto vivo entre os actores e o povo.»

Ribeiro Cardoso

A propósito de um artigo de Manuel Geraldo

Uma carta de Augusto Cid sobre a morte de José Moreira

Assinado por Augusto Cid recebemos, com o pedido de publicação e dirigida ao director do «DL», a carta que passamos a transcrever: «O artigo sobre Camarate intitulado 'A extradição de Lee Rodrigues e a morte de José Manuel Moreira', publicada a 7 de Janeiro de 1985, contém algumas imprecisões que me apresso a esclarecer. Muito embora o engenheiro José Moreira, por várias vezes, me tenha confidenciado a sua suspeição que a tragédia de Camarate tinha origem na direita, jamais ele associou o voo que o general Ramalho Eanes fez no fatídico avião, uma semana antes da tragédia, a qualquer tentativa falhada contra a vida do actual Presidente da República. É, igualmente, abusivo concluir que eu próprio situe as suspeitas de conspiração a nível das estruturas do PSD, como Manuel Geraldo afirma. Critiquei duramente responsáveis e dirigentes do PSD pela negligência de que se revestiram as investigações oficiais que decorreram sob a sua responsabilidade e, de uma forma geral, pelo desinteresse e alheamento que votaram ao assunto.

Se a atitude destes responsáveis é, ao meu ver, condenável, ela, por si, não constitui prova de que, a haver crime, os seus autores ou inspiradores se encontravam na área do PSD.

Aproveito a oportunidade para felicitar o jornalista Manuel Geraldo pelo empenho que tem vindo a pôr no esclarecimento da morte de José Moreira e nas im-



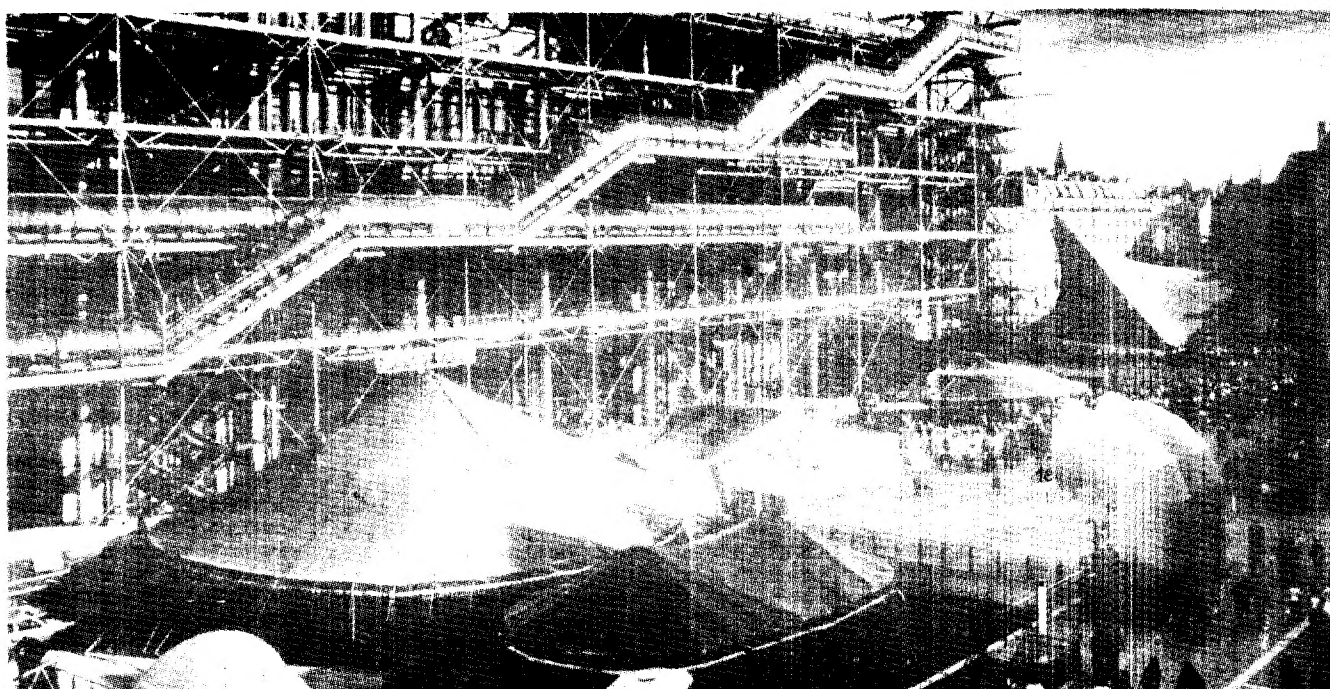
Augusto Cid

portantes achegas que a sua pesquisa trouxe e mais este enigmático 'acidente'.

A resposta de Manuel Geraldo: «Augusto Cid, meu companheiro no serviço militar e colaborador do «DL» como 'cartonista' nos finais da década de sessenta, contesta algumas afirmações (nada conclusivas) e pouco personalizadas insertas no artigo que publiquei sobre Camarate e Carnaxide. 1.º, no artigo em apreço o que eu escrevi foi que José Manuel Moreira terá afirmado (e não afirmou) a Augusto Cid: 'Quem falou com Ramalho Eanes foi bem mais certo com Sá Car-

neiro'. E quando escrevi terá afirmado (e não afirmou) tomei uma posição defensiva, agora plenamente justificada face à carta de Augusto Cid. Augusto Cid, que eu saiba, não escreveu tal frase, mas já a deixou expressa em conversa travada entre nós, e não só, tendo para além disso conhecimento de que já a transcrevi, embora na boca de personagem de ficção, mas dentro de idêntico contexto, no meu livro 'O Camarate de Lúifer'. Depois sou eu, e não Augusto Cid, quem escreve: 'O general Ramalho Eanes utilizava anteriormente, na Guarda, com problemas de voo, o 'Cessna' sinistrado. Será que Augusto

Cid, ou o próprio general Eanes, contestam este facto? Ora é neste ponto que, em minha opinião, reside o fundamental da questão: 2.º Augusto Cid afirma depois que é abusivo concluir que, ele próprio, situe as suspeitas de conspiração (na morte de Sá Carneiro) ao nível das estruturas do PSD, tal como eu o refiro. Mas não sou eu quem o refere, mas sim o próprio Augusto Cid, que já o disse publicamente, pelo menos nas duas vezes, nos lançamentos do seu livro 'Camarate' e do meu 'O Camarate de Lúifer': 'Em Camarate — disse — houve sabotagem e Pinto Balsemão conta-se entre aqueles que contrariaram as investigações'. Portanto, quando eu escrevo que Augusto Cid sempre situou a sua acusação (suspeição) ao nível do partido de que é militante, o PSD, não estou a dizer que ele acusa essa área do partido de envolvimento (directo ou indirecto) na acção que terá levado à queda do 'Cessna'. Mas sim que, ao nível do PSD, têm existido travões para o aclarar do processo de Camarate. Cid até agora tem escrito que não falado nas 'entrelinhas'. Ao jornalista compete, pois, avançar (tal como no anticamente e cada vez mais) para além dessas 'entrelinhas', dessas barreiras de compromissos ou pressões. Mas será que no que a Camarate, e mesmo a Carnaxide, diz respeito, o recém-extraditado Lee Rodrigues poderá permitir o desbloquear de algumas dessas barreiras? Pela parte que nos toca, estamos esperançados que sim.»



O Beaubourg, em Paris

FOLHETIM ARTISTICO

Um Instituto Nacional de História de Arte

José-Augusto França

ANDRÉ CHASTEL foi ao Centro Cultural de Paris da Fundação Gulbenkian, a convite da AICA francesa, a que desde sempre pertence, expor o estado da questão da criação dum Instituto Nacional de História da Arte, instituto francês, bem entendido — mas que a Portugal pode especialmente interessar, também.

Foi o caso objecto de uma edição (do último trimestre de 1984) da «Documentation Française» na colecção de «Rapports Officiels», que de um relatório ao primeiro-ministro francês (então P. Mauroy), se trata, por este promovido em 1983, em convite ao autor, confiando-lhe «a missão de elaborar e prefigurar o grande estabelecimento consagrado à pesquisa em história da arte e à sua difusão que falta à França».

A ideia veio, é claro, de André Chastel, historiador, professor na Sorbonne, na Escola de Altos Estudos e no Collège de France, a cujas «qualidade magistral dos trabalhos, imensa curiosidade manifestada em todas as disciplinas científicas susceptíveis de esclarecer o conhecimento da arte, incansável actividade de relações, de encontros, de ensino na comunidade científica internacional», o ministro presta homenagem na carta de convite. A qual, por seu lado, manifesta uma atenção louvável, mesmo que provocada por intermediários, a um problema que é de magna importância para a cultura francesa. E não só para ela, como veremos.

A razão da iniciativa, do prof. A. Chastel e assumida pelo ministro, evidentemente pré-definido por aquele, de que «a França é um dos raros países em que, apesar do sucesso de notáveis exposições, a investigação em História da Arte está confiada a círculos restritos», «situação lamentável que os Ministérios da Educação e da Pesquisa procuram recompor», e que logo se traduz pela ausência, no país, duma «grande instituição de nível e de irradiação comparáveis ao Courtauld Institut de Londres ou ao Zentral Institut für Kunstgeschichte de Munique, aos centros de Haia ou de Nova Iorque». Reconhecendo isso, procura o governo francês obviar à situação — que, na realidade quotidiana, está fazendo perder à França um papel importante ainda há pouco desempenhado nos estudos desta disciplina. Estudos que só internacionalmente podem definir-se, em centros

que atraíam, em «currícula» universitários ou em instrumentação de pesquisa, estudantes ou estudiosos de vários horizontes e países. E para isso há que centralizar instrumentos de trabalho que não podem, em vão, multiplicar-se pelo mundo fora e que dependem, naturalmente, de informação recolhida nos principais centros históricos de criação artística. Mas não só, também.

Paris dispõe duma grande biblioteca especializada em História da Arte, obra de um mecenas excepcional que foi o grande costureiro parisiense, J. Doucet, nas primeiras décadas do século (fabricante de tecidos foi o Courtauld do célebre instituto londrino), que depende das Universidades de Paris e que reúne inúmeros tesouros de documentação por catalogar, além de muitas dezenas de milhares de volumes que importa cada vez mais actualizar e generalizar, em bibliografias não francesas.

A ideia primeira do Instituto em questão reside em aproveitar os acervos Doucet, estabelecendo com a biblioteca ligações estruturais, extensíveis a outras bibliotecas e centros de documentação especializada (como Beaubourg, o Louvre, e núcleos disseminados pelo país). A ideia segunda do programa está na definição de uma função de encontro e troca e de coordenação entre as equipas de investigadores dependentes do Centro Nacional de Investigação Científica (CNRS), da Universidade ou do Ministério da Cultura — e «cuja dispersão reduz a migalhas («émiettes») todos os esforços». Ideia terceira é definir um papel de difusão junto de instituições culturais e do ensino; quarta, desenvolver a edição; quinta, situar o Instituto na comunidade internacional, atendendo nomeadamente às instituições americanas.

O relatório de prof. A. Chastel divide-se em três partes: renovação dos instrumentos de trabalho, (em que se trata de bibliotecas, do «Repertoire d'art et archéologie», de fototecas e de outras documentações), coordenação da investigação (em que se abordam os problemas de equipas de trabalho, das sociedades científicas, do estudo específico da arquitectura, do estudo da moda e da simbólica profana, dos novos equipamentos técnico-informáticos e do TAU — «Thesaurus Artis Universalis», gigantesco banco de dados em que a França tem que tomar posição ante a bem dotada concorrência americana), difusão e ir-

radiação nacional e internacional (com relações com o Comité International d'Histoire de l'Art, ligado à UNESCO, e com institutos congêneres estrangeiros). Instituto Henri-Focillon se chamaria este instituto em projecto ou em ideia.

Dez textos anexos, redigidos por especialistas, com necessária cópia de pormenores, tratam de cada um dos capítulos em separado, desde a Biblioteca Doucet à infortização e do Património ao audiovisual. Não cabe, evidentemente, aqui resumir o teor de cada mini-relatório, mas apenas sublinhar a consciência profissional e cultural com que foram elaborados no quadro da diligência de A. Chastel.

Onde vai esta ter? A comunicação pública do seu autor visou alertar para a sua importância os críticos de arte parisienses numa conversa informal em que muitas queixas e algumas desilusões vieram à mesa. A arte e a sua história é sempre parente pobre da cultura e do ensino, mesmo em países ricos... A situação francesa é, hoje em dia, periclitante num quadro internacional, em que, de direito, se inscreve: esta a verdade que só pode ser resolvida num esforço conjuntamente orquestrado, com alta responsabilidade governamental.

Várias vezes nestes «folhetins» dei conta de problemas afins e algumas vezes a França não foi evocada, pela razão maior de um ensino nacional da disciplina (recentíssimo e muito frágil entre nós) precisar do seu apoio, privilegiado por razões seculares de cultura e de processos mentais que não assistem, organicamente, a outros centros internacionais. Para estes, à falta da França, teríamos em breve que nos voltar, com adaptações metodológicas que alteraríamos o próprio teor das nossas práticas culturais modeladas em vários domínios das ciências humanas em questão. Isso seria, para os investigadores portugueses, um mal, ou, ao menos, um grave «handicap» que caro se pagaria, logo em perda de tempo — que é, sempre, tempo social.

Por isso o problema posto em França pelo prof. A. Chastel especialmente nos interessa. Mas também por outras razões, de sugerir algo que em Portugal também se deveria realizar.

É certo que, há vinte e alguns anos, pareceu possível criar no nosso país, com apoio interessado, e altas instâncias da UNESCO (e orientação de historiadores e professores como P.

Francastel, G.C. Argan e J. Starzinski) a parte de documentação dum outro instituto internacional de História da Arte contemporânea cuja parte de pesquisa teria sede em Paris.

Malogrou-se a iniciativa, por desleixo de resposta nunca dada, e é tarde, agora, para tomar um comboio que anda por outras linhas. Mas tempo é para pensar, a nível nacional, a necessidade dum instituto português da disciplina — que pudesse, precisamente, ser um dos tais correspondentes do Instituto projectado por A. Chastel.

Também em Lisboa, uma grande biblioteca especializada, da Academia Nacional de Belas-Artes poderia ser centro de tal instituição, se lhe fosse impressa uma nova dinâmica de catalogação e actualização de seus consideráveis fundos, que uma fototeca e outra instrumentação técnica, com pessoal adaptado, deveria alargar. Os ensinamentos especializados da História da Arte, que, depois da Universidade Nova de Lisboa, em 1976, se multiplicam com maiores ou menores possibilidades pelo país, deveriam ligar-se à biblioteca da Academia, tirando-a do seu isolamento e passando por cima do facto de dois ministérios estarem aí em confronto, da Educação e da Cultura — deste vindo também uma contribuição e uma utência importantes, nos Serviços do Património. E ainda o Instituto Nacional de Investigação Científica (INIC), onde jamais foi possível dar lugar à História da Arte em «linhas de investigação» que só contemplam outras histórias (e onde, muito recentemente, se prescindiu do único especialista desta disciplina — na verdade desnecessário aos programas lá praticados, que santamente a ignoram) poderia, como o CNRS francês (salvas as devidas proporções de mentalidade), participar num projecto coerente e comum. Ao qual também o Comité International d'Histoire de l'Art (que tem representante português sem acção possível) poderia dar apoio — como, ainda, a secção portuguesa da Associação International des Critiques d'Art (AICA), que dispõe, em grande parte, de historiadores da arte (como o prof. A. Chastel, no caso invocado) e que até, nesta altura, tem presidente português, que a vantagem internacionalmente.

De Paris passamos a Lisboa, de uma ideia geral a outra, particular — numa luta que é a mesma. Só nos falta um primeiro-ministro, para o caso...

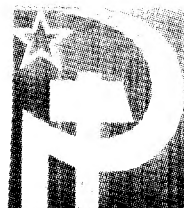
ponto a ponto

FORMAS de cooperação institucional entre os municípios portugueses e espanhóis estão hoje a ser discutidas em Madrid. O presidente do conselho directivo da Associação Nacional de Municípios Portugueses, que chefia a delegação portuguesa, revelou que, durante este encontro com a homóloga espanhola, serão discutidas «questões relacionadas com as futuras relações bilaterais entre Portugal e Espanha, no âmbito do Poder Local e os problemas derivados do processo de regionalização em ambos os países».



O presidente do Conselho Regional de Alsácia convidou os presidentes das comissões de coordenação Norte, Centro, Lisboa, Vale do Tejo, Alentejo e Algarve a participarem na assembleia constitutiva do Centro Europeu do Desenvolvimento Regional (CEDRE) que terá lugar em 18 e 19 do corrente mês, em Estrasburgo. O CEDRE, que será fundamentalmente o suporte técnico e jurídico do Conselho das Regiões da Europa, terá como objectivo, entre outros, «executar e mandar executar quaisquer estudos e investigações técnicas, económicas, financeiras e jurídicas que se refiram ao desenvolvimento regional da Europa», informa uma nota do Ministério da Administração Interna. A associação é criada por tempo indeterminado e tem sede em Estrasburgo, no Conselho Regional de Alsácia.

OS partidos socialistas e sociais-democratas europeus vão discutir em Março, em Lisboa, o lugar da Europa entre as superpotências. No encontro, participam partidos dos países europeus membros da Aliança Atlântica que, no quadro das relações Leste-Oeste e do desarmamento na Europa, vão discutir também «o significado da segurança para os socialistas, em 1985». Outros temas do debate referem-se à «Europa e o seu lugar entre as superpotências», «A segurança e o desanuiamento para a Europa» e a «NATO e o desenvolvimento de uma estratégia europeia». Esta conferência foi proposta por Rui Mateus, responsável pelas relações internacionais do PS, no ano passado, e é organizada pelos socialistas portugueses.



O Partido Comunista Português (PCP) abriu um centro de trabalho em Penamacor, distrito de Castelo Branco. A abertura desta sede política insere-se no âmbito do programa de implantação do partido no distrito.

ANTÓNIO Moraes da Fonseca é o coordenador do secretariado distrital da ex-CNARPE recentemente formado. O Secretariado é constituído por Frederico Alves Pessoa, economista, Rui Sintrão da Silva, engenheiro, e João Boavista, engenheiro, todos de Sines, Ana Gonçalves, advogada, Brissos Lino e Orlando Leal, de Setúbal.



O estreitamento de relações culturais entre a Universidade de Coimbra e a sua congénere da Libéria foi debatido ontem em Coimbra pelas autoridades académicas e representantes do governo libiano. A reunião teve lugar no decorrer da visita do primeiro-ministro da Libéria, Bernard Blamo, à Universidade de Coimbra, em que foi acompanhado pelo vice-reitor, Polares Baptista. Na visita participaram também o ministro dos Negócios Estrangeiros da Libéria, Samuel Smith, e o cônsul deste país em Portugal, arquitecto Vila Real.

O Partido Social-Democrata (PSD) de Vila Nova de Foz Coa protestou junto da Casa do Douro contra uma circular que determinava o arranque de árvores consorciadas com vinha, na região demarcada do vinho do Porto. Em comunicado enviado àquele organismo sediado na Régua, o PSD afirma-se solidário com o protesto dos agricultores pela determinação que obrigava o corte de oliveiras, amendoeiras e árvores de fruta plantadas nas vinhas.

A associação cultural de Cabril aguarda da CEE a aprovação de um projecto de apicultura para a zona do Parque Nacional Peneda-Gerês. Este projecto, a desenvolver em 30 anos, é considerado importante para o desenvolvimento económico da área abrangida pelo parque, estando o seu custo orçado em cerca de 20 mil contos. Em Cabril foi já elaborado um projecto de desenvolvimento integrado local que esboça acções nos campos da saúde, cultura e economia.

UMA proposta aprovada na Câmara Municipal de Cascais atribui 100 contos a cada junta de freguesia do concelho para arborização. O objectivo da Câmara, presidida por Helena Roseta, é simultaneamente auxiliar e estimular as juntas de freguesia a colaborar na defesa dos espaços verdes do concelho.



Informação partiu da Comissão Pró-candidatura

Candidatura de Pintasilgo a Belém deverá ser anunciada em Junho

Maria de Lourdes Pintasilgo deverá anunciar em Junho a sua candidatura à Presidência da República — revelou à NP uma fonte da Comissão Pró-Candidatura da actual conselheira do Presidente Ramalho Eanes.

Lourdes Pintasilgo encontra-se em Madrid para participar na reunião da comissão política do Conselho de Interação, de que fazem parte vários ex-primeiros-ministros e outros dirigentes de diversos países.

Esta acção insere-se nos planos traçados para a primeira fase da pré-campanha presidencial de Lourdes Pintasilgo, iniciada em Outubro e que se vai prolongar até fins de Maio — referiu a mesma fonte.

Após várias iniciativas de carácter político, com declarações públicas centradas no carácter «independente, nacional e supra-partidário» da candidatura, estão já em actuação vários departamentos do chamado «núcleo operacional central», que inclui a Comissão Técnica Coordenadora.

Os departamentos de propaganda e informação, Comunicação Social, coordenação do apoio regional, assessoria jurídica e o gabinete de estudos da campanha estão já em actuação — apurou a NP.

A partir de Fevereiro vão entrar em funcionamento os departamentos de organização de voluntários, recolha de fundos e de segurança da campanha.

Os núcleos distritais de Coimbra, Porto e Santarém encontram-se também já formados, estando os restantes «em fase de

constituição» por todo o país — disse a mesma fonte.

Desde Outubro, os apoiantes de Lourdes Pintasilgo recolheram cerca de 20 mil assinaturas de apoio à sua candidatura. «A recolha teve em vista uma análise directa do impacto da candidatura, fora do quadro de apreciação política dado pelas sondagens, e não chegou a ser sistemática nem foi considerada prioritária» — salientou a mesma fonte.

Contudo, a Comissão Pós-Candidatura tem seguido com atenção as várias sondagens publicadas nos últimos tempos pelos jornais sobre as tendências do eleitorado em relação às eleições presidenciais.

Na última sondagem de um semanário — recorda a mesma fonte — o nome de Lourdes Pintasilgo era apontado por 39 por cento dos inquiridos como o candidato que Ramalho Eanes deveria apoiar.

A nível da ex-CNARPE, o eventual apoio a Lourdes Pintasilgo nas eleições presidenciais tem constituído um «ponto quente».

Dirigentes do movimento, designadamente Hermínio Martinho, têm feito três perguntas essenciais aos apoiantes da ex-CNARPE durante as reuniões que se têm efectuado pelo país.

Os activistas — revelou à NP uma fonte da ex-CNARPE — foram convidados a pronunciarem-se sobre se o movimento se deverá formar já em partido ou num período mais próximo das eleições e se o candidato a apoiar deverá ser civil ou militar.

Foram ainda instados a indicar um nome a apoiar pela ex-CNAR-



Pintasilgo: uma candidatura imparável?

PE nas eleições presidenciais, tendo 40 a 50 por cento apontado o de Lourdes Pintasilgo — adiantou a mesma fonte.

Os restantes «votos» dos inquiridos dispersaram-se por várias outras personalidades — salientou.

Maria de Lourdes Pintasilgo comemora amanhã, sexta-feira, em Madrid, o seu 55.º aniversário, sendo uma das personalidades que o rei Juan Carlos vai receber

no final dos trabalhos da Comissão Política do Conselho de Interação.

Kurt Waldheim, Takeo Fukuda, Giulio Andreotti, James Callaghan, Andres Peres, Leopold Senghor, Helmut Schmidt, Pierre Trudeau e Adolfo Suarez, são companheiros de Lourdes Pintasilgo no conselho.

Desde Outubro que Lourdes Pintasilgo tem mantido contactos a nível internacional «com vista a

esclarecer as intenções e objectivos políticos subjacentes à sua candidatura» — referiu a fonte da Comissão.

A partir de Fevereiro e até Junho, Lourdes Pintasilgo e seus apoiantes vão centrar a sua presença em «zonas prioritárias de actuação, definidas como as zonas de menor acessibilidade e de níveis de desenvolvimento mais baixo» — adiantou.

Núcleos de apoio local, até ao nível de freguesia, vão ser organizados até Maio, «tendo em conta a eventualidade da antecipação das eleições presidenciais» — referiu a mesma fonte.

Lourdes Pintasilgo vai também aprofundar contactos com personalidades públicas, tendentes à constituição de comissões de apoio à campanha, estando prevista a constituição de uma comissão de honra e de uma comissão política — apurou a NP.

«Várias personalidades bem conhecidas já deram o seu primeiro apoio à candidatura» — salientou a mesma fonte, que considerou ser prematuro revelar nomes.

Pintasilgo vai ainda «dialogar com as diferentes forças sociais e políticas para esclarecer dos objectivos da campanha» — disse a mesma fonte, que salientou terem sido «atingidos todos os objectivos correspondentes ao primeiro período da primeira fase da pré-campanha».

«É um dado praticamente seguro que Lourdes Pintasilgo se vai candidatar à Presidência da República» — concluiu.

Vitor Bandarra, NP/«DL»

PSD adia escolha do candidato à Presidência

O PSD não vai discutir ainda no próximo Conselho Nacional, a realizar em 2 e 3 de Fevereiro, qual o candidato presidencial do partido.

O adiamento foi decidido pela Comissão Política Nacional, na sua reunião de ontem. Segundo Mendes Bota, porta-voz da comissão, «pôr este Conselho Nacional a debater especificamente a indicação do possível candidato do PSD à Presidência da República seria talvez desestabilizar uma situação político-partidária que neste momento deve ser de acalmia e de criar condições para que o Governo governe».

Foi decidido ainda, indicar o Porto como local da próxima reunião do Conselho Nacional e definir a sua agenda.

O ponto mais importante da agenda é o que prevê a convocação do próximo Congresso do PSD, sendo proposto que o regulamento do Congresso seja já aprovado nesta reunião de Fevereiro, embora a data e local não sejam definidas ainda, cabendo à Comissão Política a sua decisão.

A análise da situação político-partidária, o referendo interno e a Comissão de Relações Internacionais, são outros pontos da agenda do Conselho Nacional.

Sobre a recente convocação do Conselho de Estado por parte do Presidente da República, Mendes Bota afirmou que o PSD «o encara como um acto constitucional e aguarda serenamente as suas conclusões».

200 mil contos para treino e equipamento militar

Washington ultrapassa Lisboa no auxílio a Moçambique

O Governo norte-americano decidiu atribuir uma verba de 1,25 milhões de dólares (cerca de 200 mil contos) para treino e equipamento militar, não-utilizável em combate, às Forças Armadas moçambicanas.

O anúncio deste auxílio foi feito ontem em Maputo e posteriormente confirmado pelo Departamento de Estado em Washington. O equipamento militar a fornecer pelos EUA, e que alcança o valor de um milhão de dólares, consta de uniformes, camiões e material de comunicações. A restante verba será

aplicada em treino militar, que terá lugar em Moçambique e não nos Estados Unidos.

«Normalmente» ou promessas?

Entretanto, uma fonte militar de Lisboa, contactada pela ANOP, limitou-se a considerar que a cooperação militar entre Portugal e Moçambique «decorre normalmente».

Um protocolo de cooperação militar entre os dois países foi assinado em Maputo em 28 de Abril de 1982, pelo general por-

tuguês Sousa Meneses e pelo então ministro moçambicano da Segurança, Jacinto Veloso.

O protocolo previa a realização de acções nos domínios da engenharia militar e da formação de instrutores militares em unidades especiais portuguesas, bem como de quadros moçambicanos em áreas não-operacionais.

Uma equipa da engenharia militar portuguesa entregou ao Ministério moçambicano da Defesa, em 2 de Abril de 1984, o projecto do Centro de Instrução Político-Militar de Manhica.

A mesma fonte oficial confirmou que a formação em Portugal de instrutores e quadros militares moçambicanos é uma das áreas de cooperação previstas. Não forneceu, porém, quaisquer informações quanto à sua eventual concretização...

A mesma fonte afirmou que Portugal não fornece a Moçambique armas ou equipamentos militares.

Em Setembro último, ao visitar Moçambique — antes de se terem agravado as relações bilaterais — O Primeiro-Ministro, Mário Soares, voltou a admitir a realiza-

ção em Portugal de cursos de formação ou de aperfeiçoamento para oficiais e sargentos das Forças Armadas moçambicanas. O que sugere a não-concretização, ainda, do apoio de Lisboa no fornecimento de instrutores e quadros militares moçambicanos.

Embaixada desconhece assassinatos

A Embaixada portuguesa em Maputo, citada pela ANOP, afirmou que «não recebeu qualquer

informação sobre o assassinio de dois cidadãos portugueses». Segundo o porta-voz da Embaixada, esta «teria sido com certeza informada se tivessem sido encontrados os cadáveres de dois portugueses».

Citando «fontes diplomáticas», a NP indicara ontem que dois portugueses morreram numa emboscada na Manhica, perto de Maputo, no princípio do corrente mês. Os dois portugueses seriam, segundo a mesma fonte, de origem indiana, e os veículos em que seguiram teriam sido incendiados.

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO
Serviço de Aquisições

(ANÚNCIO)

CONCURSO N.º 3-0363/85

FORNECIMENTO DE GASES MEDICINAIS

Recebem-se propostas até ao dia 24 de Janeiro próximo para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa (Campo dos Mártires da Pátria, 91) das 9 às 12.30 e das 14 às 17 as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 4 de Janeiro de 1985.

O CHEFE DO SERVIÇO
a) Ilídio Luís de Sousa

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO
Serviço de Aquisições

(ANÚNCIO)

CONCURSO N.º 3-0364/85

FORNECIMENTO DE ESPECIALIDADES FARMACÉUTICAS

Recebem-se propostas até ao dia 24 de Janeiro próximo para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa (Campo dos Mártires da Pátria, 91) das 9 às 12.30 e das 14 às 17 as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 4 de Janeiro de 1985.

O CHEFE DO SERVIÇO
a) Ilídio Luís de Sousa



SINDICATO DOS TELEFONISTAS DE LISBOA

Praça do Príncipe Real, 13 - 1200 LISBOA
Telef. 36 77 55 - 32 34 35

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo do art.º 84.º e para efeitos do art.º 80.º dos estatutos do Sindicato dos Telefonistas e Offícios Correlativos do Distrito de Lisboa, convocam-se todos os sócios, no pleno gozo dos seus direitos sindicais, para a ASSEMBLEIA ELEITORAL que terá lugar nos próximos dias 6 e 7 de Março de 1985, em locais e horas a designar oportunamente.

Lisboa, 15 de Janeiro de 1985.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Manuel Jorge Loureiro

Chefe de Estado congolês convidado a visitar Portugal

O chefe de Estado congolês, Denis Sassou Nguessou, poderá efectuar, no decorrer deste ano, uma visita de amizade a Portugal, em data ainda não determinada, a convite do Presidente Ramalho Eanes, indicou a agência «PANA».

O convite foi entregue pelo embaixador português no Congo, Álvaro Guerra, durante uma audiência realizada na passada terça-feira.

No encontro entre o presidente Nguessou e o embaixador

Álvaro Guerra foi feito o ponto da situação da cooperação entre os dois países, tendo sido abordados os acordos de cooperação geral e cultural assinados entre os dois Estados durante a visita oficial de Ramalho Eanes ao Congo, em 1984.

A saída da audiência, o embaixador Álvaro Guerra afirmou que «estão actualmente em curso estudos tendo em vista estender a cooperação aos domínios agrícola e industrial».

Comissão Parlamentar reuniu com embaixador de Cabo Verde

A Comissão Parlamentar de Negócios Estrangeiros iniciou ontem com o embaixador cabo-verdiano em Lisboa, Carlos Reis, uma série de reuniões com representantes diplomáticos estrangeiros.

Manuel Alegre, presidente da comissão, frisou ter sido deliberada a opção de privilegiar um dos países africanos lusófonos.

O embaixador falou especial-

mente da cooperação com o estrangeiro, designadamente com Portugal, disse à ANOP fonte diplomática cabo-verdiana.

Carlos Reis, que era acompanhado pelo conselheiro César Fernandes, inseriu a sua exposição no âmbito das boas relações existentes entre Cabo Verde e Portugal e recordou a visita que diversos deputados portugueses têm efectuado ao seu país.

Falta apoio à emigração portuguesa na Suíça

A secretária de Estado da Emigração disse ontem em Coimbra que «a rede de serviços de apoio à emigração na Suíça é largamente insuficiente». «É imperioso aumentar a rede consular naquele país de modo a prestar-se um serviço de informação jurídica mais eficiente aos emigrantes portugueses», concluiu Manuela Aguiar.

No final de uma reunião com representantes de vários departamentos governamentais suíços e com o presidente da comissão de coordenação da região centro, Manuel Porto, a responsável pela Secretaria de Estado da Emigração anunciou a reabertura, para breve, do consulado português em Zurique e a nomeação de um conselheiro social para a Suíça. «A Suíça é actualmente o único país da Eu-

ropa onde a emigração cresce e é importante que saibamos isso», afirmou Manuela Aguiar. A secretária de Estado acrescentou que «é incompreensível que o consulado português em Zurique tenha sido encerrado numa altura em que a emigração cresce na Suíça».

O director do departamento federal da emigração helvética disse, por seu turno, que as autoridades do seu país «estão interessadas em manter um espírito de colaboração com as autoridades portuguesas no sentido de proporcionar boas condições de vida e de trabalho aos emigrantes em Portugal».

Na Suíça existem cerca de sete mil portugueses com autorização de residência permanente e na globalidade mais de 40 mil emigrantes portugueses.

assembleia da república

Números reais desmentem previsões de Ernâni Lopes

Resultados sectoriais contrariam aumento do PIB

Uma fonte parlamentar disse ontem ao «DL» que as previsões do crescimento do PIB (Produto Interno Bruto) adelantadas pelo ministro das Finanças, Ernâni Lopes, na reunião da Comissão de Economia e Finanças da Assembleia da República está em contradição «não só com as previsões da OCDE, mas também com os resultados obtidos no ano passado pelos diversos sectores». Assim, aquele membro do Executivo apontou para um crescimento do PIB da ordem dos três por cento, mas, segundo dados que forneceu na referida reunião, o único sector com uma taxa de crescimento positiva foi a Agricultura e Pescas (4%). Quanto aos restantes, verificaram-se resultados negativos: Indústria (menos 3,5%) Construção Civil (menos 11%) e Serviços (menos um por cento).

De realçar ainda que o crescimento do sector da Agricultura foi sobretudo consequência de um bom ano agrícola e não da aplicação de uma política de desenvolvimento e investimento fomentada pelo poder central.

Entretanto, a proposta de Orçamento de Estado para 1985 continua a ser activamente debatida internamente tanto pelos diversos partidos, como pelas várias comissões parlamentares que, em conjunto com os respectivos responsáveis governamentais, o estudam sectorialmente.

Quanto às reuniões que a nível partidário se têm realizado, sabe-se de «um certo mal-estar» no grupo parlamentar do PSD, tendo o deputado social-democrata Silva Marques adelantado ao «DL» que se «sentia revoltado» com o Orçamento apresentado. O mesmo deputado, que prevê a necessidade de um orçamento suplementar para daqui a dez meses pois aponta para um alargamento do défice que poderá atingir os 150 milhões de contos, afirmaria que o seu descredito assenta na convicção de «não existirem indícios sérios, nem vontade de atacar as questões estruturais». Acrescentaria ainda ao «DL» que, na sua óptica «os portugueses vão ser afogados por discursos demagógicos e por simulacros de medidas». Criticou as medidas que «privilegiam o sector público em detrimento do sector



Silva Marques



Ernâni Lopes

privado» e preconizou a necessidade de um apoio efectivo à exportação, o incremento de um verdadeiro programa rodoviário, a promoção do mercado de capitais e o decréscimo da carga fiscal sobre os rendimentos do trabalho e do capital. Por outro lado, defendeu «um corte sério nas despesas de consumo corrente» e a extinção de serviços inúteis.

Quanto ao desemprego, afirmaria que ele se vai manter «artificialmente», à custa de subsídios «porque estamos num ano de eleições».

Grupo parlamentar socialista

Entretanto, Mário Soares participou ontem na reunião do grupo parlamentar socialista, onde fez uma exposição de cerca de meia hora.

Na reunião, na qual também participou o ministro de Estado, Almeida Santos, foi debatido o OE para 85 e questões relacionadas com o sector empresarial do Estado.

Segundo uma fonte citada pela ANOP, na ocasião, Soares referiu-se à reunião do Conselho de Estado, recentemente convoca-

da pelo Presidente da República, mas não manifestou «grande preocupação». Após Soares falou Almeida Santos, seguindo-se-lhe Almerindo Marques e José Lello.

O ministro de Estado fez vários considerandos sobre a proposta governamental e Almerindo Marques levantou questões relacionadas com o sector público empresarial e o IVA — imposto sobre o valor acrescentado.

Quanto à primeira questão, Almerindo Marques disse que existem «pontos relacionados com os programas para as empresas e os fundos autónomos» que «não estão bem, esclarecidos».

Em relação ao IVA, aquele deputado disse que é necessário analisar a sua introdução no sistema fiscal e os reflexos da sua aplicação na economia nacional.

O deputado José Lello abordou problemas sectoriais — disse a mesma fonte.

Administração Interna

Eduardo Pereira, da Administração Interna foi um dos ministros que ontem à tarde se reuniram em S. Bento com comissões es-

pecializadas do Parlamento para debate do respectivo capítulo do Orçamento do Estado.

Na reunião que teve com a Comissão de Poder Local da Assembleia verificou-se algum debate, sobretudo em torno de questões como acção social escolar e suas implicações para as autarquias.

Escassez de verbas para planos integrados, verbas para a construção de juntas de freguesia e a formulação do desenvolvimento regional nas Grandes Opções do Plano foram também assuntos debatidos no Encontro.

Também Mota Pinto se reuniu ontem com a Comissão Parlamentar de Defesa para analisar o Orçamento para a Defesa Nacional e Forças Armadas. A reunião contou ainda com a presença do secretário de Estado da Defesa, Figueiredo Lopes.

Condição Militar

O vice-Primeiro-Ministro pediu ao presidente da Assembleia da República que lhe forneça a identidade dos sargentos envolvidos na entrega ao Parlamento de um projecto de Estatuto da Condição Militar alternativo ao do Governo.

O vice-Primeiro-Ministro e ministro da Defesa pretende averiguar se o procedimento dos militares «constituiu — como parece — violação frontal a Lei da Defesa Nacional e a preceitos básicos disciplinares».

Mota Pinto solicitou cópia do documento entregue, bem como a titularidade dos respectivos signatários e a identidade das pessoas que fizeram a entrega — acrescentou a mesma fonte.

Foi no final da semana passada que uma comissão de sargentos dos três ramos das Forças Armadas foi recebida na Assembleia da República tendo entregue a grupos parlamentares um documento de alternativa ao projecto de Estatuto da Condição Militar apresentado pelo Governo.

Na terça-feira circularam informações segundo as quais o Conselho de Chefes de Estado-Maior iria analisar este comportamento, considerado «um acto de indisciplina» em círculos militares.

Depois de visitar Europa-América

Eanes almoçou em Mem Martins

A convite da administração das Edições Europa-América, o Presidente da República visitou esta manhã as instalações da empresa, situadas em Mem Martins. A hora de encerrarmos esta edição, o Chefe do Estado almoçava com os seus anfitriões e outros representantes da firma. Eanes regressa a Belém às 15 horas.

As 17 horas o Presidente da República recebe, em audiência, o ministro das Obras Públicas da Suazilândia, que se encontra de visita ao nosso país.

Roda Viva

Perante a iminência de uma mexida no Governo, vários ministros e secretários de Estado entram em parafuso, andam numa roda-viva, na esperança de arranjarem trunfos que lhes permitam forçar a permanência no próximo Executivo.

Almoços, jantares e «contactos informais» com a Imprensa, quando não entrevistas e declarações, têm sido ultimamente o pão nosso de cada dia de pessoas aparentemente apavoradas com a perspectiva de o seu nome deixar de figurar, a curto prazo, na lista de ministros e secretários de Estado.

Cada um desce à liça, pessoalmente ou através dos respectivos assessores de Imprensa, a lembrar tudo o que faz de bom, a ocultar o que não fez, ou então, a sublinhar que tudo o que não foi feito ou foi mal feito se deve, exclusivamente, a boicotes alheios, a travões colocados por «grupos

de pressão que entenderam minar a minha acção governativa».

Certa Imprensa apressa-se, generosa, a entrar num jogo que não é o seu — que não deveria ser seu... —, descrevendo minuciosamente o mérito da acção desenvolvida por governantes à procura da credibilidade perdida e de meios para não perderem o comboio do Poder.

E é a mesma Imprensa que, igualmente generosa, se pronuncia a dar guarida a *personalidades-abutres* que, enquanto esperam a queda do próximo para se poderem sentar dentro em breve no lugar que ele deixará vago, vão anunciando «urbi et orbi» a sua «disponibilidade» para se sacrificarem pelos «altos interesses do País».

Quem disse que isto não é uma selva?

Manuel Anta

A amizade luso-espanhola será reforçada em 85

—afirmou Jaime Gama à Rádío e TV espanholas

O ministro dos Negócios Estrangeiros afirmou ontem à Rádio e Televisão espanholas que «1985» será um ano de grande impulso nas relações políticas e diplomáticas entre Portugal e Espanha. Em declarações divulgadas por aqueles dois meios de comunicação, Jaime Gama afirmou que «a disponibilidade de Portugal é total para desenvolver as relações políticas e de amizade entre os dois países».

«Se Espanha tem agora boas relações com a França, por que motivo não há-de passar a tê-las também com o vizinho do sul?» perguntou o chefe da diplomacia portuguesa.

Jaime Gama referiu-se sobretudo ao tema do incidente que vitimou o pescador espanhol Juan Flores Guzman, em Castro Marim, há dez dias. O ministro dos Negócios Estrangeiros disse, a propósito, que o incidente que classificou de «azar» e «lamentável excepção», não «prejudicará as relações» entre os dois países. «Desde o princípio que o Governo português se manteve em pleno diálogo com as autoridades espanholas e proporcionou todos os esclarecimentos através da Embaixada de Lisboa», afirmou Jaime Gama para concluir que Lisboa se propõe «investigar toda a verdade».

Na opinião de Jaime Gama, o facto de a vítima ser de nacionalidade espanhola nada tem a ver com a administração da Justiça, pois a Lei aplicar-se-á da mesma forma como se fosse um português.

«Este incidente não foi o primeiro dos que se têm registado dos dois lados da fronteira, mas espero que seja o último» sublinhou o ministro português. «Espero que incidentes desta natureza não se repitam e que, do ponto de vista das relações globais não prejudiquem os desejos dos dois povos, dos dois governos e dos dois Estados de manterem boas relações», concluiu o ministro.

Mulheres desfilam em Vila Franca

Quarenta mulheres do MDM desfilaram quarta-feira pelo centro de Vila Franca de Xira com cartazes exigindo «um futuro me-

lhor para os nossos filhos» e afirmando «nós mulheres, dizemos não aos aumentos».

No final do desfile deslocaram-

se à Câmara onde pediram ao presidente, Daniel Branco, que a autarquia a que preside seja porta-voz do protesto das mulheres do concelho.

Revela relatório do ICE

Países de língua portuguesa não esgotam bolsas de estudo à disposição

O número de bolsas utilizadas pelos países africanos de língua portuguesa aumentou em 1983, mas não atingiu ainda o quantitativo posto à disposição pelo Instituto de Cooperação Económica (ICE), de acordo com o relatório deste organismo.

O relatório de actividades do ICE para o ano de 1983, a que a NP teve acesso, indica que a utilização de bolsas por Angola e Cabo Verde ultrapassou o quantitativo negociado nas reuniões das comissões mistas de cooperação.

Em 1983 frequentaram cursos financeiros pelo ICE 94 cabo-verdianos, quando no ano anterior o total fora de 65. O número decidido para 1983 era de 80.

Quanto a Angola, o número de bolsistas passou de 55 em 1982 para 92 em 1983, tendo neste ano sido ultrapassado em 22 o

número de bolsas decidido pela comissão mista.

Guiné, São Tomé e Príncipe e Moçambique não utilizaram todas as bolsas postas à sua disposição. Destes três países, só a Guiné viu aumentado o número de bolsistas entre 1982 e 1983, mas o acréscimo é pouco significativo: de 39 para 43.

No total dos cinco países africanos de língua portuguesa, o número de bolsas do ICE utilizado aumentou de 255 em 1982 para 301 no ano seguinte. As bolsas oferecidas totalizavam 340.

Na maior parte dos casos, estas bolsas referem-se a cursos de duração curta ou média de formação e especialização profissional realizados com a colaboração de quase uma centena de instituições e empresas portuguesas.

Na hora da adesão europeia

Não existe política do ambiente em Portugal

O lançamento de resíduos radioactivos no Atlântico por parte de países da CEE, que assim se livram desse lixo à custa de outros, foi ontem considerado pelo professor Santos Oliveira um exemplo de transferência de poluição intracomunitária, na abertura do simpósio sobre «As Consequências da Entrada de Portugal na CEE no Domínio do Ambiente».

O orador, docente da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, defendeu «soluções ecologicamente correctas e tão favoráveis quanto possível economicamente». Frisou ainda que Portugal já tem grandes problemas de poluição, como a acumulação de resíduos e de matérias tóxicas em muitos locais do País.

«As manchas de ecossistemas mais ou menos primitivos e as espécies animais e vegetais próprias ainda não extintas, vão sofrendo a erosão cada vez mais agressiva da urbanização e da industrialização inconsciente», afirmou.

Santos Oliveira acentuou ainda que não existe uma política de Ambiente, estando Portugal no momento de pré-adesão à CEE numa situação contraditória: «simultaneamente frágil, mas cheia de possibilidades».

Recordando que Portugal pode recolher da Europa um capital imenso de experiências, regimes jurídicos já testados em matéria de ambiente, Oliveira Santos alertou, por outro lado, para a necessidade de adaptar essas experiências às realidades do País

«sem seguidismos ou complexos de inferioridade».

No simpósio, que hoje termina, participam altos funcionários do Ministério da Qualidade de Vida, professores, técnicos, autarcas e os responsáveis na CEE pelas tecnologias limpas e de sensibilização destas questões, respectivamente, Jean Marie Junger e Arturo Monfort.

A poluição atmosférica, da água e sonora, conservação da Natureza e defesa do consumidor foram temas abordados na sessão de ontem.

Hoje, os conferencistas tratarão da entrada na CEE da situação das indústrias portuguesas e nas autarquias, a tipologia do desenvolvimento do ponto de vista ambiental e a perspectivas na CEE sobre tecnologias limpas.

RDP: eleições de representantes dos órgãos sociais

A mesa da Assembleia Geral de Trabalhadores (AGT) da RDP defendeu a legitimidade da convocação de eleições para hoje para representantes dos trabalhadores nos órgãos sociais da empresa.

A mesa da AGT contesta a afirmação pública do secretário de Estado da Tutela, Anselmo Rodrigues, de que os trabalhadores tinham ultrapassado o prazo previsto na lei para eleição dos seus representantes.

Recorda a mesa da AGT da Radiodifusão Portuguesa que o secretário de Estado da Tutela não aceitou o resultado das eleições efectuadas em 19 de Julho de 1984, alegando falta de quorum.

A mesa da AGT afirma que a falta de quorum não impede preenchimento dos cargos em novas eleições, como sucede com órgãos dimanados da Assembleia da República.

Acrescenta que os trabalhadores eleitos desistiram dos cargos «por recomendação da Procuradoria da República», pelo que em qualquer situação de vacatura dos cargos há sempre lugar para o seu preenchimento.

Afirma ainda a mesa da AGT da RDP que pediu para responder a afirmações do secretário de Estado Anselmo Rodrigues em entrevista à Antena Um, primeiro ao responsável pelo espaço noticioso e depois ao director de Informação, pedindo uma resposta até ao dia 15 de Janeiro àquela pretensão, o que ainda não se verificou.

Contactado o director de Informação da RDP, Marques de Almeida afirmou à ANOP que a exigência de espaço de antena feita pela mesa da AGP se tratava de um pedido de direito de resposta, pelo que pediu parecer ao Gabinete Jurídico da empresa.

Adiantou que embora não tenha ainda resposta oficial, soube já que o parecer daquele Gabinete Jurídico nega que haja lugar ao direito de resposta.

Considera ainda que o pedido de direito de resposta chegou fora do prazo.

Administração Pública: «mexidas» à vista

A Comissão Interministerial de Reestruturação da Administração Pública apresenta em Fevereiro uma proposta de «eliminação, fusão ou reorganização» de direcções-gerais, serviços ou institutos públicos, disse fonte oficial.

A Cirap, recentemente constituída em Conselho de Ministros, cumprirá o prazo que na mesma ocasião lhe foi estipulado para apresentação da proposta.

Os serviços visados na proposta são aqueles cuja «finalidade se encontre esgotada ou que prossigam objectivos paralelos, sobrepostos ou complementares», acrescentou o mesmo elemento.

A proposta, segundo a mesma fonte, será acompanhada de «um projecto de estatuto e de gestão dos excedentes de pessoal que daí resultarem».

O mesmo elemento disse ainda que outras propostas de reforma se seguirão, mormente no que «se refere ao estatuto e à política de pessoal da função pública, à utilização de informática, à gestão dos edifícios públi-

cos e ao regime jurídico das empreitadas de obras públicas e da aquisição de móveis e imóveis».

A CIRAP fará ainda propostas referentes ao «processo administrativo gracioso, à valorização do património do Estado e da sua utilização e à revisão dos institutos públicos e fundos públicos não personalizados».

A mesma fonte revelou ainda que a CIRAP irá prestar «particular atenção» à criação de «condições para estabelecer, para o sector administrativo do Estado, gradativamente e a partir de 1986, orçamentos de base zero».

O orçamento de base zero obriga os departamentos da administração pública a, todos os anos, justificarem todas as verbas que solicitam para as suas actividades, em vez do que acontece actualmente.

A CIRAP é presidida pelo ministro da Justiça, Rui Machete, tendo como coadjuvantes os secretários de Estado da Administração Pública, Bento Meneses e do Orçamento, Alípio Dias.

ME já nem paga a tarefas

E deixa sem escola uma centena de crianças deficientes auditivas

Cerca de uma centena de crianças deficientes auditivas de idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos, ficam a partir desta tarde sem um local onde possam ser assistidas e ensinadas.

São as crianças que frequentam o Núcleo de Apoio às Crianças Deficientes Auditivas, à rua da Junqueira, em Lisboa, dependente da Direcção-Geral do Ensino Espacial do Ministério da Educação.

A partir de hoje à tarde, o Núcleo que, embora funcionando há uns anos, nunca foi oficialmente criado pelo ME, fica encerrado. A razão é a não renovação pelo Ministério da Educação dos contratos de duas funcionárias tarefas, que trabalhavam,

uma no turno da manhã, outra no turno da tarde, e cujo serviço é absolutamente indispensável ao estabelecimento.

Apesar do contrato, com validade de três meses, ter terminado a 31 de Dezembro último, as tarefas continuaram nas suas funções até ontem, dia em que o Ministério da Educação deu por encerrado o assunto. Como o pessoal efectivo do Núcleo, não chega para manter em funcionamento um estabelecimento desta natureza, a responsável viu-se obrigada a encerrá-lo.

Resultado: esta manhã, os pais que se dirigiram ao Núcleo para lá deixar como habitualmente os seus filhos (frequentadores do turno da manhã), foram

informados de que a partir desta tarde o Núcleo de Apoio ficava encerrado.

Os pais então mobilizaram-se e dirigiram-se em manifestação às instalações do Ministério da Educação na avenida 24 de Julho, para saber qual a solução que o ME se propõe dar a esta centena de crianças crescidas de ensino especial.

«Já temos tão poucos apoios para os nossos filhos deficientes, agora, assim sem mais nem menos, dum dia para o outro, ficamos sem este apoio. Que vai ser dos nossos filhos?», interrogavam-se esta manhã algumas mães, entre lágrimas.

A resposta deverá ser dada pelo Ministério da Educação.

Especialista sustenta

Galegos e minhotos conservam identidade

Galegos e minhotos «conservam em comum na alma e no sangue a marca de identidades que não se podem ignorar», afirmou ontem em Orense (Espanha) o professor Eugénio de Castro Caldas, no âmbito da Quinzena Cultural de Arcos de Valdevez organizada pelo Grupo de Estudos do Património Arcuense.

Castro Caldas, numa conferência sobre «A Galiza e o Minho: as fronteiras que nos unem», declarou ainda que a «marcha da humanidade na exploração dos recursos naturais tem sentido unitário e civilizacional».

«Contudo, à partida, o quadro não oferece homogeneidade, pois as diferenças de latitude e de altitude, a configuração dos continentes e dos oceanos, determi-

nam vocações regionais que se acentuam face à criatividade do trabalho humano», prosseguiu.

Este docente da Universidade de Aveiro afirmou que «o mundo encontra-se regionalizado» e sublinhou que «a regionalização é uma realidade viva e o problema da diversidade geo-humana é de fundo, tem a ver com o efémero de factos e acontecimentos históricos ou políticos que introduzem nos sistemas regionais dinamis-mo próprios».

Referindo-se ao facto de existirem «fronteiras que unem os povos da Península Ibérica», sustentou que «há 30 séculos, povos de origem obscura, movimentaram-se pelas cumeadas, contornando os paús onde a selva, com seus animais bravios dominava,

construindo nas colinas pequenos povoados».

«Tempo depois teriam chegado pastores celtas — revelou — que multiplicariam nas colinas os povoados a que deram o nome de crastos ou citânias quando amuralhadas».

Segundo Castro Caldas, nasceu assim a civilização castreja que delimitou a nova fronteira onde a Galiza, o Minho e o Douro permaneceram unidos «na identidade das tribos e dos clãs, amarrados ao terreno, em abraço fraterno, de um modo «bárbaro» como haviam de ser vistos pelos civilizados do Ocidente».

«Não se pode avaliar se os galegos-minhotos de tão longínqua época, trocavam convívio com babilóneos, assírios, cretenses,

ou mesmo egípcios, pois, a partir do século XII a.C. comerciavam com fenícios e mais tarde com navegadores gregos».

«Uns e outros estabeleceram colónias no litoral ibérico, ajudando a progredir e a elaborar dialectos», informou o conferencista, referindo, por outro lado, que a civilização castreja manteve-se indiferente «aos industrialismos tartéssicos peninsulares do Sul, ignorou a presença de Cartago no Mediterrâneo e o duríssimo desenrolar das Guerras Púnicas com os romanos».

A quinzena cultural dos Arcos de Valdevez, que decorre no Aterro de Orense, encerra amanhã com uma festa regional de danças e cantares dos dois países ibéricos.

Juizes protestam (também) em Vila Real

A dignidade e as condições de trabalho dos juizes do distrito de Vila Real foram motivo de protesto de magistrados em reunião ontem com a Imprensa.

As carências, nomeadamente quanto às condições de trabalho, verificam-se sobretudo nos concelhos de Sabrosa, Murça, Botas e Vila Real.

«Há problemas com a dignidade dos juizes, nomeadamente nos aposentados, onde, em certos casos, têm de conviver com indivíduos que ora são réus ora são ofendidos», disse o juiz Cachapuz Guerra de Vila Pouca de Aguiar.

Os juizes manifestaram o seu desagrado pela não consagração dos tribunais como órgãos de soberania, nomeadamente em questões de vencimentos e aludiram à necessidade de cria-

ção de novos tribunais e à falta de legislação adequada nos sectores penal e civil.

«Temos consciência da gravidade que significa para os cidadãos termos a Justiça lenta e pesada, mas trabalhamos aos fins-de-semana e fora de horas. Contudo não há simplificação nos tribunais para que a Justiça seja mais rápida» lamentaram os magistrados.

No Tribunal de Vila Real, dado que os serviços triplicaram com os novos órgãos que apareceram e se perturbam mutuamente «está-se a atingir a situação de ruptura» disse Emídio Rodrigues do Segundo Juízo de Vila Real que denunciou ainda a falta de aquecimento em quase todos os tribunais da região de Trás-os-Montes.

ESCOLA DE MÚSICA DE LISBOA

Aceitam-se candidaturas de diplomados em Violino, até ao dia 20 do corrente para contratação de 1 professor, em horário completo ou parcial.

Os candidatos deverão entregar os currículos na Secretaria.

ESCOLA DE MÚSICA DE LISBOA — Rua dos Caetanos, 29 — 1200 LISBOA

FUP edita jornal

Encontra-se já em circulação o segundo número do jornal «Informação FUP», cujas páginas são fundamentalmente dedicadas ao chamado «Caso FP-25 de Abril». A visita, no fim do ano passado, de uma delegação de parlamentares europeus a Portugal com o objectivo de se informar sobre a prisão de Otelio Saraiva de Carvalho; uma carta

dos presos do «Caso FP» na Penitenciária de Lisboa; extractos de artigos publicados no «Jornal de Notícias» e no «Diário de Lisboa» a propósito deste processo e um poema de José Fanha — «Que é feito do mês de Abril?» — são alguns dos assuntos abordados na edição de Janeiro/Fevereiro de 1985 do órgão de Informação da FUP.

Em OLHAO o **Diário de Lisboa** esta a vendano Quiosque da Praça Patrão Lopes

FAUL apoia redução de rendas

O Secretariado da Federação da Área Urbana de Lisboa do Partido Socialista congratulou-se pela aprovação pela Câmara de Lisboa das novas rendas subsidiadas pela habitação social.

As novas rendas passam a ser fixadas em pouco mais de metade do que anteriormente se verificava e são subsidiadas para todos os agregados que tenham um rendimento inferior a quatro salários mínimos nacionais.

«Surpreendentemente, a APU, votou contra esta redução de ren-

das que vai beneficiar as famílias mais desfavorecidas da cidade que conseguem obter habitação social na Câmara» considera um documento da FAUL, do PS.

A proposta aprovada dos vereadores do PS prevê a actualização anual das rendas de habitação atribuídas a partir de agora em função do aumento do rendimento familiar, mas sem ultrapassar nunca a percentagem de aumento do salário mínimo — assinala o documento.

APU comenta operação Vale de Chelas

Abecasis quer transferir terrenos municipais para as grandes empresas de construção

O presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Nuno Abecasis, pretende, com a operação Vale de Chelas, transferir terrenos municipais para as grandes empresas de construção civil, acusou ontem o vereador Silva Graça que falava durante uma conferência dos eleitos da APU. No encontro com os jornalistas, os vereadores da Aliança Povo Unido comentaram ainda outras afirmações do presidente da edilidade proferidas na conferência de Imprensa de 27 de Dezembro.

O projecto apresentado por Nuno Abecasis e que, como o «DL» noticiou, apanhou de surpresa os elementos da oposição na câmara — por não ter sido debatido no executivo camarário — foi classificado como «mais um grave atentado contra Lisboa».

Silva Graça fez questão em sublinhar que a «operação Vale de Chelas» é igual à do Alto do Lumiar: a Câmara vende os terrenos a preços reduzidos — 1700 escudos por metro quadrado no Lumiar e 500 escudos no Vale de Chelas — comprometendo-se as empresas à construção de equi-

pamentos e infra-estruturas. Em troca recebem a garantia de escoamento de parte dos fogos construídos para venda em mercado livre. A circunstância destes projectos serem definidos para realojamento de pessoas a viverem em áreas degradadas — 1330 famílias no Vale de Chelas — mereceu alguns reparos. «A iniciativa privada nunca resolveu o problema das camadas insolventes», considerou Silva Graça. «Essa é uma tarefa do sector público, municipal e estatal como aconteceu na Europa do pós-guerra», salientou aquele vereador.

Por isso, e dada a natureza dos projectos, que só podem ser realizados por empresas de grande dimensão, a APU acentua que estão ameaçados neste momento 4 milhões de metros quadrados que, a irem parar à mão de privados, comprometerão irremediavelmente a gestão urbanística da cidade. Esta conclusão assenta no facto de que, dos 7475 fogos planeados para o Vale de Chelas, apenas 1330 se destinam ao realojamento das populações locais

insolventes, sendo os restantes 6145 para venda de acordo com as regras do mercado. Ou seja, tal como no Lumiar, área em que se construíram seis vezes mais casas do que as necessárias para realojar as populações locais, em Chelas seriam construídos 5,6 vezes mais fogos do que os necessários com a mesma finalidade. Por isso, num país onde existem actualmente 40 mil fogos por vender, o mercado receberia um «reforço», no Alto do Lumiar e em Chelas, de, respectivamente, 17 mil e 6154 casas. Ou seja, estes empreendimentos colocariam, conjuntamente com os da EPUL e outros privados, num prazo de dez anos em Lisboa um número de fogos que demoraria três décadas a escoar. Este facto, de acordo com os eleitos da APU, reforça a convicção de que o pretendido é uma transferência na posse de terrenos, facto agravado pela não existência de um cadastro.

Construir em linhas de água

Para que as grandes empresas abracem estes projectos,

para além do reduzido preço do terreno, a não construção ou edificação mínima de equipamentos e infra-estruturas, apesar de garantidas no caderno de encargos, será outra das «soluções», segundo revelou a APU. Através da alteração do respectivo contrato, sob pretexto que o escoamento não se efectivou por falta de compradores, situação mais que previsível, atendendo à crise económica.

Sob o ponto de vista técnico estes projectos foram também criticados. O arquitecto Fernando Torres sublinhou que a proposta admite 925 habitantes por hectare, o que é «cerca de quatro vezes superior ao que o Plano Director prevê».

Relativamente ao equipamento escolar previsto para o Vale de Chelas, Rui Godinho sublinhou que se prevê a construção de 50 por cento das necessidades, «o que implica a existência de dois turnos, quando toda a gente — professores, comissões de pais, etc. — pretende uma ocupação global do tempo dos alunos». Rui Godi-

nho adiantaria que «nem todas as zonas têm aptidão urbana, pois o Vale de Chelas é uma das três grandes linhas de água de Lisboa, por onde se escoam as águas das chuvas, donde, atraindo as grandes inundações». «A construção poderá impermeabilizar os solos e não foi feito nenhum estudo hidrologico: esta é uma forma impensável de realojar pessoas», sublinhou.

A redução de barracas

Os eleitos pela APU manifestaram também a sua preocupação de que «a propósito da resolução do problema do Casal Ventoso e do Vale de Alcântara, o presidente da Câmara Municipal de Lisboa avance com a sua operação especulativa, e inicie a destruição do pulmão verde da capital (Monsanto). Esta é a interpretação dada às palavras de Nuno Abecasis, na conferência de Imprensa de 27 de Dezembro, quando referiu ser possível resolver as carências habitacionais da cidade, «se os ecologistas não me chatearem»...

Silva Graça referiu-se também

aos números apontados pelo presidente da CML, em relação às barracas existentes. Abecasis declarou que em 1980, data do início dos seus mandatos, existiam em Lisboa 30 mil barracas, «quando os números oficiais publicados pela Santa Casa da Misericórdia falam de 9837; isto para dizer que só há agora 18 mil, ou seja, por sua obra e graça, cerca de 12 mil barracas teriam desaparecido na cidade». De acordo com Silva Graça a verdade é bem diferente: «em 1979/80 existiam entre 15 e 18 mil barracas na cidade de Lisboa, número que em termos gerais se mantém ou até se agravou».

Por fim, os eleitos da APU desafiaram o presidente da CML e representantes das forças políticas que compõem o executivo camarário para um debate na TV e Rádio, «por forma a que a opinião pública possa julgar e ajuizar em consciência», e apelaram para os vereadores do PS para que juntem os seus votos e derrotem os projectos de Nuno Abecasis.

A partir de 1 de Fevereiro próximo

Atribuição de subsídio de desemprego tem novas regras

Os trabalhadores portugueses em situação de desemprego involuntário passam a dispor, a partir do próximo dia 1 de Fevereiro, de um novo esquema de seguro de desemprego, integrado no regime geral de Segurança Social, segundo um diploma conjunto da Presidência do Conselho de Ministros, ministérios da Justiça, Finanças e do Plano e do Trabalho, e Segurança Social, hoje publicado no «Diário da República».

O decreto-lei n.º 20/85 estabelece que podem beneficiar do subsídio os indivíduos que tenham trabalhado por conta de outrem durante pelo menos três anos, que estejam em situação de desemprego involuntário, tenham capacidade e estejam disponíveis para o trabalho, estejam inscritos como candidatos a emprego sejam beneficiários do regime geral da Segurança Social e não sejam beneficiários de pensão de invalidez ou de velhice.

O diploma considera «desemprego involuntário» aquele em que a cessação do contrato de trabalho ocorre por decisão unilateral da entidade empregadora ou por termo do prazo do contrato.

O subsídio de desemprego deve ser requerido pelo trabalhador no Centro Regional de Segurança Social pelo qual é abrangido no prazo de três meses a contar do dia em que perdeu o emprego.

Para obviar à morosidade dos processos, o diploma permite a atribuição provisória do subsídio pelo prazo mínimo de seis meses, com base nas declarações prestadas sob compromisso de honra pelo trabalhador, e com a verificação da entrada das folhas de remuneração referentes aos 12 meses imediatamente anteriores ao segundo mês que antecede a data de desemprego.

O montante do subsídio de desemprego é equivalente ao subsídio pecuniário que ao trabalhador seria atribuído em caso de doença. Contudo, o montante não poderá ser superior ao triplo da remuneração mínima garantida por lei, nem inferior a esse mínimo.

O subsídio de desemprego, além do período mínimo de concessão (seis meses), é atribuído um mês por cada período de 12 meses seguidos ou interpolados de desemprego com entrada de folhas de remuneração.

Decorrido o prazo de concessão do subsídio de desemprego, o trabalhador que tiver 62 anos poderá requerer a pensão de reforma por velhice.

O subsídio, cujo processo de instrução e controlo é da responsabilidade dos centros regionais de Segurança Social, tem a concessão suspensa durante o período de emprego ou ocupação por conta própria inferior a 36 meses, durante o período de concessão de subsídio de maternidade ou paternidade e durante o período de prestação de serviço militar.

O subsídio deixa de ser pago com o termo do prazo de concessão, quando o beneficiário estiver empregado ou ocupado por conta própria durante pelo menos 36 meses, se o beneficiário recusar um emprego ou um curso de formação profissional, com uma segunda falta de comparência não justificada ao centro de controlo, com a passa-

gem do beneficiário à reforma por invalidez ou por velhice, ou com a verificação de terem sido prestadas declarações falsas.

As normas deste diploma serão fiscalizadas pela Inspecção-Geral do Trabalho, em articulação com os serviços de fiscalização dos centros regionais de Segurança Social.

Simultaneamente, o decreto-lei institui um subsídio social de desemprego, no âmbito de um esquema não contributivo de protecção no desemprego.

Têm direito a este subsídio social de desemprego os trabalhadores que, além de reunirem as condições previstas para o seguro de desemprego (mas não beneficiários do regime geral de Segurança Social), tenham esgotado os prazos de concessão de subsídio de desemprego e tenham sido trabalhadores por

conta de outrem a tempo inteiro durante pelo menos 180 dias nos 360 dias anteriores à data do desemprego, com a correspondente entrada de folhas de remunerações para o regime geral de Segurança Social.

O montante diário desse subsídio, tendo como base a remuneração mínima garantida por lei para o sector de actividade respectivo, de 100 por cento para os trabalhadores com 6 ou mais pessoas a cargo, de 90 por cento para trabalhadores com 3 a 5 pessoas a cargo, 80 por cento para menos de três pessoas a cargo e de 70 por cento para trabalhadores sem ninguém a cargo.

O subsídio social de desemprego é concedido pelo período de 15 meses, mas nos últimos 90 dias, sofre uma redução de 20 por cento.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS SINDICATOS DOS TRABALHADORES DA FUNÇÃO PÚBLICA

CONVOCATÓRIA

Nos termos e para os efeitos do disposto na secção II dos Estatutos, convoca-se o Congresso da Federação Nacional dos Sindicatos dos Trabalhadores da Função Pública para reunir em sessão ordinária nos dias 19 e 20 de Abril de 1985, em Lisboa, com a seguinte

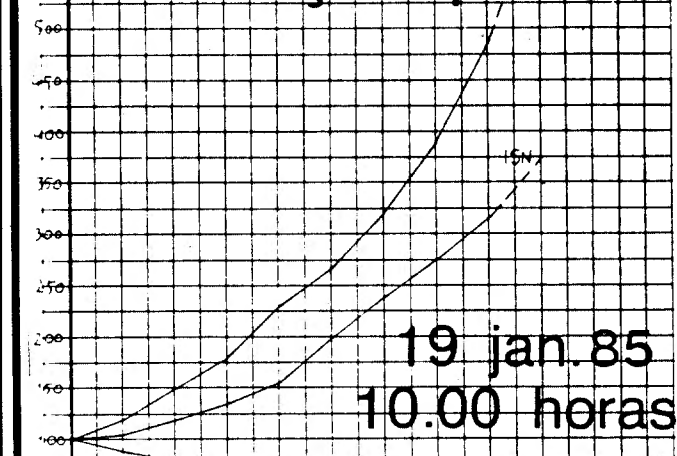
ORDEM DE TRABALHOS

1. Discussão e votação do Regulamento de Funcionamento do Congresso,
2. Apresentação e votação do Relatório de Actividades do Secretariado,
3. Apresentação, discussão e votação das propostas de Estatutos e do Regulamento Eleitoral,
4. Apresentação, discussão e votação das Propostas de Programa de Acção para o triénio 1985/1988,
5. Eleição dos órgãos dirigentes da Federação.

Lisboa, 8 de Janeiro de 1985

A Comissão Nacional Organizadora do Congresso

encontro nacional dos quadros e técnicos da função pública



NO INSTITUTO NACIONAL INVESTIGAÇÃO PISCAS DOCAPECA * ALGÉS

O Encontro será aberto a todos os quadros e técnicos da Função Pública.

Nele serão abordados os seguintes temas:

- Situação da Administração Pública e papel dos Quadros Técnicos
- Emprego e valorização profissional
- Carreiras e remunerações



federação nacional dos sindicatos da função pública

Em ALVERCA o **Diário de Lisboa** vende-se na TABACARIA LUSA Rua Joaquim Sabino Faria, 16

de ontem para hoje

Falsificavam em Beja passaportes para cabo-verdianos

A PSP de Beja afirma ter detectado naquela cidade uma rede de falsificadores de bilhetes de identidade que actuava sobretudo ao nível das comunidades de cabo-verdianos. Os documentos foram detectados no momento da apresentação no Governo Civil de Beja de pedidos de passaportes. A investigação do caso foi entregue à Polícia Judiciária.

A morte da enfermeira em Monsanto



No 1.º Juízo Criminal da Boa Hora, presidido pelo dr. Armando Miranda, iniciou-se o julgamento de Pedro Infante Henrique de Oliveira e de sua mulher, Maria Getrudes Pereira Carlos, acusados de, em Agosto do ano passado, terem consumado o assassinio da enfermeira da Maternidade Alfredo da Costa, Maria do Carmo Henriques (foto). Tal como ficou provado na primeira audiência, Pedro Infante assassinou em Monsanto a sua prima e madrinha de casamento, ao tentar extorquir ao marido desta a importância de três mil contos, alegando pertencer às FP-25. Maria Getrudes, defendida pelo dr. Proença de Carvalho, é acusada de cumplicidade no crime. Como patrono de Pedro Infante está o dr. António Bica. O julgamento prossegue no próximo dia 21.

Dois bombeiros feridos em Aveiro

Dois bombeiros ficaram feridos no incêndio que destruiu parcialmente uma casa em Vacariça, Aveiro, propriedade do pedreiro Mário Manuel Marques Felício, que avaliou os prejuízos em cerca de mil contos, não cobertos pelo seguro. O sinistro foi provocado por uma fogueira acesa na cozinha da residência. Os bombeiros feridos, dos Voluntários da Mealhada, são António Capela e Fernando Oliveira.

Assalto a posto de combustível

Um posto de venda de combustíveis, junto do Motel Alameda, em Albergaria-a-Velha, foi assaltado por um indivíduo de rosto coberto e armado de caçadeira, que conseguiu apoderar-se de 60 contos em dinheiro que estavam guardados na gaveta do escritório. No local estavam de serviço dois gasolneiros que nada puderam fazer. Momentos antes do assalto, a gerência do posto havia levantado 200 contos, correspondentes à receita do dia. A ocorrência foi participada à Polícia Judiciária de Aveiro.

Jovem alvejado por vizinho na Caparica

Ao insistir em colocar um tapete no muro comum das suas residência na Charneca da Caparica, um jovem de 19 anos, de apelido Rodrigues, foi ferido a tiro de caçadeira pelo seu vizinho, Dias, de 50 anos, mais tarde capturado pela GNR de Almada, e detido na cadeia de Setúbal. Quanto ao jovem Rodrigues recolheu em estado crítico ao Hospital de S. José.

Javalis ameaçam culturas na Guarda

Produções agrícolas da região de Celorico da Beira, no distrito da Guarda, estão a ser destruídas por javalis. Segundo Fátima de Almeida, presidente da edilidade, as regiões de Linhares da Beira e Penha de Prados são as mais afectadas. As culturas destruídas dizem respeito essencialmente a produtos hortícolas, milho e vegetais.

Um tiro na frente por um relógio

Um empregado de mesa, Manuel Fernandes dos Santos, de 26 anos, foi assaltado em plena via pública, em Gaia, por dois indivíduos que, antes de lhe roubarem o relógio de pulso, o alvejaram com um disparo de uma espingarda de pressão de ar, que o atingiu na frente. Manuel dos Santos teve de ser medicado no hospital local.

Septuagenário desaparecido em Ourém

A Polícia Judiciária de Tomar procura localizar António Augusto Lopes, de 78 anos, que, em 14 de Dezembro passado, desapareceu da sua residência, no lugar da Lagoa do Furadoiro, no concelho de Vila Nova de Ourém. O septuagenário, que sofre de frequentes falhas de memória, tem 1,65 m de altura, cabelos brancos, olhos verdes e na ocasião em que desapareceu vestia calças de ganga de cor azul, camisa axadrezada de cor vermelha e calçava sapatilhas cinzentas. Qualquer informação sobre o seu paradeiro deverá ser dirigida para a PJ de Tomar (telefones 31734 e 31334) ou para a



autoridade policial mais próxima.

Aproveitou a doença para furtar

A PSP de S. João da Madeira deteve um indivíduo de 35 anos, Augusto Rodrigues Correia, acusado de ter praticado vários furtos no Hospital de Oleiros, em Vila da Feira, onde esteve internado. Os furtos incidiram particularmente sobre artigos de enfermagem e medicamentos.

Lopes Cardoso também levantou dúvidas...

Terrenos comprados pelo "Metro" sob a alçada da Alta Autoridade

O Governo anunciou que vai solicitar à Alta Autoridade Contra a Corrupção a sua intervenção imediata no caso dos terrenos comprados pelo Conselho de Gerência do "Metro" no Lumiar. A intervenção, aliás, fora já solicitada em Dezembro último, vindo agora a ser reafirmada de modo a que possa ser dada cabal resposta a uma dúvida manifestada por Lopes Cardoso na passada terça-feira num debate televisivo.

O "Metropolitano" adquirira ao Luna Parque por 40 mil contos parcelas de terreno designadas por "Quinta do Lambert" para extensão do comboio subterrâneo, valor que posteriormente viria a

ser reconhecidamente excessivo.

Em Setembro do ano passado a Inspeção-Geral de Finanças alertou o Governo para eventuais irregularidades praticadas quando da transacção dos terrenos, argumentando que o "Metropolitano" não teria adoptado as normas e procedimentos indispensáveis para assegurar a realização das operações nas condições mais vantajosas para a empresa.

A comissão de fiscalização da empresa concluiu em 16 de Outubro que o "Metropolitano" fora logradado na transacção pela "Geplan", empresa que fizera a avaliação do terreno, acusando esta

última de "negligência grave".

Face a este parecer, o secretário de Estado dos Transportes instruiu a Inspeção-Geral de Finanças no sentido de aprofundar o caso para uma tomada de medidas.

A 5 de Dezembro, Murteira Nabo lavrou novo despacho de exterminando a despesa, em conjunto com outras averiguações, do apuramento da actualização da "Geplan" enquanto se aguardasse a análise da Inspeção das Finanças e posição final da Secretaria de Estado das Finanças.

Apesar de a Repartição de Finanças ter avaliado o terreno,

para efeitos de sisa, em cerca de 48 mil contos, a Inspeção de Finanças pouco depois do Natal concluiu que se mantinham as dúvidas iniciais e que só uma investigação directa junto dos vários intervenientes do negócio permitiria avançar no sentido de um esclarecimento total.

Considerou ainda a Inspeção de Finanças que as compras dos terrenos eram inatacáveis do ponto de vista jurídico.

Tudo o processo foi finalmente remetido à alta Autoridade Contra a Corrupção. Enquanto isso, continuam paralisados os trabalhos de extensão do "Metro" àquela zona de Lisboa.

Adjudicação de autoestradas no Norte

"Brisa" vai à frente mas nada está decidido

A proposta apresentada pela Brisa — Auto-Estradas de Portugal para a construção do troço Porto-Famalicão e Porto-Braga foi ontem seleccionada por uma comissão que inclui representantes de vários Ministérios. Depois desta primeira fase de selecção, a comissão analisará a proposta em detalhe, para o que dispõe de dois meses.

O Governo deverá então decidir a adjudicação à Brisa da obra em questão, o que na opinião dos outros participantes no concurso "ainda não está dito". Eles acrescentam, de resto, que "até agora ainda nada está decidido e o facto de a proposta de Brisa ter sido a escolhida não significa que seja ela a receber a concessão", segundo o representante de uma das firmas concorrentes.

"O projecto é muito complexo e prevê a construção, exploração e manutenção da auto-estrada.

Tudo é ainda possível" — sublinhou o nosso representante.

O concurso para a construção da referida auto-estrada foi aberto em Novembro de 1984, tendo a Junta Autónoma das Estradas (JAE) recebido quatro propostas de duas firmas singulares e de dois consórcios: a Brisa, a AENOR (Auto-Estradas do Norte), a Soares Costa, em consórcio com três empresas francesas (A. Dodin, Beugnet e Transroute) e um consórcio italiano (Imprezit Construzione SPA, Italstrade e Impresa Eng. Lodigiani, SPA).

As três outras entidades foram excluídas pelo facto de as suas propostas não estarem completas, nomeadamente por não terem apresentado o documento de caução no valor de 500 mil contos requerido pelo aviso de concurso.

A Brisa foi criada em 1972, tendo-lhe sido concedido o direito e a obrigação de construir as auto-

estradas portuguesas (entre as quais a de Porto-Famalicão), numa extensão de 408 quilómetros. Entretanto, em Agosto de 1984 o Governo retirou-lhe a concessão da construção dos lançamentos entre Porto e Famalicão, por alegada incapacidade financeira.

"A Brisa não tem dinheiro porque o contrato de 1972 nunca foi cumprido pelo Governo, o qual nunca lhe pagou as contrapartidas anuais previstas inicialmente" — explicou à NP uma fonte da Brisa.

A proposta-base que vai agora ser analisada em detalhe refere-se à construção dos troços Porto-Cruz e Porto-Aguas Santas, numa extensão de cerca de 50 quilómetros.

Refira-se que, dos 408 quilómetros de auto-estradas previstas em Portugal, apenas 186 foram construídos até agora, restando uma extensão total por construir de 222 quilómetros.

A até agora paravam frente ao Marquês de Pombal

Estacionamento de autocarros no topo do Parque Eduardo VII

Os autocarros de longo e médio curso que até agora estacionavam indevidamente à entrada do Parque Eduardo VII, junto ao Marquês de Pombal, passaram desde ontem a utilizar um terreno cedido pela CML, localizado ao cimo do referido parque, na Avenida Sidónio Pais, frente ao Palácio da Justiça. Nesse terreno, até agora não aproveitado, irá ser construído um terminal central auxiliar de camionagem, cujas obras terão início dentro de poucos dias. Este terminal será formado por um pavilhão com bilheteiras, um restaurante, sala de espera e sanitários.

Segundo revelou o arquitecto Vilanova, responsável pelo pelouro do Trânsito, a CML projecta ainda a construção de um outro terminal provisório em Entre-

campos, enquanto aguarda a possibilidade de levar por diante o seu projecto de construção de um terminal definitivo, nos terrenos onde se encontra agora instalada a Feira Popular. Estes terrenos foram já adquiridos pela Direcção-Geral de Transportes, mas, de acordo com o arquitecto Vilanova, "a deslocação da Feira Popular para outro local oferece dificuldades e não será nos anos mais próximos que o problema ficará resolvido".

Quanto a todos os autocarros da Rodoviária Nacional dispersos em parqueamentos pela cidade passam também, desde já, a estacionar obrigatoriamente no parque da Avenida Sidónio Pais. Os autocarros de empresas como a Mundial Turismo, Novo Mundo, Avic, Eavt e Concorde,

que dispõem de apoios pontuais na cidade e não utilizam o Parque Eduardo VII, só serão transferidos para o terminal auxiliar quando for construído o pavilhão. Na parte central do Parque Eduardo VII, passou a ser proibido todo o tipo de trânsito e, na parte lateral, autorizada apenas a tomada e largada de passageiros de autocarros de circuitos turísticos da cidade.

O arquitecto Vilanova declarou ainda que "estas medidas se integram num plano geral destinado a disciplinar o trânsito na capital." Compreendendo perfeitamente o desagrado das agências de viagens, por tais medidas, mas o interesse geral não se compadece com interesses particulares" referiu e concluiu o arquitecto Vilanova.

Festas do povo em Campo Maior

A Câmara de Campo Maior, distrito de Portalegre, prevê concretizar em 1985 o Museu de Arte Moderna e construir a piscina municipal — disse uma fonte da edilidade.

A mesma fonte adiantou que o município irá subsidiar as Festas do Povo/85, um dos festejos mais tradicionais do Alentejo, com cerca de uma centena de ruas ornamentadas a papel.

Conclusão do Centro de Dia para a Terceira Idade, em Campo Maior e a construção de uma obra idêntica na freguesia de Degolados, são outras iniciativas previstas no plano de actividades daquela câmara para o ano em curso.

A autarquia campo-maiorense projecta, ainda para 1985, efectuar arranjos exteriores em 132 fogos no Bairro do Fundo de Fomento de urbanização e concluir o plano de urbanização da vila e o plano de pormenor da zona industrial.

A conclusão da obra de reforço de abastecimento de água a Campo Maior, através da barragem do Caia, é outro melhoramento anunciado para este ano, bem como a construção de um parque de campismo e de um restaurante-hangar na barragem do Caia.

Quarteira terá delegação camarária

A Câmara Municipal de Loulé vai abrir uma delegação em Quarteira brevemente, anunciou o presidente da edilidade, Mendes Bota.

Trata-se de uma experiência-piloto para a descentralização dos serviços camarários, referiu o autarca.

A delegação vai situar-se no centro daquela vila piscatória e terá duas instalações, uma para os serviços propriamente ditos e outra para biblioteca.

Os serviços a prestar pela delegação serão leitura e cobrança do consumo de água, e o seu efectivo será composto por cinco funcionários.

Machico da Madeira quer 5 mil contos

A Junta de Freguesia de Machico exigiu ontem que "na parcela do OGE correspondente à Madeira seja instaurado o respeito dos critérios de distribuição de verbas às autarquias da região".

ANO da Juventude: polémica na Madeira

A Juventude Comunista da Madeira acusou ontem o Governo Regional de se preparar para criar uma comissão coordenadora das comemorações do Ano Internacional da Juventude "apenas com membros da JSD".

Em encontro com os jornalistas, dirigentes da organização adiantaram ser "claro que tal comissão não terá representatividade pois nela não estarão as restantes forças políticas de juventude nem outras estruturas de jovens de âmbito social, cultural e desportivo".

Acrescentaram que "perante tal situação a JCP participará numa comissão unitária que está a formar-se para comemorar o A.I.J."

Referindo que a ONU proclamou para este ano o lema "Participação desenvolvimento e paz", os jovens comunistas interrogam: "Como pode a juventude comemorar o desenvolvimento se não tem trabalho, se é reprimida, se é discriminada e marginalizada?"

Para a JCP "os jovens da região entram no ano que lhes é dedicado a braços com problemas que em nada significam a autonomia e muito menos o A.I.J."

A JCP anunciou que os eleitos da APU na Assembleia Municipal do Funchal vão apresentar uma proposta para que os jovens tenham desconto de 50 por cento nas actividades culturais da Câmara e um preço baixo na entrada para os complexos balneares da cidade.

Seminário sobre novas tecnologias promove video-conferência entre Soares e Mitterrand

Mário Soares em Lisboa, no Forum das Picoas, e François Mitterrand em Paris serão, no próximo dia 31, os protagonistas da primeira video-conferência realizada em Portugal e que decorrerá no âmbito do seminário «A Informação Face às Novas Tecnologias». Com início às 10 horas da manhã, a conversa entre os dois políticos terá uma duração de 45 minutos, estando os seus temas a serem estudados pelos respectivos gabinetes. A transmissão via satélite da conferência será fornecida pela Marconi, uma das entidades apoiantes do seminário.

Organizado pelo Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, o seminário, que decorrerá entre 28 de Janeiro e 1 de Fevereiro, no Forum das Picoas, tem como objectivo alargar o debate a «pessoas de responsabilidades e interesses diversos, mas que tenham em comum o facto de se colocarem questões sobre a informação de amanhã». Em conferência de imprensa ontem realizada, Adriano Duarte Rodrigues, coordenador daquele Departamento, acrescentaria àquele objectivo, um outro: a «desmistificação», pelo debate e uso, das novas tecnologias.

Quanto ao debate, e ainda segundo Adriano Rodrigues, ele processar-se-á em torno de três grandes questões: a «crise social e a inovação tecnológica»; «a nova racionalidade tecnológica e investigação científica» e a «confrontação do mundo do trabalho com o mundo da tecnologia». Segundo o responsável do Departamento de Comunicação Social, «as grandes esperanças que durante décadas mobilizaram o mundo, e nomeadamente a Europa, já não convencem ninguém e os governantes adoptam a posição de gerir a crise... Da sociedade



Da esquerda para a direita: José Rebelo (correspondente do «Le Monde» e assistente na UNL), profs. Lopes da Silva e Adriano Rodrigues (este último responsável do Departamento de Comunicação Social da UNL), e o eng. Sérgio Gomes, da Marconi

de industrial à sociedade da informação, qual a relação entre a crise e a inovação tecnológica?». Por outro lado, esta última veio pôr em causa a racionalidade clássica dominante na escola, pondo na ordem do dia a emergência de uma nova racionalidade, enquanto que, em países mais desenvolvidos que Portugal, introduziu alterações profundas nas relações de trabalho.

Para além do espaço de debate e das video-conferências (a segunda será entre especialistas

franceses e portugueses da comunicação), o seminário integrará ainda, um terceiro nível: os ateliers, nos quais será possível assistir a dois tipos de demonstrações, nomeadamente, de Videotex e de acesso a Bancos de Imagens. Entre 29 e 30 de Janeiro funcionarão seis ateliers, entre as 9 e 30 e as 12 e 30 e das 15 às 18 horas. Por cada sessão poderão participar, por atelier, cinco pessoas, sendo dada prioridade aos finalistas dos cursos de Comunicação Social e aos profissionais

da comunicação.

Os interessados deverão assim iniciar a sua actividade profissional no acto de inscrição que deverá ser feito no Secretariado de apoio ao seminário a funcionar na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Avenida de Berna, n.º 24. Também os interessados nos debates se deverão inscrever no mesmo local. Quanto aos que pretendem apresentar comunicações, terão de as entregar até à próxima segunda-feira. Até ao momento estão já agendadas

trinta e cinco intervenções de especialistas e investigadores portugueses e cerca de 15 de investigadores franceses.

O seminário, para cuja sessão de abertura foi convidado o general Ramalho Eanes, conta com diversos apoios, entre os quais da Secretaria de Estado das Comunicações, dos CTT-TLP, da Marconi, da Embaixada de França, do Ministério francês dos CTT e de diversos Centros e Institutos franceses.

CV

Pinto Balsemão

na Universidade Nova

Compasso de espera na Política para falar de gestão e Jornalismo

Regressado recentemente às lides jornalísticas (por quanto tempo?...), Francisco Pinto Balsemão expôs ontem, na Universidade Nova de Lisboa e perante um auditório jovem, os segredos de uma boa gestão no quadro de uma empresa jornalística.

Para o antigo primeiro-ministro e proprietário do semanário «Expresso», que participava numa conferência subordinada ao tema «A gestão das empresas jornalísticas», integrada num ciclo, «A Comunicação Social em questão», «sem audiência nem publicidade não há lucro (...) mas o lucro nos jornais dá independência».

Pinto Balsemão, que semeou

aqui e ali a sua conferência com histórias de jornais e jornalistas, defendeu que a gestão de uma empresa jornalística pouco difere da de outras empresas, «embora necessite de ser mais maleável e descentralizada».

Depois de referir que a imprensa portuguesa é obrigada a importar tudo ou quase tudo — papel, filmes, «cassetes», máquinas fotográficas e de escrever, máquinas de composição e outras —, «o que gera problemas financeiros graves e se traduz por uma dependência do exterior», Pinto Balsemão debruçou-se alongadamente sobre o problema da publicidade.

Para o proprietário do «Expresso», a «RTP açambarca grande parte das receitas publicitárias (...) talvez porque os preços da publicidade da RTP são muito baixos». E porque, em termos de benefícios a publicidade se sobrepõe à venda, as empresas jornalísticas são obrigadas a baixar os preços de uma publicidade que, sem a concorrência da televisão, iria directamente para os jornais.

Ainda a pensar na publicidade, Pinto Balsemão considerou que, «a esse nível, as regras do jogo estão viciadas».

Noutro passo da sua intervenção, Pinto Balsemão lembrou a «necessidade de se clarificarem

as regras do mercado». Na sua óptica, «os meios privados estão fortemente discriminados em relação às empresas públicas que recebem subsídios constantes do Estado».

O antigo primeiro-ministro da Aliança Democrática defendeu também a Televisão e a Rádio privadas, afirmando nomeadamente que «os emissores radiofónicos que estão calados devem ser dados às empresas privadas».

A ular a sua conferência, Pinto Balsemão entendeu pôr a tónica na «defesa da liberdade de imprensa e no reforço do papel do jornalista, reforço que deve passar por uma prévia e

adequada formação profissional».

Nesse aspecto, Balsemão considerou que a formação profissional do jornalista é tanto mais importante quanto é certo que «a política, por exemplo, é um caso muito sério para ser deixado só aos políticos».

Como remate final, Pinto Balsemão lembrou os tempos, antes do 25 de Abril, em que havia Censura em Portugal. «Como conseguíamos fechar um jornal com a Censura a actuar, a proibir-nos os espaços em branco?», interrogou-se antes de a si próprio responder: «Era um milagre que, espero, não volte a repetir-se...».

MA



«Aula» sobre gestão: Pinto Balsemão na Universidade Nova

ARTIGO DE FUNDO



MÁRIO CASTRIM

Para muitos portugueses, o Brasil ficava limitado ao Norte pelo samba, ao Sul pela telenovela, a Leste pelo futebol e a Oeste pelo Carnaval! Tudo o mais era Pão de Açúcar. Alguns chegaram a pensar que o Brasil era monarquia por causa de «Rei Pelé». Entre os mais cultos, as opiniões dividiam-se: para uns, ele era o nosso filho mais velho, para outros ele era «o país irmão». Não passava, na realidade de uma ilha cercada de retórica por todos os lados. Um conhecido que todos desconheciam.

De súbito, a bronca. A ditadura aceita (ou parece aceitar...) o caixão que lhe propõem, o povo começa a ver o resultado da luta de muitos anos. Em Portugal a Imprensa, a Rádio, a Televisão descobrem o Brasil, ah, esta nossa síndrome cabralina! A esta hora, o Brasil vive o seu sarampo juvenil: cravos por todo o corpo. A comunicação social portuguesa atenta ao fenómeno, adianta informações.

Sabemos que lá a riqueza é de muito poucos e a miséria de quase todos. Analfabetismo, uma praga social. A mortalidade infantil, uma vergonha. As favelas perdem em folclore, ganham em realidade. Só em S. Paulo, há três milhões de crianças abandonadas.

Economicamente, uma ruína. A dívida externa, uma calamidade. Sendo, como é, um dos países mais ricos do mundo, não produz sequer o bastante para comer. As suas riquezas pertencem a exploradores estrangeiros, particularmente americanos. Brasil está nas mãos das multinacionais, ou seja: o Brasil está entregue à bicharada. E quem comanda a economia brasileira? Uma piranha chamada FMI. Em obediência aos interesses alheios, o FMI não deixa produzir, não deixa desenvolver, não deixa trabalhar. FMI encaminhou os passos do Brasil para o abismo. Ser contra a ditadura confundiu-se com o ser contra o FMI.

Lamentemos a sorte do Brasil. Felizmente, em Portugal é outra loiça. Cá, não temos disso. FMI, não há. Somos uma economia em vias de expansão. Crescemos em média uns 20 por cento ao mês, mais que a D. Branca. Desemprego? Nem sabemos como que letras se escreve isso. Os trabalhos surgem debaixo dos nossos pés a uma velocidade espantosa. Os preços estabilizaram, há anos que não sobem.

E tudo porque não nos atrelaram ao famigerado FMI. Portugal constitui modelo salutar para todo o mundo. Ah, se o Brasil tivesse seguido o nosso exemplo! E agora que o Brasil se quer libertar do FMI, ah, se outros seguissem o exemplo do Brasil...

Mercenários portugueses activistas da Renamo

O membro do Bureau Político da FRELIMO, Mariano Matsinhe disse em Lichinga, província do Niassa, que mercenários de nacionalidade portuguesa estavam envolvidos em actividades da RENAMO, em Moçambique.

Matsinhe, actual governador da província do Niassa, disse que os portugueses que colaboram com a RENAMO são aqueles que «não aceitam a independência de Moçambique e dizem que o nosso país é uma herança sua».

«Apesar das dificuldades que hoje enfrentamos, nunca voltaremos ao colonialismo nem ao neocolonialismo» — assegurou aquele membro do governo moçambicano.

Entretanto, Alberto Bile administrador do distrito de Moamba afirmou que o grupo de bandidos que assassinaram dois cidadãos britânicos domingo último, a 100 quilómetros de Maputo, entraram em território sul-africano, depois de terem cometido o crime.

Um destacamento das Forças Armadas moçambicanas que se encontrava nas imediações e que seguiu as pegadas dos bandidos, afirmou que estas conduziram através do mato à fronteira sul-africana, numa distância de quatro quilómetros do

local onde o assassinio se registou.

O administrador da Moamba disse ao matutino «Notícias», que se publica na capital moçambicana, acreditar que o grupo de bandidos tenha reentrado em território moçambicano através do mesmo lugar no dia seguinte, a fim de sabotar as linhas de alta tensão que conduzem energia eléctrica da África do Sul à cidade de Maputo. As linhas foram sabotadas justamente, e de acordo com um mapa da empresa estatal Electricidade de Moçambique, a 2,9 quilómetros da fronteira sul-africana.

A ANOP apurou que a equipa de reparações daquela empresa verificou já que os estragos são graves, pelo que deverá demorar alguns dias «a restabelecer o circuito».

A capital, com mais de um milhão de habitantes, está a ser abastecida pela central termoeléctrica de Maputo, que durante a maior parte do dia apenas satisfaz cerca de 30 por cento das necessidades.

Durante cinco horas por dia, a central, termoeléctrica, pertencente à SONEFE, fornece energia a toda a cidade, graças à utilização de uma turbina de emergência.

Motins na Jamaica

Seis pessoas morreram e mais dez ficaram feridas nos motins ocorridos terça-feira na Jamaica, devido ao aumento de preço dos combustíveis, anunciou o diário «The Gleaner», de Kingston.

Segundo versões divulgadas pela imprensa, várias zonas de Kingston foram abaladas por violentos confrontos armados que se prolongaram pela noite fora.

Entretanto, fontes oficiais indicaram ontem que a Polícia e o Exército receberam ordens para não entrar em confronto com possíveis manifestantes, a menos que se entreguem ao saque ou à

destruição.

O próprio primeiro-ministro, Edward Seaga, afirmou que «estão hoje a ocorrer manifestações e elas serão permitidas, enquanto forem pacíficas».

Seaga acusou uma «coligação de grupos políticos opositores» de ser responsável pelas manifestações, e revelou que as forças da «ordem» receberam ordens directas para não responder às «provocações».

Enquanto isto, continuam de pé muitas das barricadas erguidas terça-feira, tornando difícil a circulação de pessoas em Kingston.

Uma visita de dois dias

Mitterrand parte hoje para a Nova Caledónia

O presidente François Mitterrand parte hoje à noite para a Nova Caledónia, território francês do Pacífico Sul, onde ultimamente se têm registado confrontos entre europeus e partidários da independência.

Em declarações à imprensa, Mitterrand afirmou que o objectivo da sua visita de dois dias à Nova Caledónia é «apoiar a gestão do delegado do Governo francês, Edgar Pisani».

Mitterrand afirmara recentemente que «a morte lamentável do líder independentista, Eloi Machorro, veio complicar, mas não comprometer, o plano de autodeterminação da ilha».

O chefe de Estado francês afirmou que, dadas as divergências entre a comunidade «caldoche» (europeus) e canacs (independentistas), a hipótese de um referendo popular «não pacificará o conflito», porque «o vencido não aceitará o resultado».

«O plano Pisani, devidamente analisado pelo primeiro-ministro Laurent Fabius, e por mim próprio, pretende satisfazer os interesses das duas comunidades e da França», sublinhou Mitterrand.

Ilustrando a tese de Paris sobre o problema da Nova Caledónia, Mitterrand frisou que, em 1958, quando da aprovação da

Constituição da Quinta República, a comunidade independentista optou por fazer parte da França.

«Os líderes canacs de não responderam: nós ficamos em França», salientou o chefe de Estado francês.

«Mas em 1963, o Governo cometeu o erro de anular esta decisão, enviando um governador onipotente para a ilha», acrescentou.

Questionado sobre qual será a reacção de Paris se, a realizar-se um referendo popular, a Nova Caledónia se transformasse num Estado soberano, Mitterrand argumentou com a «defesa do interesse da França».

«O plano Pisani prevê que a França mantenha poder decisivo no campo da segurança, defesa, política externa e justiça na Nova Caledónia, logo afasta-se a hipótese de independência», conclui.

Referindo-se à alusão do chefe do Estado-Maior francês, general Jeannou Lacaze, a um eventual «contágio» a outros territórios sob administração francesa, Mitterrand disse que «a declaração de Lacaze foi interpretada de forma polémica e abusiva».

Entrevista com Dalmo de Abreu Dallari

Tancredo Neves deverá convocar constituente para o próximo ano

Esteve em Portugal durante uma semana o jurista brasileiro Dalmo de Abreu Dallari, presidente da Comissão Pontifícia de Justiça e Paz criada na Arquidiocese de São Paulo. O prof. Dalmo Dallari é uma das pessoas que mais se empenhou para que o processo de abertura democrática se concretizasse, sendo vítima em Junho de 1979 de um atentado à bomba à sede de seu escritório, no centro de São Paulo, o qual vitimou a sua secretária.

Hoje, como jurista e líder católico, Dalmo Dallari está trabalhando num projecto de lei para ser apresentado ao Congresso Nacional quando da convocação da Constituinte brasileira em 1986 pelo novo governo de Tancredo Neves.

Para isso Dallari esteve em Lisboa, mantendo contactos com Pamplona Corte Real, provedor de Justiça, e Armando Marques Guedes, presidente do Tribunal Constitucional, além de vários encontros com eminentes constitucionalistas portugueses.

Da troca de impressões havida entre o jornalista brasileiro Paulo Ricardo Ribeiro (da «Rádio Gualba» e o jornal «Zero Hora», de Porto Alegre) e Dalmo Dallari transcrevemos o essencial, por deferência daquele.

Paulo Ribeiro — O objectivo de sua visita a Portugal? O que significou seus encontros com autoridades constitucionais deste país?

Dalmo Dallari — O objectivo principal da minha visita a Portugal foi obter informações mais precisas, de teóricos, de constituintes e de pessoas integradas às novas instituições, sobre o processo constituinte português e as inovações introduzidas na

ordem jurídico-política de Portugal. Nesse sentido foram de especial relevância as informações e ensinamentos dos professores Jorge Miranda, constitucionalista eminente e antigo constituinte. Com os juristas professores Armando Marques Guedes, primeiro presidente do Tribunal Constitucional, e Pamplona Corte Real, primeiro provedor de Justiça deste país. Essas duas instituições podem ser apontadas como das mais importantes criações da Constituinte portuguesa, e ambas, já consagradas pela prática, devendo ser consideradas na nova Ordem Constitucional brasileira.

PR — Até que ponto a Constituinte em Portugal e a legislação referente aos direitos humanos poderá contribuir para a elaboração do seu projecto de lei da Constituição brasileira?

DD — A experiência portuguesa, em termos de Constituinte e de direitos humanos, será extremamente valiosa para os brasileiros. As raízes culturais comuns, a identidade espiritual e a comunhão efectiva, dão-nos a certeza de que não é mera expressão retórica a afirmação de que se trata de povos irmãos. Desse modo, em Portugal, mais do que em qualquer outra parte, o Brasil deverá procurar inspiração para definir uma nova sociedade, inspirada nos princípios cristãos e comprometida com a democracia.

PR — Que papel desempenharão o provedor de Justiça e o Tribunal Constitucional dentro do seu projecto?

DD — Não se pode ainda falar em projecto de Constituição, mas tão-somente em ideias para uma Constituição moderna. Em tal sentido, o Tribunal Constitu-

cional e o provedor de Justiça merecem especial consideração, pois são experiências modernas de Portugal que correspondem às necessidades do Brasil de hoje.

Pessoa humana acima de qualquer outro valor

PR — Neste período tão especial para os brasileiros, não poderíamos fugir à questão da sucessão. A Igreja brasileira, as Comunidades Eclesiais de Base e a própria Comissão de Justiça e Paz representarão o quê, dentro deste processo de mudança do governo Tancredo Neves? Como se situarão?

DD — É cedo ainda para dizer qual será o papel da Igreja, das Comunidades Eclesiais e da Comissão Justiça e Paz durante o governo Tancredo Neves. Tudo vai depender da orientação do novo governo em relação às exigências de justiça social no Brasil. Não há oposição ou apoio incondicionais, mas haverá, sem dúvida, a disposição de colaborar em tudo quanto interesse à dignidade e ao progresso material e espiritual dos brasileiros.

PR — Como líder católico e membro da Comissão de Justiça e Paz, como vê a questão da teologia da libertação?

DD — A teologia da libertação é apenas uma forma nova de viver o cristianismo, segundo as necessidades do homem neste final do século. Ela é essencialmente cristã e, por isso, merecedora de todo o apoio.

PR — E a ala progressista da Igreja brasileira e o episódio da «Quebra da Cruz» por padres do Rio Grande do Sul, na localidade de Santa Cruz do Sul?

DD — O chamado episódio da «Quebra da Cruz», no Rio Grande do Sul, na realidade não existiu, como já foi esclarecido, não tendo passado de exploração feita por quem não se conforma em ver a Igreja militante, integrada na tarefa de denunciar as dominações e promover a efectiva igualdade entre os seres humanos, trabalhando com os marginalizados e não apenas para os marginalizados.

PR — Voltando à transição, prof., como acha que deverá ser a política dos Direitos Humanos do Governo de Frente Ampla que no próximo dia 15 de Março chegará ao poder? E em relação ao exterior?

DD — O governo Tancredo Neves só merecerá apoio, e certamente o terá, se desenvolver uma verdadeira política de Direitos Humanos. Isso quer dizer que deverá colocar sempre o valor da pessoa humana acima de qualquer outro, rejeitando qualquer pressão ou limitação interna ou internacional, de parte dos que colocam seu interesse de lucro acima de tudo.

PR — Que papel representará o Estado dentro deste novo quadro da sociedade brasileira?

DD — O Estado tem hoje um papel relevante a desempenhar, neutralizando a interferência do poder económico na sociedade, mantendo o valor do indivíduo, mas exigindo dele que assuma sua responsabilidade social. Assim sendo, o Estado não deverá sufocar o indivíduo, mas deverá intervir na vida social sempre que isso seja necessário para assegurar a liberdade e igualdade de oportunidades para todos, sem qualquer excepção.

PR — A partir de 15 de Março

Renegociação da dívida externa

— propósito do presidente eleito do Brasil

O presidente eleito do Brasil, Tancredo Neves, em entrevista ontem publicada, defendeu uma renegociação «em bases realistas» da dívida externa do seu país.

«O Brasil não pode ignorar a existência dessa dívida», disse Tancredo Neves ao «Jornal do Brasil». «No entanto, os credores também devem reconhecer que um país com 130 milhões de pessoas não pode parar de crescer e que esta necessidade de crescimento deve ser tomada em conta na negociação da dívida externa», referiu.

Tancredo, um político veterano moderado que nos últimos tempos se destacou como um dos dirigentes do principal partido opo-

sitor ao regime militar, o PMDB, vai herdar um Brasil com graves problemas sociais: 11 milhões de desempregados, milhares de menores desamparados ou abandonados e 40 milhões de pessoas que vivem em miséria absoluta.

A desvalorização dos salários, a falta de habitação e a má distribuição da terra, assim como o analfabetismo (cuja taxa é de 25 por cento) continuam a ser os grandes problemas do Brasil.

A região do Nordeste, com 40 milhões de habitantes, continua a ser a mais afectada pela miséria, que assume características trágicas.

Na entrevista publicada no «Jornal do Brasil», Tancredo Neves reiterou que o relançamento

económico do Brasil, o controlo da inflação e a execução de uma política social destinada a criar empregos, constituem as prioridades do seu governo.

Tancredo acrescentou que levará a cabo, por todo o território brasileiro, obras públicas referentes à higiene, à melhoria das condições de vida nas cidades, aos programas de habitação social e ao melhoramento da situação das camadas da população mais desfavorecidas.

O novo presidente brasileiro, no decurso da entrevista, afirmou ser possível conciliar a política de combate à inflação com o relançar do crescimento, sem ter de recorrer a grandes investimentos financeiros e salientou que nos

três últimos anos de recessão a economia brasileira foi profundamente afectada, e homens, recursos naturais e máquinas ficaram completamente desocupados.

Visita a Portugal ainda este mês?

O presidente eleito do Brasil, Tancredo Neves, deve visitar Portugal ainda este mês, no seguimento de uma viagem a Itália — soube a agência NP de fonte oficial em Brasília.

Tancredo embarca no dia 23 com destino a Roma. Depois da protocolar bênção papal, tenciona estabelecer os primeiros con-

Com vista à reunificação de Chipre

Kyprianou e Rauf Denktash encontram-se

Os dirigentes das duas comunidades de Chipre reúnem-se hoje em Nova Iorque, pela primeira vez em seis anos, numa tentativa para encontrar bases comuns para a reunificação da ilha.

O cipriota grego Spyros Kyprianou e o cipriota turco Rauf Denktash reunir-se-ão na sede das Nações Unidas para uma série de conversações sobre um projecto de Estado federal bicomunitário.

O projecto em estudo, elaborado pelo secretário-geral da

ONU, Javier Perez de Cuellar, durante quatro meses de negociações indirectas com os representantes de ambas as comunidades, prevê uma República federal em que cada uma das duas partes tenha uma ampla autonomia administrativa interna.

A comunidade cipriota turca, com menos de 20 por cento da população total da ilha, ocuparia um terço das pastas governamentais e dos lugares da Câmara de Representantes e a metade dos lugares da Câmara Alta do Parlamento. Prevê-se, além

disso, um sistema de maioria em certos temas básicos, sendo necessária a aprovação de pelo menos um ministro cipriota turco.

O presidente da República seria um cipriota grego e o vice-presidente um cipriota turco e ambos teriam direito a voto em assuntos fundamentais do Estado.

De acordo com o projecto, criar-se-ia um órgão de arbitragem em que, além das duas comunidades, estariam representantes neutros para decidir em disputas intercomunitárias.

Embora ambos os dirigentes tenham já aprovado provisoriamente muitos dos pontos contidos no projecto, restam problemas graves por resolver, nomeadamente a presença das tropas turcas no norte da ilha, cuja retirada total Kyprianou exige.

As hostilidades entre as duas comunidades cipriotas que têm marcado praticamente toda a história do país, rebentaram em 1963, três anos após a ilha se ter tornado independente da Grã-Bretanha.

Soldados israelitas no Líbano ansiosos pelo dia da retirada

Os soldados israelitas estacionados no Líbano reagiram com alívio à notícia da sua próxima retirada por etapas das posições que ocupam actualmente.

Um teniente de 21 anos, Joel, da brigada de elite «Golani», disse aos jornalistas que ele e os seus colegas contam os dias que faltam para receber «a ordem de deixar este maldito país».

«O que estamos a fazer aqui não é um passatempo» — declarou, acrescentando que a sua unidade, quando regressar a casa, dará «uma festa que será lembrada por muito tempo — uma grande celebração para assinalar a retirada do Líbano».

O capitão Moshe, comandante de companhia, considerou que, embora a presença israelita no Líbano seja «importante», sente-se feliz com a iminente primeira fase da retirada e espera que ela «não seja tomada como um sinal de medo».

De acordo com a decisão anunciada segunda-feira pelo governo israelita, a primeira das três fases deve ficar concluída em cinco semanas, marcando o princípio do fim da aventura militar iniciada em Junho de 1982 e que, entretanto, se converteu num pesadelo para muitos soldados.

Há mortos ou feridos por bombas ou emboscadas quase diariamente e um soldado comen-

tou que a «autoprotecção» passou a ser a «tarefa mais importante» da força de ocupação israelita.

Ontem um capitão e um sargento, mortos juntos numa explosão perto de Tiro, foram sepultados em Telavive e num «kibbutz».

No Cemitério Militar de Telavive, o pai do capitão, de 25 anos, perguntou, durante o funeral: «Quando deixarão os pais de enterrar os filhos aqui?». No «kibbutz» Nachshon, a noiva, de 22 anos, do sargento Meir Biton, lamentou-se, banhada em lágrimas, por «ter um funeral em vez do casamento que esperava».

Com estas duas mortes, elevou-se a 606 o número de israelitas mortos desde a invasão do Líbano.

Entretanto, o delegado do governo israelita para os assuntos libaneses, Uri Luvrani, prevê tempos difíceis para o Líbano com a retirada.

Numa entrevista publicada pelo jornal «Yedioth Aharonot», Luvrani afirma que «os grupos chiiitas extremistas aumentarão as suas operações de terror».

Em 18 de Fevereiro, o último soldado israelita deve retirar-se da actual linha da frente ao longo do rio Awali, a Norte de Sidon, para tomar novas posições ao longo do rio Litani, ao Sul.

Luvrani mostra-se satisfeito pelo facto de a força de ocupação evacuar uma zona onde vive mais de meio milhão de libaneses de várias religiões.

A fim de reduzir o perigo de possíveis ataques guerrilheiros, a retirada efectuar-se-á por contingentes importantes de cada vez.

«Quem é judeu»

O Parlamento israelita derrotou por 62 votos contra 51 uma tentativa dos partidos religiosos para aplicar uma definição estritamente ortodoxa à questão de «quem é judeu».

Os dirigentes dos quatro partidos judeus ortodoxos representados no Parlamento quiseram limitar aos membros das congregações ortodoxas o reconhecimento da pertença à comunidade judaica mundial.

O primeiro-ministro Shimon Peres pediu a rejeição da proposta, embora fosse apoiada pelos quatro partidos religiosos integrados na sua coligação de unidade nacional.

Os regulamentos do governo israelita, que concedem a cidadania israelita a qualquer judeu que a solicite, independentemente da sua congregação, define o judeu como todo aquele que nasce de uma mãe judia.

Na sequência do assassinio de Popieluszko

Iniciado processo de reformas no aparelho policial polaco

O ministro polaco do Interior, Czeslaw Kiszczak, iniciou um importante processo de reformas no aparelho policial, na sequência do assassinio do padre Jerzy Popieluszko por agentes da Polícia Secreta, afirmam fontes polacas e diplomáticas ocidentais.

O objectivo do processo é instituir uma maior disciplina e um controlo mais apertado do Partido Comunista (POUP) no Ministério do Interior, e assegurar que as suas acções sigam a linha definida pelo primeiro-ministro Wojciech Jaruzelski disse um funcionário polaco.

«As reformas em curso constituem as mais importantes em 30 ou 40 anos», e poderão tomar proporções idênticas ao saneamento radical dos funcionários estalinistas do Governo e da Polícia, em 1956, frisou o funcionário, que pediu o anonimato.

Diplomatas ocidentais afirmaram que este processo ganhou mais força desde o início do julgamento, em Torun, dos quatro

agentes da Polícia Secreta acusados do assassinio do padre Popieluszko.

As autoridades afirmaram que o assassinio do sacerdote foi uma provocação instigada por partidários da linha dura dentro do partido, para prejudicar o que consideravam como a atitude conciliatória de Jaruzelski em relação à Igreja e à oposição, e os seus esforços para normalizar as relações entre a Polónia e o Ocidente.

O processo de reformas no Ministério do Interior, que controla todas as forças de Polícia polacas, foi lançado imediatamente após a morte de Popieluszko, quando Jaruzelski assumiu pessoalmente o controlo das questões políticas no seio do ministério.

A sua primeira decisão causou o afastamento de Miroslaw Milewski, há muito membro do Politburo do partido e tido como defensor da linha dura, responsável pelo trabalho do partido no ministério.

Entretanto, Kiszczak tem mandado uma série de reuniões com destacadas figuras políticas, incluindo o antigo primeiro-secretário do partido, Stanislaw Kania, e o ex-membro do Politburo, Mieczyslaw Moczar, disse fontes da AP.

Kiszczak, que um diplomata descreveu como o ministro do Interior mais liberal dos países socialistas, é um aliado de Jaruzelski.

«Ele pertence ao grupo progressista no interior do partido», afirmou um funcionário polaco citado pela agência AP.

Numa reunião do Comité Central do Partido Operário Unificado da Polónia, em Dezembro, Jaruzelski deu ênfase à necessidade de incrementar o controlo do partido sobre o aparelho policial e comprometeu-se a encetar todos os esforços para identificar todos os instigadores do assassinio de Popieluszko.

ANC prepara nova estratégia

As actividades militares do Congresso Nacional Africano (ANC) decresceram nos últimos três meses, na sequência dos acordos de paz assinados entre a África do Sul, Moçambique e Suazilândia — disse o presidente daquele movimento sul-africano, Oliver Tambo.

Tambo, que falava a jornalistas do «New York Times» acrescentou que tal quebra não é permanente e que os seus guerrilheiros estão a preparar uma nova estratégia.

O presidente do Congresso Nacional Africano da África do Sul defendeu a necessidade de poupar ao máximo os actuais recursos humanos da organização e manifestou-se confiante na ul-

trapassagem dos «problemas» causados pelos tratados Pretória-Maputo-Mbabane.

Estudante assassinado

Um membro do Congresso dos Estudantes Sul-Africanos foi ontem apunhalado mortalmente por um professor num subúrbio negro ao Sul de Joanesburgo — anunciou fonte policial sul-africana.

O incidente ocorreu durante uma «rixa entre os estudantes» do referido movimento e cerca de 140 elementos do Sindicato dos Estudantes, disse a Polícia racista sem revelar outros pormenores.

24 horas

Atentado em Paris

Uma bomba destruiu hoje de madrugada a porta de entrada de um quartel da polícia no centro de Paris, mas não causou vítimas, informaram fontes policiais. A explosão, que ainda não foi reivindicada, provocou também a quebra de vidros das janelas do edifício. Fontes policiais admitem a hipótese do atentado estar relacionado com os últimos acontecimentos na Nova Caledónia e, em especial, com a morte do líder da Frente de Libertação Nacional Canaca, morto no passado sábado, durante um encontro com um grupo de intervenção da Polícia.

Solidariedade com os mineiros

Mais de cinco mil maquinistas, técnicos e outros trabalhadores ferroviários estão em greve no Leste e nos «Midlands» de Inglaterra e na estação de Waterloo, em apoio aos mineiros britânicos paralisados há dez meses. A greve,

que coincide com condições difíceis para o tráfego rodoviário, devido ao tempo frio que tem assolado a Grã-Bretanha, está a causar problemas a alguns serviços de comboios.

Helicópteros dos EUA para El Salvador

Os Estados Unidos vão fornecer helicópteros sofisticados a El Salvador para ajudar o Governo local na sua luta contra a guerrilha, disseram funcionários norte-americanos. Acrescentaram que o Departamento de Estado está a rever um pedido do Exército para a aquisição de quatro helicópteros «Hugues-5000», equipados com canhões capazes de disparar 6000 tiros por minuto.

Nicarágua-Líbia

A Nicarágua trocará algodão, café, bananas e oleaginosas por petróleo da Líbia — informaram fontes oficiais em Manágua. Segundo as fontes, o acordo comercial para 1985 prevê a entrega pela Nicarágua de aqueles produtos, em quantidades não especificadas, em troca de uma quantidade, também não determina-

da de petróleo. O acordo, recentemente assinado pelo ministro nicaraguense do Comércio Externo, Martinez Cuencas, e pelo ministro líbio da Economia, Abud Frewa, assegura a estabilidade das trocas comerciais entre os dois países. A Nicarágua e a Líbia mantêm relações comerciais desde 1982.

Confrontos em Caxemira

Mais de 50 soldados paquistaneses e cerca de 30 indianos morreram em combates travados nos últimos seis meses na região de Caxemira — informou hoje agência indiana PTI, citando fontes militares. Caxemira, dividida entre a Índia e o Paquistão, esteve na origem das guerras indo-paquistanesas de 1947 e 1965 e continua a ser o principal ponto de discórdia entre os dois países que reivindicam ambos a soberania sobre a totalidade do território.

São Paulo: crianças defeituosas

Uma menina sem ossos cranianos e com orelhas, nariz e olhos mal formados é o quadragésimo sétimo bebé que nasce praticamente acéfalo nas cidades industriais a Sul de São Paulo — informa a imprensa brasileira. A criança nasceu no hospital Ana Costa em Cubatão, uma das cidades industrializadas mais conta-

minadas do mundo, de parto prematuro. A localidade de Cubatão, onde há grande número de fábricas de papel e indústria petroquímicas, foi declarada em 1984, e por mais que uma vez, em estado de emergência, por causa da contaminação da sua atmosfera.

Mais um navio atacado no Golfo

O Iraque anunciou que os seus aviões bombardearam mais um grande alvo naval perto do terminal petrolífero iraniano da ilha de Kharg, no Golfo Pérsico. Os aviões regressaram todos à base, depois de atingirem, com «precisão e eficácia», o navio, não identificado, afirmou um porta-voz militar. O ataque não foi ainda confirmado por fontes independentes da navegação marítima. Eleva-se agora a 13 o número de ataques reivindicados este mês pelo Iraque contra navios que desafiam o bloqueio declarado há um ano por Bagdad ao terminal de Kharg.

Intranquilidade no Uganda

O jornal ugandês «Ngabo» anunciou que, no decorrer das duas últimas semanas, 17 pessoas foram assassinadas por desconhecidos no distrito de Mpigi. Segundo aquele jornal, os distritos de Mpigi, Luwero e Mubende têm sido afectados, desde 1981, por confrontos entre as tropas governamentais e as forças da oposição.

EUA Itália: combate ao crime

O ministro italiano do Interior, Luigi Scalfaro, e o seu homólogo norte-americano, William French Smith, reuniram-se hoje em Roma para debater questões relacionadas com o combate à criminalidade organizada. Numa conferência de imprensa dada após a reunião, foi salientado o êxito decorrente da aplicação de medidas conjuntas na luta contra o tráfico de droga e Máfia.

se hoje na ONU

Em Dezembro de 1963, depois de repetidos confrontos internos, o Governo federal caiu, quando se retiraram todos os ministros cipriotas turcos.

Em 1964, para acabar com uma vaga de violência, forças da ONU instalaram-se na ilha para separar as duas comunidades.

Depois de uma década de precária normalidade, rebentou a guerra em 1974, no seguimento de um golpe de Estado contra o arcebispo Makários, dirigido a partir de Atenas pelos coronéis então no poder na Grécia.

O norte da ilha foi imediatamente invadido por tropas turcas, que durante várias semanas de combates ocuparam cerca de 38 por cento do território, de que expulsaram cerca de 200 mil cipriotas gregos.

Todas as tentativas de conciliação empreendidas pela ONU a partir de 1974 falharam e, em Novembro de 1983, Denktash declarou unilateralmente a independência e proclamou a «República Turca do Norte do Chipre», que foi reconhecida unicamente por Ancara.

**TRIBUNAL JUDICIAL
DE LISBOA
7.º JUÍZO CÍVEL**
ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do anúncio.

Execução ordinária, n.º 2508/84, 3.ª Secção
Exequentes — GALA BORDADOS ARTÍSTICOS, LDA.
Executados — ESTABELECIMENTOS GRANDELA, S.A.R.L., com sede na Rua Aurea, n.º 205, em Lisboa.
Lisboa, 20 de Dezembro de 1984.

O JUIZ DE DIREITO
(João Orlando Viana Queiroga Chaves)

O ESCRIVÃO ADJUNTO
(João Martins Peixoto)

DL 17/1/85 — 2.ª Pub.

**TRIBUNAL CÍVEL
DA COMARCA
DE LISBOA
2.º JUÍZO**
ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da 2.ª e última publicação do anúncio.

Execução sumária n.º 11 894 — 1.ª secção. Exequentes — Portugal Previdente Companhia de Seguros S.A.R.L. Executado — Entresol — Entresol Hotelaria do Sul Lda., com sede no Largo Vasco da Gama, 11-A Damais — Amadora.

Lisboa, 9 de Janeiro de 1985

O JUIZ DE DIREITO,
Ass) José Manuel Branquinho Lobo

Pel'º Escrivão de Direito,
a) Soledade Silva
D.L. 17/1/85 — 2.ª Pub.

**TRIBUNAL CÍVEL DA
COMARCA DE LISBOA
SEGUNDO JUÍZO**
ANÚNCIO

Faz-se saber que, nos autos de acção ordinária n.º 652 que o autor Carlos Alberto Gonçalves Martins intentou contra o réu António Alves Paraiso Pereira, ausente em parte incerta e com última residência conhecida na Av. Defensores de Chaves, 31-4.º, em Lisboa, correu editos de TRINTA DIAS, contados a partir da segunda e última publicação do anúncio, citando este réu, para no prazo de VINTE DIAS, fôrça que seja a dilação dos editos, contestar, querendo, a mencionada acção, na qual o autor pede a sua condenação no pagamento da quantia de 3 850 000\$00, por incumprimento do contrato de promessa, celebrado em 13 de Dezembro de 1979, tudo, conforme melhor consta da petição inicial, que se encontra arquivada nesta secção à disposição do citando, que lhe será entregue logo que o solicitante.

Lisboa, 9 de Janeiro de 1985.

O JUIZ DE DIREITO
a) José Manuel Branquinho Lobo

A ESCRIVÃO
a) Soledade Silva

DL 17/1/85 — 1.ª Pub.

**TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA
DE ALCANENA**
ANÚNCIO

Para citação de credores desconhecidos.

Execução sumária n.º 132/84.
Pelo Juízo de Direito desta comarca, correu editos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado JOÃO ALVES DA SILVA, casado, comerciante, residente na Rua 25 de Abril, n.º 10, Castro Marim — Vila Real de Santo António, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos editos, deduzirem os seus direitos na execução movida por Lourenço Carvalho, Lda., com sede em Minde, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.
Alcanena, 19 de Dezembro de 1984.

O JUIZ DE DIREITO
a) Afonso Manuel Pessoa dos Santos
O ESCRIVÃO — ADJ. INT. a) Manuel Luis dos Santos Grilo

DL 17/1/85 — 2.ª Pub.

**TRIBUNAL JUDICIAL
DA
COMARCA DE MAFRA**
ANÚNCIO

CP 301/84 1.ª Secção

No dia 31 de Janeiro de 1985, às 14,30 horas, no Tribunal Judicial desta comarca, nos autos de Carta Precatória com número acima indicado, vinda do Tribunal Judicial da Comarca de Ovar e extraída dos autos de Execução Sumária em que é Exequente F. Ramada, Aços e Indústrias, S.A.R.L. Executado ENO-MECÂNICA — Máquinas e Equipamentos Industriais, S.A.R.L. com sede em Malveira-Mafra, com o n.º 46/83 que correu seus termos no 2.º Juízo-1.ª Secção daquela comarca, há-de ser posto em praça pela 1.ª vez para se arrematar ao maior lance oferecido, acima do valor adiante indicado, um torno mecânico, de cor verde, de marca -Elmo-Portugal-eléctrico, em razoável estado de conservação, avaliado em 300 000\$00.
Mafra, 18 de Dezembro de 1984.

O JUIZ DE DIREITO,
Helder Alves de Almeida
O ESCRIVÃO,
José António Coelho Carreira

DL 17/1/85 — 1.ª Pub.

**Organizações
sindicais
repudiam
aumentos
de preços**

A CGTP-IN repudiou «energicamente» os novos aumentos de preços decretados pelo Governo «e as suas inevitáveis consequências no agravamento das já precárias condições de vida da maioria da população e no crescimento das dificuldades das pequenas e médias empresas».

Segundo a central sindical, em ano e meio de governação do Executivo PS/PSD, o leite pasteurizado aumentou 168,5 por cento; o pão, 73,3 por cento; a água, mais de 100 por cento; a electricidade, mais de 68,2 por cento; e os transportes em geral, 64,7 por cento. Chama a atenção para o facto de as taxas de aumentos de preços serem «incomparavelmente superiores às da evolução dos salários reais e das pensões».

A Inter alerta também para o contraste entre «a celeridade com que o Governo põe em prática os novos aumentos de preços e a actualização dos vencimentos de deputados e governantes», por um lado, e por outro, «os atrasos sucessivamente registados nas actualizações dos salários mínimos, pensões e abonos».

A CGTP-IN realinha que a solução imediata para esta situação é a «imediata demissão do Governo PS/PSD e a sua substituição por um novo governo que desenvolva uma nova política, assente no respeito pela Constituição e pelo 25 de Abril».

Várias outras organizações sindicais já repudiaram também «os escandalosos aumentos de preços». Entre elas contam-se as União dos Sindicatos de Lisboa, Porto, Coimbra, Faro, Portalegre, Castelo Branco e Setúbal; as Federações dos Sindicatos da Química e Farmacêutica, da Metalurgia, Metalomecânica e Minas e dos Têxteis, Lanifícios, Vestuário, Couros e Peles.

Em todos estes protestos ressaltava a ideia de que «o povo português está a ser saqueado pelo Governo» e que os trabalhadores «só pela luta resolverão os seus problemas».

**Metalúrgicos estão hoje
em luta a nível nacional**

Decorre hoje em todo o País uma jornada de luta dos metalúrgicos, que inclui uma greve entre as 15 e as 20 horas, concentrações em Lisboa, Aveiro, Porto e Braga, plenários nas empresas do sector e distribuição de comunicados de esclarecimento às populações. A concentração em Lisboa decorre a partir das 16 e 30 junto à residência oficial do Primeiro-Ministro.

O sector da metalurgia e metalomecânica abrange cerca de 200 mil trabalhadores, que exigem uma política económica que permita a resolução dos seus problemas e reivindiquem do Governo medidas concretas face à grave situação em que se encontram. Com efeito, as maiores empresas do sector, com particular incidência no âmbito da construção naval, ameaçam com a redução sensível dos postos de trabalho, encontrando-se neste caso a Lisnave, a Metalúrgica Duarte Ferreira e a Sorefame.

A incerteza quanto ao futuro paira também sobre a Siderurgia

Nacional, enquanto em outras unidades industriais de menor dimensão se avolumam os salários em atraso.

Os metalúrgicos exigem ainda o pagamento dos salários em atraso, a revisão da contratação colectiva, a defesa dos postos de trabalho e o desenvolvimento e a reconversão de empresas e sectores.

Propõem-se igualmente combater o aumento do custo de vida «e lutar contra a repressão nas empresas e contra os projectos de revisão da legislação laboral, nomeadamente as leis da greve e dos despedimentos».

**Desconvoada
a greve
dos portos**

O Sindicato dos Trabalhadores das Administrações Portuárias desconvoa a greve prevista para hoje, por se ter ultrapassado o conflito com o Ministério do Mar — disse um porta-voz sindical. Em face da nova situação, também foi desconvoada a

greve que desde terça-feira decorria no porto de Leixões. Na origem do conflito estava — a decisão governamental de se realizarem duas escalas de serviço e da não-atribuição do prémio de risco, por fracasso, de um salvamento em 1984, no porto de Leixões.

**Mais três dias
de paralisações
na Portucel**

Os cerca de 300 trabalhadores do Centro Fabril da Portucel, em Viana do Castelo, decidiram em plenário uma nova paralisação de três dias a iniciar a 23, disse um informador sindical. Com a nova greve, idêntica à que terminou esta manhã (e que registou uma adesão total) os trabalhadores pretendem que o CG anule uma ordem que estabelece o pagamento do trabalho em dias feriados a 100 por cento, contra os 200 por cento anteriormente praticados, de acordo com a mesma fonte.

**Elevada adesão à greve
da CTM e CNN**

A greve de 24 horas que os trabalhadores de terra e tripulantes das unidades da CTM e CNN hoje cumprem paralisou completamente as operações nos 32 navios surtos em portos nacionais. Um porta-voz sindical disse ao «DL» que a greve registava a meio da manhã, nas oficinas da CTM, uma adesão de 100 por cento e no sector administrativo 62 por cento. Até ao fecho do nosso jornal, decorria um plenário de trabalhadores nas duas empresas, visando a análise da situação e a definição de novas acções a desenvolver.

A paralisação, segundo um comunicado distribuído pela Fe-

deração dos Sindicatos do Mar, «visa exigir do Governo uma reestruturação séria da Marinha Mercante, que tenha em conta nomeadamente o saneamento económico e financeiro da CNN e CTM e a atribuição dos meios económicos, financeiros e operacionais adequados ao relacionamento do Sector Empresarial do Estado (SEE) da Marinha Mercante».

É também exigida ao Governo a promoção de acordos de transporte de mercadorias entre as empresas do sector público (Quimigal, EPAC, Siderurgia Nacional, Portucel, AGA e IAPO) e as empresas armadoras CTM e

CNN. A paralisação é apresentada ainda como uma forma de luta contra «a intenção do Governo de extinguir» aquelas empresas.

As comissões de trabalhadores do sector e os respectivos sindicatos «têm vindo a exigir a defesa dos postos de trabalho na Marinha Mercante e dos direitos dos pensionistas, contra as intenções do Governo em promover milhares de despedimentos de trabalhadores de mar e de terra, deixando também de pagar pensões complementares de reforma e sobrevivência», lê-se no comunicado.

em duas palavras

● O gabinete do secretário de Estado do Trabalho declarou ilegal a ordem de serviço da administração da Metalúrgica Duarte Ferreira, que dispensa 450 trabalhadores. A mesma fonte revelou que «o ministro do Trabalho instruiu já a Inspeção de Trabalho para alertar a administração da MDF para revogar a sua ordem de serviço, sob pena de a mesma inspeção actuar e levantar os competentes autos de notícias».

● A Federação dos Sindicatos dos Ferroviários marcou uma concentração para o dia 22 junto às instalações da CP na Calçada do Duque, de protesto contra a negociação do acordo de empresa. Os ORT's, segundo um representante da federação, estão em desacordo com o CG «quanto ao aumento de 17,5 por cento na tabela salarial e aos valores insignificantes nalgumas cláusulas de expressão pecuniária».

● Os trabalhadores da empresa de montagem metalomecânica, Tónus, que ontem se concentraram à porta das instalações da administração, em Lisboa, responsabilizaram a «política anti-africana do governo PS/PSD» pela situação que ali se vive. Exigiram o pagamento dos salários em atraso (60 mil contos) e a viabilização da empresa. A Tónus, com sede em Lisboa, tem delegações em Sines, Setúbal e Porto e

emprega um total de 300 trabalhadores.

● Os trabalhadores da Mompur, reunidos hoje em plenário, exigiram o pagamento dos salários em atraso e repudiaram o projecto de viabilização do Governo, IPE e administração. Mandaram também os ORT's para desencadearem as lutas «que se mostraram necessárias» para a satisfação das suas reivindicações.

**ENSINE
O SEU FILHO**

Ensine o seu Filho a olhar para o lado esquerdo e para o lado direito antes de atravessar a rua



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

**MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA**
É DITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Odivelas, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Sul, a que se refere o processo n.º 1/2413, arquivo 3861, para o estabelecimento nas freguesias de Pechão e Quelhas, concelho de Odivelas, de uma linha aérea dupla a 60 KV, LI 60-61-1 OLHAO (SE 60-635), com 2196 m do poste n.º 16 da linha LI 60-61 TORRE NATAL-OLHAO a Subestação provisória SE 60-635 OLHAO.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 7 de Janeiro de 1985.

PEL'º ENGENHEIRO DIRECTOR
João Gonçalves dos Santos

**MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA**
É DITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Sul, a que se refere o processo n.º 1/4672, arquivo 698, para o estabelecimento na freguesia de S. Simão e concelho de Setúbal, de uma linha aérea a 15 KV [ST 15-34-12-1 Valentim Rodrigues (STB-406)] com 356 metros, do poste n.º 5, da linha [ST 15-34-12 Pachorra], ao P.T. n.º STB-406 de Valentim Rodrigues.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 7 de Janeiro de 1985

O ENGENHEIRO DIRECTOR,
João Gonçalves dos Santos



Melancia num colóquio

“Situação da CTM e da CNN é insustentável”

«A situação da Marinha Mercante portuguesa é insustentável e o Governo não pode adiar por mais tempo a sua solução, a qual passa pela extinção das duas principais empresas do sector», afirmou o ministro do Mar na sessão de encerramento do simpósio organizado pela Ordem dos Engenheiros e subordinados ao tema «Renovação da Marinha Mercante».

Carlos Melancia afirmou que, «do ponto de vista estratégico não é possível pactuar mais com a situação que existe actualmente no sector. Neste sentido reafirmou «a necessidade de extinguir a CTM (Companhia de Transportes Marítimos) e a CNN (Companhia Nacional de Navegação), por mais elevados que sejam os custos sociais decorrentes da decisão».

Para o ministro, a extinção das empresas «vai provocar uma situação penosa, mas é a única solução possível na situação de ruptura que se atingiu».

Carlos Melancia afirmou, a propósito, que os passivos das duas empresas «é já superior a 40 milhões de contos, enquanto os seus activos não ultrapassam a dezena de milhão de contos». Por outro lado, as duas empresas acumularam entre 1978 e 1983 prejuízos da ordem dos 30 milhões de contos e receberam, no mesmo período de tempo, 13 milhões de contos de subsídios — acrescentou.

Assim, para o ministro do Mar, «dada a situação financeira insustentável das duas empresas em falência técnica há vários anos, não havia outra solução» que não fosse extingui-las.

Falando sobre a criação, em substituição da CTM e da CNN, de duas novas empresas no sector, a Transinsular e a Portline, Carlos Melancia afirmou que, uma vez que o capital do Estado nas empresas não pode ser superior a 51 por cento do total, o Governo pretende também, por esta forma, mobilizar a iniciativa privada para investir no sector.

O ministro do Mar considerou que, no que se refere à Marinha do Comércio, «importa agora acautelar a independência e autonomia de Portugal» em relação ao exterior. Neste contexto, estimou em 10 por cento o grau de autonomia de Portugal em relação aos seus transportes marítimos, salientando que, «numa situação de conflito, o País estaria numa quase total dependência do estrangeiro».

Carlos Melancia considerou que Portugal necessita nos próximos dez anos de pelo menos 20 graneleiros e sete petroleiros, dos quais 15 navios seriam construídos em estaleiros portugueses e os restantes comprados ao estrangeiro.

O ministro do Mar estimou em 50 a 60 milhões de contos por ano o custo da dependência externa de Portugal concretizada no afretamento de navios.

Cerca de metade é no estrangeiro

Dívida da EDP em fins de 84 era de 600 milhões de contos

A dívida total da EDP no final de 1984 ultrapassava os 600 milhões de contos, cabendo 357 milhões de contos a dívidas no mercado externo e 343 milhões no mercado interno, disse uma fonte oficial. A mesma fonte acrescentou que em 1984 a EDP contraiu empréstimos no mercado externo no valor de 107 milhões de contos, o que representa uma acréscimo de 18 milhões relativamente ao previsto.

Este aumento das necessidades de investimento da EDP ficou a dever-se — segundo a mesma fonte — «a desvalorização do escudo e a excessão de optimismo na previsão das cobranças».

Em fins de 1983, segundo o relatório e contas da empresa, os encargos da dívida da EDP eram de 63,7 milhões de contos.

Este nível de endividamento, segundo a mesma fonte, decorre do facto de a EDP «ser uma empresa de investimento intensivo dado o desnível que se verifica entre o consumo de energia em Portugal comparado com outros países, designadamente do mediterrâneo».

Os investimentos da EDP, em 1984, representaram um montante de 96 milhões de contos sendo 54 milhões para o investimento propriamente dito e 42 milhões para encargos financeiros.

A produção de energia aumentou, em 1984, em 4,4 por cento mas o consumo de energia «per capita» em Portugal corres-

As Câmaras não pagam, o Estado deve 70 milhões e a EDP vê-se forçada a contrair empréstimos externos que aumentam com a valorização do dólar

ponde a menos de 40 por cento relativamente à Espanha e a apenas a um terço do registado em França.

Só cobrada 70% da facturação

Outro dos factores de endividamento da EDP, disse um porta-voz da empresa «é a dificuldade nas cobranças que faz com que apenas seja cobrada 70 por cento da facturação total da empresa».

A EDP teve em 1984 uma facturação de cerca de cem milhões de contos e só recebeu cerca de 70 milhões.

A grande fatia das dívidas é das autarquias (77 milhões de contos) que cobram a electricidade aos consumidores e não entregam essas verbas à empresa que fornece a energia.

Outro dos grandes devedores da EDP é o Estado, através do Fundo de Apoio Térmico (um fundo autónomo criado para defender a estabilidade dos preços da electricidade ao consumidor) cuja dívida ascende a 70 milhões de contos.

Esta dívida é consequência da necessidade de importar electri-

lítica e a energia eólica e solar são ainda hipóteses em estudo».

Empréstimo no mercado de Londres

Entretanto, um empréstimo de 100 milhões de dólares para a Electricidade de Portugal (EDP) está já no mercado financeiro de Londres — informa a revista «AGEFI».

Quatro bancos já se manifestaram interessados em subscriver o empréstimo em libras esterlinas, unidades de conta europeia (ECU) e francos suíços: o Chase Manhattan Bank, Sumitomo, Paribas e Credit Suisse, sendo provável que dois outros, cujos nomes são até agora desconhecidos, se lhe venham juntar.

A operação realiza-se em três «tranches» em libras esterlinas, ECUS e francos suíços por opção dos credores — refere a revista.

As «tranches» em libras e em ECU têm uma duração de sete anos, com quatro anos de opção.

A «tranche» em francos suíços contém uma parte de juros flutuantes e outras de juros fixos, a qual terá um período de cinco anos.

De referir que a EDP recorre com uma certa frequência a empréstimos subscritos nos mercados financeiros estrangeiros, utilizados nos seus planos de investimentos.

Garante o Governo:

Não são previsíveis mais aumentos de transportes até ao fim do ano

O Governo garantiu ontem, em nota da Secretaria de Estado dos Transportes, não serem previsíveis novos aumentos no ano em curso», a partir da entrada em vigor, no dia 1 de Fevereiro, dos quantitativos por nós amplamente divulgados nos últimos dias e que consubstanciam uma subida média global de 20 por cento.

Segundo a Secretaria de Estado, «houve a preocupação que este aumento tarifário ficasse aquém da taxa de inflação prevista para 1985, de modo a que os seus efeitos se não venham a reflectir de forma significativa nos recursos da população trabalhadora», pois nem todos os títulos de transporte tiveram aumentos

daquela ordem de grandeza, como é o caso dos serviços de longo e médio curso da CP que enfrentam aumentos de 10 a 5 por cento, respectivamente.

A Secretaria de Estado dos Transportes sublinhou três pontos, quanto aos aumentos:

1. Na região de Lisboa reformulou-se a área de validade dos passes L/Privados estabelecendo-se preços idênticos aos correspondentes passes intermunicipais. «Daqui resulta — para além da simplificação do sistema de passes da região de Lisboa — que em alguns casos há um abastecimento de preços variando entre os 1 por cento e os 23 por cento, fundamentalmente por uma

melhor retribuição recebida pela Carris e Metro pela utilização das suas redes extensiva àqueles passes».

2. Foi criado um novo passe para a Terceira Idade correspondente ao passe L3, indo assim, ao encontro das necessidades sentidas por alguns utentes.

3. Por necessidade de ordem técnica, nomeadamente ajustamentos por razões de facilidade de trocos — levaram a que pontualmente fossem concedidos os aumentos de 20 por cento.

Transtorno

Por não termos incluído na nossa edição de ontem os preços a praticar nos transportes fluviais de Lisboa para a Outra Banda, a

partir de 1 de Fevereiro, divulgamos na sua totalidade: Zona Estreita — 45\$00; Zona Estreita (venda automática) — 37\$50; T. Paço-Setúbal — 95\$00; T. Paço-Setúbal — 120\$00; T. Paço-Alcochete — 130\$00; cadernetas de 20 bilhetes pré-comprados de 2 módulos — 660\$00 e passe da zona estreita do Tejo — 1.010\$00.

O fim de Jardim

O Governo Regional da Madeira decidiu também aumentar os preços da electricidade, transportes públicos e produtos alimentares mas ainda não divulgou as novas tabelas.

Guiné-Bissau quer formar empresa mista com a Socarmar

A empresa portuguesa Socarmar confirmou que está em negociações com a Guiné-Bissau para a constituição de uma sociedade mista no sector portuário.

Em breve, o embaixador da Guiné-Bissau em Lisboa, Leonel Vieira, que esta semana se deslocou ao seu país, deverá visitar a sede da Socarmar, a fim de avançar pormenores sobre a criação da empresa mista que assegure as necessidades guineenses de tráfego de mercadorias — indicou a mesma fonte.

A República da Guiné-Bissau efectua com Portugal mais de metade do seu comércio.

TRESPASSE EM COIMBRA

De excelente loja com cave, dá para vários ramos com ou sem pessoal, no centro da cidade.

Mostra no local — P. do Comércio, n.º 29 — Sr. Pratas, Telf. 2 32 22

TRATAR EM LISBOA — Telf. 32 06 41 ou 32 79 21.

“Desenvolvimento” nova revista do IED

O Instituto de Estudos para o Desenvolvimento acaba de lançar uma nova revista bi-anual, dirigida por Teresa Ambrósio, que se vem juntar à sua já vasta actividade editorial. Dedicada especialmente à divulgação de trabalhos efectuados no âmbito do IED, a revista — intitulada «Desenvolvimento» — propõe-se consagrar particular atenção aos estudos relacionados com as «sociologias do desenvolvimento».

No primeiro número, datado de Dezembro de 1984, a sua directora afirma que, com a nova publicação, o IED cria mais um meio de difusão de estudos «que se inserem no objectivo expresso de fomentar a reflexão sistemática sobre o desenvolvimento econó-

mico, social e cultural do País», que norteia aquele Instituto de Investigação.

Na perspectiva dos animadores da revista, o conceito de desenvolvimento que se pretende ver equacionado nas suas páginas não é apenas de natureza económica, abrangendo simultaneamente, componentes sociais e humanas que em caso algum podem ser desprezados na definição das estratégias de desenvolvimento.

De acordo com a nota editorial do seu primeiro número, a revista esforçar-se-á por «alimentar a procura de caminhos actuais para um desenvolvimento social e humano integral, que busque o bem-estar e o progresso mas não destrua a democracia e os valo-

res culturais do País e por contribuir para o diálogo e a cooperação com outros povos.

«Desenvolvimento» é subsidiada pela Gulbenkian, pela Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, pela Caixa Geral de Depósitos e pelo Banco de Portugal e tem um conselho editorial formado por Herlander Estrela, António Reis, Graça Vasconcelos, e J. P. Martins Barata.

O primeiro número inclui um importante artigo do prémio Nobel de economia sueco, Gunnar Myrdal, sobre a «necessidade de reformas para o desenvolvimento», onde se defende a ideia de que a adopção de reforma igualitárias nos países subdesenvolvidos é mais decisiva para o seu desenvolvimento do que a imple-

mentação da política viradas exclusivamente para o crescimento.

Neste volume de estreia surgem igualmente, os seguintes textos: «Grupos de pressão na sociedade portuguesa», João de Menezes Ferreira, «Obstáculos ao sucesso escolar das crianças de meios populares», Emília Ribeiro Pedro, «Factores sociopolíticos determinantes dos sistemas de saúde portugueses», José Luís Castanheira, «Importação contratual de tecnologia e desenvolvimento tecnológico em Portugal», Vítor Corado Simões, «O sistema educativo português e a cooperação», Armando Trigo de Abreu, e «Teoria clássica dos lugares centrais», Maria do Céu Esteves.

TERMINAL

CENTRO COMERCIAL DO ROSSIO

Aceitam-se inscrições para os seguintes ramos de actividade:

- BIJUTARIAS
- DISCOTECA
- ARTIGOS DE COLECCIONISMO
- FERRAMENTAS
- CHOCOLATES

Resposta por carta ao n.º 16 102 com a indicação detalhada das actividades comerciais já desenvolvidas.

DESPORTO

A tletismo de alta competição

Portugueses em roda viva

Os atletas portugueses António Leitão e João Campos, acompanhados pelo director-técnico nacional, Fernando Mota, seguiram hoje para Paris com objectivos diferentes par os primeiros jogos mundiais em pista coberta, na sexta-feira e sábado.

A competição, promovida pela Federação Internacional em colaboração com a Federação Francesa, disputa-se no móvel Pavilhão dos Desportos de Bercy e reunirá mais de 350 atletas de 71 países.

Para Leitão e Campos o seu objectivo é diferente: o primeiro tentará um lugar no podium na corrida dos 3000 metros e o segundo a melhor classificação, na mesma prova.

A ausência de uma pista coberta em Portugal ter feito com que os atletas nacionais não deem preferência à competição «indoor», mas tanto Leitão como Campos estão aptos a poder discutir com os melhores valores mundiais.

Leitão, 24 anos, recordista nacional dos 3000 metros e dos 5000 metros, foi automaticamente seleccionado para os jogos, enquanto a escolha de Campos, 26 anos, foi baseada no seu terceiro lugar no Crosse Internacional de El Goybar, em San Sebastian, domingo passado.

Leitão e Campos disputam as eliminatórias sexta-feira as 20 h 15 locais (19 h 15) em Lisboa e caso sejam apurados participam na final, sábado as 21 h 55 (20 h 55).

Leitão muita expectativa

A presença de Leitão está a ser aguardada com muita expectativa dada a sua boa forma actual, confirmada pelas vitórias alcançadas nos croses e provas de estrada este inverno.

Detentor do recorde nacional ao ar livre dos 3000 metros (7.39,69 minutos em 1983) e dos 5000 metros (13.07,70 minutos em 1982), Leitão é, por mérito próprio, um atleta com condições para discutir os primeiros lugares.

O seu primeiro objectivo é a melhoria da melhor marca nacional em pista coberta por Luis Horta, do Benfica, que em 18 de Fevereiro de 1984 correu os 3000 metros numa reunião em Saragoça, em 8.00,8 minutos.

Se esta meta pode ser considerada acessível, Leitão terá depois de na final lutar para uma posição de acordo com as suas possibilidades e é de supor que possa ser um dos medalhados.

Em princípio não estará em perigo a melhor marca mundial fixada pelo belga Emiel Puttemans com 7.39,2 minutos desde 1973.

Campos, por seu lado, tem como melhor marca nos 3000 metros o tempo de 7.52,4 minutos ao ar livre e espera-se que



Aurora Cunha e António Leitão, no final da S. Silvestre da Amadora, prova que venceram recentemente

numa prova rápida não se resista do esforço de domingo quando foi terceiro no Crosse de El Goybar.

Os adversários dos portugueses

Dos 24 adversários dos portugueses, apenas uma meia dúzia tem contido hipóteses de poder, por exemplo, fazer sombra a Leitão, quanto à pretensão do medalha de bronze em Los Angeles na légua de conseguir uma medalha no pódio.

São os casos do francês Joseph Mahmoud, recordista da Europa dos 3000 obstáculos e medalha de prata nesta prova em Los Angeles, do espanhol Jose Luis Gonzalez e, talvez, dos africanos Julius Korir e Sherot Kipcoch (Quênia) e Balcha e Debele (Etiópia).

Ainda se desconhecem as séries em que os portugueses participam, sabendo-se que são corridas às 20.15 h, de Paris (19.15 h, de Lisboa) de sexta-feira e a final às 21.55 h (20.55 h) de sábado.

Os inscritos nas eliminatórias de 3000 metros, além dos portugueses, são os seguintes: Bakhet, Palestina; Balcha, Etiópia; Chipcoech, Etiópia; Clary, EUA; Deleze, Suíça; Giraldo, Colômbia; Francis Gonzalez, França; José Luis Gonzalez, Espanha; Halifa, Israel; Herle, RFA; Korir, Quênia; Lafranchi, Suíça; Lewis, Grã-Bretanha; Libando, Tanzânia; Mahmoud, França; Mei, Itália; Nebele, Etiópia; Pokrajic, Jugoslávia; Penner, Nova Zelândia; Rogers, Nova Zelândia; Szabo, Hungria; Ulloa, Chile; Uvis, Checoslováquia e Verbeeck, Bélgica.

Aurora Cunha: San Sebastian

A portuguesa Aurora Cunha, campeã mundial dos 10 000 metros estrada, participa no crosse internacional de San Sebastian, no próximo dia 27 —disse à ANOP, a Federação Portuguesa de Atletismo.

A organização da prova basca endereçou também convites a Rosa Mota, medalha de bronze da maratona olímpica de Los Angeles, António Leitão, medalha de bronze dos 5000 metros na

mesma competição, e a um atleta júnior.

Até ao momento e para além da presença de Aurora, apenas é dado assente a deslocação do atleta júnior, cujo nome não é ainda conhecido.

Para além de Portugal e Espanha, estão representados na prova, que decorrerá no hipódromo de Lasarte-Zubieta, Etiópia, Quênia, Marrocos, Escócia, Inglaterra e País de Gales.

Do Quênia participam S. Kigay e J. Kipngetch e da Etiópia é esperado o ex-campeão mundial de crosse Mohamed Kedir, enquanto existem dúvidas sobre a participação de Fisha Abebe e Wodago Bult.

A representação inglesa é encabeçada por Julian Goater, Steve Vinns e John Richards.

Crosse Internacional das Amendoeiras

O maratonista norte-americano Alexandre Joseph encontra-se a estagiar no Algarve, com vista à sua participação na nona edição do Crosse Internacional das Amendoeiras em Flor, em 3 de Fevereiro.

Joseph que garantiu já a sua inscrição na prova, foi décimo classificado na maratona de Nova Iorque, sendo um dos atletas do lote de favoritos.

Paralelamente a esta competição, terá lugar pela segunda vez na mesma pista, a taça dos clubes campeões europeus de corta-mato, na vigésima segunda edição.

Esta última prova foi ganha seis vezes pelo Sporting cinco dos quais consecutivamente.

Este ano, a Taça dos Campeões Europeus de Corta-Mato conta com a presença de atletas dos países de Leste, sendo de destacar a participação do campeão soviético de corta-mato.

No ano passado, o alemão-federal Kred Zimmerman, ganhou o crosse das amendoeiras em flor e o italiano Alberto Cova venceu individualmente a Taça dos Campeões Europeus de Corta-Mato.

No ano passado, o alemão-federal Kred Zimmerman ganhou o crosse das amendoeiras em flor e o italiano Alberto Cova venceu individualmente a Taça dos Campeões Europeus de Corta-Mato.

Juventus, 2—Liverpool, 0

Supertaça já lá canta

Dois golos do polaco Zbigniew Boniek deram à Juventus de Turim a vitória na Supertaça da Europa em Futebol diante do Liverpool, por 2-0, no relvado verde rodeado de neve do Estádio Comunal.

A equipa da casa, com o apoio de cerca de 60.000 pessoas, actuou em sistema de contra-ataques rápidos sobre um terreno escorregadio e conseguiu golos aos 39 e 78 minutos através do avançado polaco.

O Liverpool, vencedor da Supertaça, em 1977, foi dominado pelo jogo mais rápido da turma transalpina.

Os italianos mostraram melhor controlo da bola e mais equilíbrio num campo que foi completamente limpo de neve apenas duas horas antes do apito inicial do árbitro.

Trezentos homens trabalharam duramente para retirar cerca de 60 centímetros de neve e gelo.

A Juventus, duas vezes finalista e duas vezes derrotada na final da Taça dos Campeões, conseguiu fazer uma boa partida diante dos campeões da Europa.

Com Michel Platini e Paolo Rossi, as duas outras vedetas prejudicadas pela condição do relvado, foi o polaco Boniek quem mais brilhou entre os transalpinos, confirmando-se a sua preferência por terrenos pesados.

Platini e Boniek

O primeiro golo do desafio nas-

ceu de um passe comprido de Platini que o extremo direito Massimo Briaschi não conseguiu controlar. Boniek que corria ao lado de Briaschi, passou pelos defesas e rematou com força para a esquerda do guarda-redes Bruce Grobbelaar.

Este já tinha escutado aplausos mesmo dos adeptos italianos quando no minuto cinco deteve um bom remate de Michel Platini, de fora da área.

O Liverpool sem o suspenso Kenny Dalglish e obrigado a jogar sem o defesa irlandês Mark Lawrenson depois do intervalo, tinha tido outro sobressalto cinco minutos antes do golo, quando Phil Neal salvou um golo, depois de remate em arco de Boniek.

Os ingleses criaram poucos apuros no primeiro tempo aos vencedores da Taça das Taças, embora pouco depois do golo inaugural o avançado John Wark tivesse ficado em boa posição para visar com êxito a baliza transalpina.

No segundo tempo as coisas foram diferentes e Ronniem Whelan teve duas boas ocasiões de marcar, em remate de longe à baliza defendida por Bodini.

Mas a Juventus, que nunca apareceu contente com a magra vantagem, acabou por premiar um público numeroso «obrigado» a uma noite de frio com o segundo golo: um cruzamento de Briaschi, do lado esquerdo, viu Boniek entrar pelo meio da defesa contrária e rematar com êxito.

Cinco minutos depois Paolo Rossi quase fez 3-0, mas Grobbelaar, com excelente defesa, mostrou que não foi por sua causa que o campeão da Europa perdeu a Supertaça com a equipa vencedora da competição número dois da UEFA.

Sob a arbitragem de Peter Pauli, alinharam:

JUVENTUS — Bodini; Favero, Cabrini, Bonini, Brio, Scirea, Briaschi, Tardelli, Rossi, Platini e Boniek.

LIVERPOOL — Grobbelaar, Neal, Kennedy, Lawrenson (Gillespie, 45), Nicol, Hansen, Walsh, Whelan, Rush, McDonald e Wark.

Assistência: 60 mil.

Liras mais de mil milhões

O jogo Juventus-Liverpool deixou nas bilheteiras mais de mil milhões de liras, cerca de 100 mil contos — anunciou o clube italiano.

A Juventus vendeu 60 000 bilhetes, mas cálculos do clube indicam que pelo menos 10 000 pessoas com ingressos não se deslocaram ao estádio devido ao mau tempo.

O Norte de Itália sofre o Inverno mais rigoroso desde os últimos 40 anos.

Uma fonte do clube revelou que o presidente da Juventus, o «dono» da Fiat, Giovanni Agnelli, prometeu a cada jogador 10 milhões de liras, cerca de mil contos, pela vitória, conseguida, sobre o Liverpool.

Basquetebol

Benfica em Queluz e no Barreiro sem o talentoso Carlos Lisboa

O Benfica, líder isolado do Campeonato Nacional da I Divisão de Basquetebol, joga este fim-de-semana uma cartada extremamente difícil para permanecer no alto sem companhia, devido às suas deslocações a Queluz e ao Barreiro. Se em condições normais os escolhos eram de enorme monta dada a verdadeira categoria dos conjuntos opositores, avolumam-se pela circunstância de estar lesionado Carlos Lisboa, que obviamente emblematiza a «águia» do clube da Luz. O tradicional n.º 7 (em selecções e clubes) figura primeiríssima de praticante do nosso basquete, sofreu grave entorse no último jogo, como posteriormente foi apurado e, quando afastado dos palcos como que enche de desencanto o amante da modalidade, no caso os assistentes aos jogos do Benfica em Queluz (ex-clube do talentoso basquetista) e no Barreiro. Pelas razões apontadas, acrescidas do factor, importante, de os «encarnados» actuarem na situa-

ção de visitantes, estamos em crer que o Benfica vai passar por um interregno de progressão classificativa.

Pode inclusivamente dar-se o caso de o «cinco» superiormente treinado e orientado pelo prof. José Curado ser absorvido, a um tempo, pelos dois «outsiders», FC do Porto e Queluz, neste momento com duas derrotas mais do que o «guia». Os clubes referidos tem assegurada a sua qualificação entre os seis primeiros para a fase seguinte, pelo que a derrota (ou a vitória) não tem efeitos imediatos de transcendente importância. Mas pode representar algo de significativo, isso sim, no futuro se recordarmos que os êxitos e os insucessos contam para a classificação final, cuja «poule» decisiva irá reunir em confronto o quarteto referido.

Mas nem só aos recintos de além-Tejo e da Linha de Sintra se circunscreve o interesse das 16.ª e 17.ª jornadas. Praticamente só os jogos em que interfere o Bele-

nenses e o Conimbricense, inevitavelmente condenados a cair na série dos seis últimos, não despertam grande expectativa até porque são visitantes e as suas possibilidades de vitória serão quase de todo nulas. Em Ilhavo, Coimbra (Olivais) e Ovar o empenhamento pelo melhor resultado será uma constante visto que se desenvolve uma luta emotiva pela «corrida» à 5.ª e 6.ª posições, por ora sem «donos» e com vários candidatos a esses mesmos lugares.

Jogos de **Sábado**: Illiabum-Sanjoanense, Olivais-FC Porto, Ovarense-Conimbricense, Queluz-Benfica (todos às 17 horas), Barreirense-Belenenses e Sangalhos-Ginásio (ambos às 21 e 30).

Domingo: Barreirense-Benfica, Olivais-Sanjoanense, Illiabum-FC Porto, Ovarense-Ginásio, Sangalhos-Conimbricense e Queluz-Belenenses (todos às 17 horas).

António Abel

Nacional de andebol

Benfica - Sporting (na Luz) o emotivo duelo de sempre

A terceira jornada do campeonato nacional de andebol da divisão de honra, por envolver jogos de incidência regional está recheada de motivos de agrado: o empenhamento total dos intérpretes do espectáculo e o valor semelhante entre os contendores sugerem duelos de natural expectativa e viva emoção.

Que os atletas não resvalam para os caminhos ínvios da indisciplina e o desrespeito mútuo como tantas vezes (lamentavel-

mente) acontece, é o que auguramos. Os jogos de índole regional fomentam rivalidades de quando em quando indesejáveis (por doentias) o que é indispensável evitar.

A jornada reúne em confronto o Benfica e o Sporting (na Luz) e não será para espantar se os «encarnados» repetirem o êxito da «poule» anterior, na única derrota que os «leões» sofreram na caminhada para o primeiro lugar na zona sul.

Estamos em crer que o Bele-

nenses fortemente moralizado pela expressiva vitória (dez golos de diferença) que impôs ao FC do Porto a semana passada, será a única equipa (em Setúbal) a contrariar a tendência de êxitos «caseiros» — embora por resultados extremamente equilibrados.

Jogos na 3.ª jornada — sábado: Vitória de Setúbal - Belenenses (21 e 30), Benfica - Sporting (18), Desportivo de Portugal - Sanjoanense (21 e 30) e FC do Porto - Académico de Braga (21 e 30).

Rali Paris-Dakar

Pescarolo vence etapa

O francês Henri Pescarolo (Land Pacific) venceu ontem a décima terceira etapa do Rali Paris-Dakar, disputada entre Tombouctou e Nema, na Mauritânia, com duas provas especiais de 412 quilómetros.

Pescarolo terminou a etapa com uma vantagem de 19 segundos sobre o seu compatriota Xavier Lapeyere (Audi Quattro), mas muito distanciado dos concorrentes seguintes.

A classificação geral é ainda comandada pelo francês Patrick Zaniroli (Mitsubishi) que, apesar de uma avaria eléctrica, que demorou mais de uma hora a repa-

rar, aumentou a vantagem sobre o segundo classificado.

Em motos, o francês Hubert Auriol (Ligier), vencedor do Rali em 1981 e 1983, foi o mais rápido na etapa, distanciado Franco Picco (Yamaha), actual líder da classificação de motos.

O belga Gaston Rahier (BMW) ficou de novo distanciado dos primeiros lugares, depois de um desvio de percurso, que lhe valeu a perda de cerca de vinte minutos em relação ao primeiro classificado.

A etapa de hoje leva os concorrentes de Nema a Tichti, ainda por terras da Mauritânia.

Hoquei em patins

Sporting:

vitória e liderança

O Sporting venceu ontem em Alvalade o Sesimbra por claros 11-4 em jogo em atraso da quinta jornada do campeonato nacional de hóquei em patins e passou a comandá-lo com um ponto de vantagens sobre a Sanjoanense.

Disputadas oito jornadas, o Sporting totaliza 22 pontos, contra 21 da Sanjoanense e 19 de Cascais e Paço de Arcos.

Oliveirense e Sesimbra vão com a Juventude de Viana e o Valongo e, se somar duas vitórias, igualara os leões.

DESPORTO

FC Porto, 4—Portimonense, 1

Triunfo obrigatório

Em face das circunstâncias que rodearam este Porto-Portimonense, com todo um historial a dar largo «pano» para os órgãos de Comunicação Social, era quase inevitável outro desfecho diferente daquele que se verificou ontem, à tarde, no Estádio Municipal da Póvoa de Varzim, perante uma multidão computada em cerca de 25 mil pessoas. O triunfo dos portistas era quase obrigatório: sem raiva, mas com grande determinação; sem recalcamientos, mas com mais uma exibição de luxo, a somar a uma série que já vai longa e que, em nosso entender, é a verdadeira responsável pelas «romarias» que, domingo a domingo ou em dia da semana (como no caso vertente), se instalavam onde os «azuis e brancos» montam espectáculo.

A ideia de obrigatoriedade ganharia, entretanto, maior consistência a partir do momento (bem cedo, aliás) em que encontro «receptividade» do lado contrário. Aquela «defesa» de Balacó, dentro da área de rigor, quando iam decorridos apenas 15 minutos de jogo, foi oiro sobre azul para os portistas que, através do seu «Bota de Ouro», não enjeitaram a oportunidade de abrir de par em par as portas de um triunfo que os algarvios vinham contestando desde o começo, com um superpovoamento da sua zona defensiva e intermediária.

Uma vez traçado o caminho, a «máquina» portista entrou em pleno funcionamento e só parou quando os resultados do trabalho produzido foram considerados satisfatórios pelo respectivo «banco». Nesse período de maior esplendor do futebol «azul e branco», que nem as dificuldades do terreno (pesado e escurecido) conseguiram ofuscar, foi na verdade um regalo para os olhos a forma como os pupillos de Artur Jorge desenhavam as suas jogadas, ora por um flanco, ora pelo outro. Num vaivém constante, susceptível de pôr a cabeça em água a qualquer defesa, por mais bem escalonada que estivesse. Praticando um futebol em todo o terreno, subsolado na excelente forma física, técnica e psíquica da maioria dos seus jogadores, o FC Porto atingiu um nível tal de sincronização que as soluções surgem quando menos se espera, como aconteceu no segundo gol, rubricado por Jaime Magalhães de parceria com Frasco, que deixaram os algarvios de olhos em bico.

E que dizer, por exemplo, do terceiro gol dos portistas, autêntica obra de arte, «esculpida» por esse menino talentoso feito em Alvalade e que é presentemente um caso sério de popularidade entre os adeptos do desporto-rei? Simplesmente genial, quer pela rapidez de execução, quer pela finalização magnífica que deixou toda a defesa contrária petrificada.

Júlio, um ex-portista, foi a «gazuza» escolhida por Manuel José para a eventualidade do contra-ataque. Coisa rara no jogo de ontem, murmurante até aos 60 minutos. Dos seus pés nasceram os lances (poucos) que terão causado alguma intranquilidade no extremo reduto dos «azuis e brancos» e foi pelo seu pé, ainda, que o Portimonense, na fase de descanço do seu alçó, logrou obter o gol de honra, na transformação de um livre em que a defesa das Antas abriu brecha que traiu Zé Beto.

Com múltiplas oportunidades para ampliar a sua vantagem, o FC Porto, pensando já no encontro do próximo domingo com o Boavista, preferiu poupar energias. Tal, porém, não impediu que Gomes (com o pensamento em voos diferentes) se esmerasse na obtenção de mais um tento que daria mais verdade ao marcador.

Resta acrescentar que o «acerto de contas» por parte dos conjuntos em confronto, promete ainda dar mais algum «pano para mangas», visto que o Portimonense, através do seu delegado, fez questão de declarar antes do embate que jogaria sob protesto, pelo facto de não ter ainda recebido qualquer notificação do acórdão do Conselho de Justiça. Tal posição seria, entretanto, comentada por Jorge Nuno Pinto da Costa: «A palhaçada continua. Numa altura em que há tanta tristeza, aparece alguma coisa, aqui na Póvoa, que nos faz divertir».



Fute, o espectáculo!

Raul Nazaré voltou à Póvoa, onde realizou trabalho consentâneo com a categoria que se lhe reconhece. Uma nota, apenas, para referir que a sua presença, mas sobretudo a do seu auxiliar António Jorge (a vítima do famigerado Varzim-Benfica), motivou que o pai do jovem agressor, Luís Ferreira Andrez, se deslocasse expressamente ao reduto varzinista para, pessoalmente, apresentar desculpas pelo sucedido, em seu nome e em nome do filho, para quem pediu a clemência. Um gesto simples, de um homem simples, que não passou despercebido e que calou bem fundo no íntimo daqueles que o testemunharam.

Ficha

Árbitro: Raul Nazaré (Setúbal), auxiliado por António Jorge (bancada) e José Martins (superior).

FC PORTO — Zé Beto; João Pinto, Lima Pereira, Eurico e Inácio; Quim, Frasco (Semedo, aos 85 m) e André; Jaime Magalhães (Walsh, aos 68 m), Gomes e Fute.

PORTIMONENSE: Mendes; Dinis, Balacó, Simões e Teixeira; Moisés, aos 79 m; Luís Saura (Luís Manuel, aos 69 m), Abreu, Skoda e Luís Reina; Júlio e Alain.

Ao intervalo: 2-0. Marcadores: Gomes (15 m. de g.p., e aos

80 m); Jaime Magalhães (34 m), Fute (49 m) e Júlio (62 m).

Cartão amarelo: Balacó (15 m), por ter cortado com as mãos um lance dentro da sua grande-área, punido com o castigo máximo.

Manuel Neto



Gomes, o goleador!

Classificação da Divisão 1

Classificação do Campeonato Português de Futebol da Primeira Divisão, após o jogo Futebol Clube do Porto - Portimonense, ontem disputado e em trazo da décima quinta jornada:

	J	V	E	D	G	P
Porto	16	14	1	1	45-7	29
Sporting	16	12	3	1	41-11	27
Benfica	16	12	1	3	37-15	25
Boavista	16	7	8	1	23-12	22
Portimonense	16	9	2	5	31-23	20
Setúbal	16	4	7	5	18-23	15
Farense	16	5	5	6	11-22	15
Belenenses	16	5	4	7	24-27	14
Braga	16	5	3	8	23-26	13
Guimarães	16	5	3	8	17-25	13
Académica	16	5	3	8	20-22	13
Varzim	16	2	8	6	12-21	12
Rio Ave	16	3	4	9	12-25	10
Vizela	16	3	4	9	18-41	10
Salgueiros	16	3	3	10	23-37	9
Penafiel	16	2	5	9	12-30	9

PROGNÓSTICOS DOS ORGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 03 DE 20 DE JANEIRO DE 1985

O Emigrante 1X1 XX1 1XX 11XX;
O Mensageiro 1X1 X11 121
111X; A Voz do Domingo 1X1
X11 121 111X; Correio do Vouga
121 X11 111 111X; Jornal de Defesa
121 X1X X11 1XX2; Jornal Notícias
de Guimarães 121 X21 1XX
22XX; Reconquista 121 111 1X2
X112; Ecos do Cacia 121 X11
12X 121X; Rádio Altimidade 1X1
X11 11X 1X2X; Rádio Sports 121
111 122 112X; Voz do Ave 12X
111 1X1 111X; Notícias do Douro
121 X1X 1X2 1X1X; Defesa de
Espinho 1X1 21X 1XX 1X2X; Voz
de Lamego 121 X11 121 12X1;
Repórter do Marão 1X1 111 122
1X12; O Algarve 1X1 X11 1XX
1X21; Folha do Domingo 121 1XX
111 1X1X; O Jornal de Amarante
121 X21 1XX 12XX; Eu Sei Tudo
121 X11 1X1 1XXX; Totobola em
Linhas de Elvas 11X 121 111
1X11; Jornal da Beira 121 11X
12X 11X2; Correio de Coimbra
121 XX1 121 1212; Diário de Lisboa
121 XXX XXX 2X2X; Notícias
de Felgueiras 121 2XX 1XX
1X1X; O Jornal de Felgueiras 12X

X11 X2X 11X2; RDP/Clube da
Manhã 121 2XX 121 X21X; RDP/
Tempo de Desporto 1X1 X11 12X
X2X2; RDP/Secção Desportiva
121 211 122 1212; RDP/Manhã
Manhã 121 X11 12X X212; O Diário
121 X1X 12X 121X; Notícias
de Viseu 121 111 X2X 1XX2; Maria
da Fonte 121 1X1 12X 11X2;
Fora de Jogo 121 1XX 11X XX22;
Fora de Jogo/Edição Especial
121 X11 1XX 1XXX; Cantar do
Galo 1X1 X11 1XX 111X; Ponto
de Mira 1X1 X1X 111 XXXX; Boomerangue
111 X11 12X 1XXX;
Jornal 1X2 1X1 11X 1XX 1XX2;
Notícias de Évora 121 X11 1XX
11XX; Fotogramas 1X1 111 2X1
X2XX; Dicas da Bica 11X 11X
12X 11XX; Sintonia Desportiva
121 XX1 112 1XXX; Grande Sábado
1X1 XX1 111 XXXX; O Dia
121 111 121 1122; Notícias de
Chaves 1X2 X11 1X2 1112; Jornal
«A Voz das Beiras» 121 X11
1X1 XX22; Gazeta de Felgueiras
1X1 211 1XX 2X2X; Jornal de
Santo Tirso 121 21X 1XX 1212;

Cardeal Saraiva 121 X11 12X
X2X2; Rádio Totobola 1X1 X1X
12X 11X2; Gazeta das Caldas
1XX 2XX 12X 1XXX; O Jornal da
Lixa 121 X1X 1X1 11XX; Jornal
«Notícias de Gouveia» 1X1 111
11X 111X; Diário de Viseu 121
1X1 X2X X2X2; Diário de Coimbra
111 X11 1X1 1XXX; A Arte de
Bem Madrugar 1X1 XX2 1XX
11X2; Alvo Desportivo 1X1 X11
11X 1X1X; O Comércio de Leixões
121 X11 1X1 11XX; Jornal de
Gaia 121 X1X 121 11XX; Jornal da
Graça 1X1 111 12X 1XX1;
Jornal de Notícias 121 111 1X1
11X2; O Primeiro de Janeiro 121
X1X 121 1XX2; Quadrante Norte
121 X11 11X 111X; Rádio Alvo
121 1XX XX2 1112; Repórter do
Dia 121 111 1X2 1X12; Resenha
Desportiva 1X1 11X 1X2 X2XX; A
Voz dos Rídiculos 121 X11 111
1211; Alvo 111 X11 11X 1111;
Dribling 1X1 112 121 111X; Alvo
Suplemento 121 2X1 XX1 1X1X;
De Tudo Um Pouco 121 X1X 1X1
11XX.

Assim vai o totobola

	R	E	S	U	M	O		B	O	L	A	S	a)
	1	X	2					1	X	2			
1. PORTO - BOAVISTA	70	1	0*					11	1	1			
2. BRAGA - BENFICA	5	23	48					1	4	7			
3. PORTIMONENSE - RIO AVE	46	5	2					17		1			
4. VIZELA - SETÚBAL	21	42	5						2	2			
5. BELENENSES - GUIMARÃES	52	16	3							1			
6. PENAFIEL - FARENSE	15	21	0							1			
7. VARZIM - SALGUEIROS	62	9	1							1			
8. LIXA - ESPINHO	14	30	27							1			
9. FAMILICÃO - CHAVES	20	35	10							1			
10. GUARDA - MANGUALDE	11	19	1							1			
11. CALDAS - U. COIMBRA	28	26	17							2			
12. C. PIEDADE - ESTORIL	27	35	9							1			
13. ATLÉTICO - MARÍTIMO	7	40	24							4			

a) - Nos termos do Art.º 149.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "CHAVE" lê-se da seguinte forma:
121 X11 1XX 11XX

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA

HOJE AS 21.30 H ★ SEXTAS-SABADOS AS 23.30 H ★

PARA ONDE IS? 3.º MES

DE GIL VICENTE

terça a sábado às 21.30h
domingo matinee às 17h

praça de espanha • tel. 72 0818 • APOIO DA rádio comercial SUB MC

de novo o **CAFE-Teatro**

PÓ de PALCO

MUSICA P/DANÇAR ★ SERVIÇO BARI

Retratos

DE JULIO MAURÍCIO
ENCENAÇÃO ARTUR RAMOS

COM HENRIQUETA MAYA
EMA PAUL
LUIS VICENTE

sub. MC/CMA
teatro da academia almadense

sextas às 21.30
sáb. e dom. às 16 e 21.30

Companhia de Teatro de Almada
Grupo de Campolide

TEATRO DO BAIRRO ALTO
R. Tenente Raul
Cacau, 1.ª A
1200 Lisboa
Tel. 661515 • 669205

PARQUE
DE
BOTH STRAUSS

3.ª feira a sáb. às 21h.
Domingo às 16h.

FRIEIRAS

Tratam-se com
PIODERMOL

À venda
nas Farmácias

Distribuidor:
Laboratório SIDUS
Farmácia Central

Rua de S. Paulo, 108
1200 LISBOA

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

DE 3.ª a SÁBADO, ÀS 21.30 H
SÁBADO E DOMINGO, ÀS 16 H

FARSA DRAMÁTICA DE GOMES DE AMORIM

FIGADOS DE TIGRE

encenação-Carlos Avilez

com
RUI DE CARVALHO • FERNANDA BORSATTI OU VARELA SILVA •
FERNANDA ALVES • LUZ FRANCO • MARIA AMÉLIA MATTA •
CARLOS DANIEL • MANUEL COELHO • RUY DE MATOS • ALBERTO
VILAR • BARROSO LOPES • CARLOS FONSECA • ANTONIO
BANHA • MARIO PEREIRA • JOÃO FERNANDES • NUNO FRANCO •
IRENE ISIDRO • LURDES NORBERTO • LURDES LIMA • ANTONIO
ANJOS • VITOR RIBEIRO • JOÃO DE CARVALHO • GUILHERME
FILIPE • LUIS BANDEIRA • PAULA MORA • CARLOS DUARTE •
CARLOS PIMENTA • PAULO LAGES • ANTONIO RAMA • MIGUEL
MENESES • IVO VAZ • LUCIA MARIA

ESPECTÁCULO NÃO ACONSELHÁVEL A M. 12 ANOS
DESCANSO DA COMPANHIA A 2.ª FEIRA

MINISTÉRIO DA SAÚDE

HOSPITAL DE SANTA MARIA

ALTERAÇÃO DO CIRCUITO DE REFRIGERAÇÃO DOS FRIGORÍFICOS DA COZINHA - (SERV. ALIMENTAÇÃO) Conc. Púb. 8/85-IE

ASSISTÊNCIA TÉCNICA AO EQUIPAMENTO DE LABORATÓRIO
- Durante o Ano de 1985 - Conc. Púb. 9/85-IE

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis das 9 às 12.30 horas e das 14 às 17.30 horas na Secretaria do Serviço de Aquisições (IE).

A abertura das propostas terão lugar nos dias 11 e 12 de Fevereiro próximo às 11 horas, no referido Serviço.

Lisboa e Hospital de Santa Maria, 15 de Janeiro de 1985.

PEL'O DIRECTOR DO SERVIÇO DE APROVISIONAMENTO
a) J. d'Almeida Ribeiro

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA — 1.º JUÍZO ARREMAÇÃO 1.ª PRAÇA

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos de Lisboa, no dia 23 de Janeiro de 1985, pelas 16 horas, neste Tribunal — Rua Braamcamp, n.º 5-4.º, vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a José Ribeiro, residente na Rua Pero de Alenquer, n.º 31 a 31-A — Lisboa, no processo de execução fiscal n.º 334/83, instaurado por dívida de Contribuição Predial.

BENS PENHORADOS
Verba n.º 1 — Uma pa carregadora Internacional com capacidade de balde de 1m3, no valor presumível de 1 000 000\$00.

Verba n.º 2 — Prédio urbano sito na Estrada do Cemitério dos Olivais n.º 43 e 44, actual Av. Pádua n.º 19 que tem o valor matricial de 1 822 960\$00.

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 14 de Janeiro de 1985.
O JUIZ DE DIREITO,
Manuel Luís Macalva Malheiros
O LIQ. TRIBUTÁRIO,
Luís António Pinto Barros
-DL- 17/1/85 — 2.ª Pub.

DO FUNDO DO OCEANO IRROMPERAM, COMO DEMÔNIOS, OS SALTEADORES DE ATLANTIS

ACÇÃO EMPOLGANTE!

CHRISTOPHER CONNELLY-GEORGE HILTON
IVAN RASSIMOV-MIKE MILLER-GIOIA MARIA SCOLA

Realização de ROGERO DEODATO

HOJE GRANDE ESTREIA
à matinee
MAIORES DE 16 ANOS

POLITEAMA

Rui Aguiar

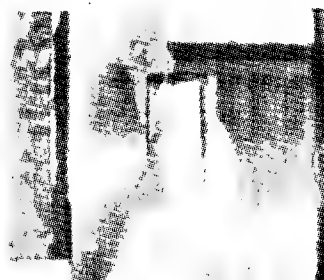
Rui Aguiar expõe pintura e desenho na galeria de S. Mamede ao Caldas, espaço íntimo, quase oculto naquela área da velha Lisboa, circundante ao Castelo de S. Jorge. É um artista do Porto, curiosíssimo, que por enquanto ainda continua a dividir-se entre a pintura e a profissão de engenheiro. **Gostaria só de pintar pois corresponde mais aquilo que eu sou...** diz.

Todavia esta exposição, os trabalhos que nos mostra, tem bastante a ver com a sua experiência de **fábrica**: pedaços de cartão rasgado, coisas que, em princípio, deveriam ir para o lixo e que ele aproveitou... **Nunca fui engenheiro de gabinete, sempre estive ligado à produção e o facto de funcionar numa fábrica de tintas permitiu-me um certo à vontade na manipulação dos materiais, favorecida pelos conhecimentos tecnológicos que tenho deles.**

Exprime um quotidiano pessoal, fruto das suas experiências. Dez anos numa fábrica de tintas, em contacto com cheiros, latas, rótulos, cartões amarrados, projectam-se com incidências muito expressas numa fase da sua pintura. **Quando tive filhos... foi a época das latas de leite. Comecei a trabalhar com esses materiais. E quando passei uma curta temporada em gabinete, isso reflectiu-se também naquilo que fiz. Assim, foi o tempo das colagens de fotografias, do papel e imagens impressas.**

Se fosse atirado para o campo, provavelmente, Rui Aguiar faria aquilo que se classifica de «land-art», trabalhos com terra e plantas. **Traduzo na pintura o meu próprio quotidiano... Quando as pessoas dizem que são coisas abstractas eu digo que não. São reconhecíveis, realistas, e não pretendem fingir outra coisa. Passam pelo filtro estético da sensibilidade e afirmam a importância da sua existência...**

Porquê colagens? Lembro-



me, a propósito, das coisas que foram ficando na margem, desperdícios da sociedade de consumo. De Andy Warhol. Só que as coisas de Rui Aguiar transportam mais poesia, reflectem o seu universo. O que vê e no que mexe. **No ponto de vista comercial as colagens são mais desvalorizadas que a pintura. Com efeito, há ainda o mito da pintura... Mas afinal o que é pintar? É colar pigmentos**

Diz Fernando Pernes, num texto sobre as colagens de Rui Aguiar que **o ícone e o objecto coexistem na sua obra**, bascando proximidades com o surrealismo de Magritte. Aliás, na opinião da crítica, donde parte para depois se definir, em algumas referências, numa consonância com algo que recorda «o informalismo sacralizante» do espanhol Antonio Tapiés.

Rui Aguiar não vem de escolas. É um artista que, gradualmente, através do olhar apoiado num universo muito próprio, se faz. **«O meu mundo tem a ver com a contemplação das coisas...»**

Expôs, pela primeira vez nos Açores, onde cumpriu a tropa como oficial da Marinha, em 1972. Diversas outras exposições, individuais e colectivas, se seguiram no Porto e em Lisboa. Participou também nas bienais de Lagos e Vila Nova de Cerveira, tendo em 84, nesta última, recebido uma menção honrosa de pintura.

Comuna: dois espectáculos em duas salas

Continuam em cena no «Casa-rão Cor-de-Rosa» da Praça de Espanha, os dois mais recentes espectáculos apresentados pela Comuna-Teatro de Pesquisa.

«Para Onde Is?» baseado nos Auto da Alma e Auto da Barca do Inferno de Gil Vicente, continua



de Campos, Manuel Alegre e Karl Valentim, é um espectáculo de Café-Teatro concebido por Carlos Paulo, e que foi estreado na noite de Fim de Ano no espaço de Café-Teatro da Comuna, é apresentado todas as **sextas e sábados às 23.30 horas.**

Ambos os espectáculos são representados pelo elenco habitual da Comuna composto por: Abel Neves, Abílio Apolinário, Almeno Gonçalves, Amélia Varejão, Amélia Videira, André Nuno, António Melo, Carlos Delgado, Carlos Paulo, Carmen Marques, Cecília Sousa, Conceição Cabrita, Isabel Medina, João Mota, Jorge Loureiro, José Pedro Gomes, Maria Marília, Marques Arede, Paulo Ferreira e assistência técnica de Joaquim Ferreira da Silva.

Dois espectáculos diferentes, duas salas, o mesmo grupo, mais uma tentativa da Comuna responder à crise enorme que se abate sobre a frequência de público às salas de espectáculo, enquanto o grupo prepara um novo trabalho que irá inaugurar a Sala de Espectáculos Nova, que está em fase final de construção. Neste momento a Comuna prepara uma nova peça portuguesa «Amadis» de Abel Neves, que muito brevemente será apresentada ao público, no âmbito do Ano Internacional da Juventude.

Para os espectáculos «Para Onde Is?» e «Pó de Palco», os bilhetes podem ser adquiridos no local, diariamente, a partir das 15 horas ou marcados pelo telefone 72 08 18.

em 3.º mês consecutivo de representações na Sala Principal, com encenação de João Mota, e com representações de **terça a sábado às 21.30 horas e aos domingos só às 17 horas.**

«Pó de Palco» uma colagem de textos de Abel Neves, Carlos Paulo, Herberto Helder, Jorge de Sena, José Pedro Gomes, Luís

Amadeo Souza-Cardoso inspira escritores

Dois escritores portugueses — António Torrado e Maria Alberta Meneses — «pegaram» em 20 desenhos de um pintor, português também, puseram em palavras as histórias que a imaginação de ambos «leu» neles e teceu a partir deles.

As histórias foram juntas em livro e receberam o nome de «Histórias em Ponto de Contar».

E tão forte como o gosto de as contar foi o de homenagear o pintor que, com os seus desenhos, as suscitou, só o nome dele, pinior, é referido na capa do livro: Amadeo de Souza-Cardoso.

Souza-Cardoso teria pouco mais de 20 anos quando executou os desenhos em que, quase 80 anos depois, se inspiraram António Torrado e Alberta Meneses. Esses desenhos foram publicados num álbum editado em 1912 em Paris.

Paris era então «a capital de todas as artes». Para lá Souza-

Cardoso partira com 20 anos, de Manhufe, sua terra natal.

Em Paris, o jovem pintor frequentou academias livres, conviveu com outros pintores, como ele futuros nomes de vulto na arte europeia: Modigliani, Max Jacob, Robert e Sonia Delaunay, entre outros.

Regressado a Portugal ao estalar a guerra de 1914-18, Souza Cardoso instala-se em Manhufe. Nos anos que se seguem, poucos, faz exposições individuais sempre acompanhadas — lembra-se na apresentação de «Histórias em Ponto de Contar» — por «enorme escândalo».

Morre em Espinho em 25 de Outubro de 1918, vítima da pneumonia, a epidemia que se abateu sobre a Europa na sequência do primeiro grande conflito mundial.

Hoje, Souza-Cardoso é reconhecidamente um dos nomes cimeiros da pintura portuguesa de todos os tempos e, como se assinala na apresentação do li-

vro, «referência indispensável na história da pintura europeia dos primeiros vinte anos do nosso século».

António Torrado e Alberta Meneses são nomes conhecidos e «de peso» na área da escrita (poesia, ficção e teatro) para crianças. Mas ambos «frequentam» também outras áreas: poesia e, no caso de Torrado, ficção para adultos.

Dos vários títulos poéticos de Maria Alberta Meneses, os mais conhecidos são «A Palavra Imperceptível», «Oração de Páscoa», «Água-Memória» e «Apegada do Yeti», entre outros.

Para crianças deu à estampa «Conversa com Versos», «A Água que Bebemos» (Prémio Ambiente na Literatura Infantil Portuguesa, atribuído pela Direcção-Geral do Ambiente em 1981) e «O que é que Aconteceu na Terra dos Procópios?» (Prémio Especial de Teatro Infantil atribuído pela Secretaria de Estado da Cultura em 1979), entre

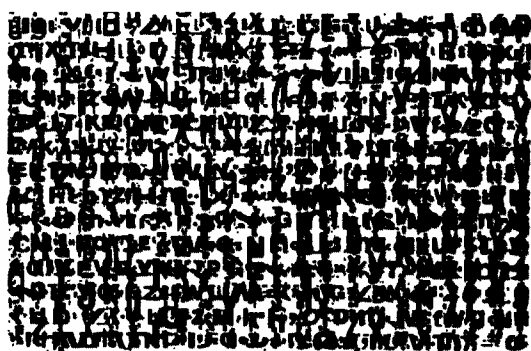
vários outros livros.

António Torrado tem uma vasta bibliografia consagrada aos mais novos. Alguns títulos: «O Veadinho Florido» (lista de honra do Prémio Internacional Hans Christian Andersen, 1974), «Como se faz Cor-de-Laranja» (Prémio Calouste Gulbenkian de Literatura Infantil para o melhor texto do biénio 1978-79), «O Mercador de Nada», «O Tambor», «Caide», «Os Meus Amigos» e «O Adorável Homem das Neves».

Para adultos publicou vários títulos de poesia, os últimos dos quais «Dos Templos» e «Não se Chama Chama», e um de ficção, «De Vitor ao Xadrez», com que obteve o Prémio José Galendo da Sociedade Portuguesa de Autores, 1984.

Histórias em Ponto de Contar é uma edição especial da Editorial Comunicação, que adverte: o livro não será reimpresso.

“Poemografias”: na Galeria Diferença



«Ensaio para uma nova expressão da escrita» — de Fernando Aguiar



«Da desigualdade constante dos dias de Leonor» — de Ana Hatherly

Na próxima segunda-feira, pelas 19 horas, inaugura-se na Galeria Diferença, em Lisboa, uma exposição intitulada «Poemografias», a qual estará patente ao público até ao dia 8 de Fevereiro.

Esta exposição é composta por poemas visuais de Ana Hatherly, Alberto Pimenta, António Aragão, Abílio, E. M. de Melo e Castro, Fernando Aguiar, Salette Tavares, António Barros, José Alberto Marques, Antero de Alda e Silvestre Pestana, reu-

nindo, deste modo, obras recentes dos mais importantes poetas visuais portugueses.

Durante a inauguração haverá uma leitura de poemas experimentais e fonéticos por Salette Tavares, E. M. de Melo e Castro e Alberto Pimenta.

Esta exposição vem na sequência do livro POEMOGRAFIAS — Perspectivas da Poesia Visual Portuguesa, a sair brevemente, editado pela Ulmeiro; livro esse que contém textos teóricos e poemas visuais de

todos os poetas acima referidos, e que dá, simultaneamente, uma visão do que tem sido a investigação poética dos últimos anos, e o que será a poesia de características experimentais para o resto da década de 80. De salientar que os poemas apresentados na exposição não estão incluídos no livro «Poemografias».

Fernando Aguiar e Silvestre Pestana, organizadores do livro e da exposição, vão concluir o projecto Poemografias com a edição de uma cassette que

reúne todas as (poucas) experiências realizadas em Portugal no campo da poesia sonora e fonética, entre as quais se encontram peças que pelo seu pioneirismo se revistam já de importância histórica.

A exposição a inaugurar agora na Galeria Diferença, será posteriormente apresentada na Galeria Nova, em Torres Vedras, na Galeria Municipal de Arte, em Évora, na Galeria Mercado de Escravos, em Lagos, e na Galeria CAPC, em Coimbra.

Antologia da literatura índia

«Estou voluntariamente preso à terra» — eis o título de uma antologia de literatura índia dos EUA publicada agora pela editora soviética «Raduga». A colectânea, que reúne obras de prosadores índios norte-americanos contemporâneos, esgotou-se rapidamente.

O êxito desta edição repete o que aconteceu há oito anos com a publicação de uma antologia, denominada «Voz da América», e que recolhia várias lendas e contos, herança do folclore índio dos EUA.

O título da colectânea agora publicada é um verso dum dos poemas de N. Scott Momadei, escritor índio muito conhecido e cuja obra se caracteriza pelo elevado grau de apuramento técnico.

A antologia abrange poemas e prosa de dez escritores de ori-

gem índia, que vivem nos EUA. Além do já citado Momadei, são incluídos nomes de destaque, como os de Lesley Silko, James Welch, Seimon Ortiz e Naire Deloria, traduzidos para russo, entre outros, por Andrei Sergueiev, Vladimir Tihomirov e Pavel Grushko.

Uma característica assinalável dos textos destes autores é o «realismo mágico», traço comum a muitos criadores originários das Américas e que constitui uma das marcas dos escritores latino-americanos.

Para estes escritores índios a sua arte é um «meio orgânico de sobrevivência cultural», além de uma forma de expressão do protesto contra a sociedade em que vivem.

O organizador da antologia, Alexandre Vashenko, na apre-

sentação dos textos, conta que o ano de 1968 marca o começo do desenvolvimento da literatura índia dos EUA, graças à publicação do romance de N. Scott Momadei, «A casa feita de madrugada», obra que vinha a ser galardoada com o Prémio Pulitzer. Quatro anos depois, surge outra obra de um autor índio («Sete flechas», de J. Storm), que desconcertou profundamente os críticos.

A jovem literatura índia dos EUA alia uma profunda originalidade artística a uma notável capacidade evocativa e crítica. Quatrocentos anos de colonização europeia no continente são passados ao crivo destes autores, que, globalmente considerados, fazem uma profunda análise das contradições da sociedade capitalista e evocam, com grande dramatismo, velhas tra-

gédias (como o genocídio dos índios pelos colonizadores brancos) e os dramas do nosso tempo (a vida quotidiana das reservas, com o seu cortejo de fome, doença, elevado índice de mortalidade, desemprego crónico).

Profundamente ancorados nas realidades passadas e presentes do seu povo, os escritores índios atingem por essa via uma concepção de existência válida para todos. Assim, N. Scott Momadei apela para o «restabelecimento da coexistência harmoniosa entre o homem e a natureza, base da continuidade e do reforço da harmonia entre o mundo e a vida». Isto porque o escritor está convencido de que o «homem está voluntariamente preso à terra». (NOVOSTI)

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES
SOS
 A MELHOR ASSISTÊNCIA AO SEU TELEVISOR E VIDEO
 88 27 85 — 89 38 25
 Av. S. João de Deus 123 • R. 1.º • LISBOA



Exibe-se na RTP-1, esta noite, o 2.º episódio de «O Polvo»

- 18.17 Notícias
- 18.20 Tempo dos Mais Novos
- 19.00 Telerregiões
- 19.25 Desporto — em debate: Tribunal Desportivo, sim ou não?
- 20.00 Telejornal
- 20.27 Boletim Meteorológico
- 20.35 «Chuva na Areia» — 9.º episódio.
- 21.10 Rui Veloso — Rui Veloso com a Banda de Blues no 14.º Festival Internacional de Jazz de Cascais/1984.
- 22.00 «O Polvo» — intérpretes: Michael Placido, Bárbara de Rossi e Nicole Jamet, entre outros. Realização de Damiani.
- 22.55 Último Jornal

RTP 2

20.02 Desenhos Animados — «As Novas Aventuras do Super-Homem» e «Musti».

20.30 RTP/Brasil — «A Viagem, Aquele Abraço»

21.00 Directo/2 — economias paralelas.

22.00 Jornal da Noite

22.25 «A Sucessora» — 9.º episódio.

A RTP-2 apresenta hoje o 9.º episódio da telenovela brasileira «A Sucessora»

Amor e Amizade

RTP 1 RTP 2

13.35: Ciclo Preparatório TV; 18.17: Notícias; 18.20: Tempo dos Mais Novos; 18.55: «Yakari»; 19.00: Telerregiões; 19.20: Descobrimientos Portugueses e a Europa da Renascença; 20.00: Telejornal; 20.27: Boletim Meteorológico; 20.30: «Chuva na Areia»; 21.05: Panorama; 22.30: «O Jogo da Vida»; 23.25: Último Jornal.

19.00: Campeonato do Mundo de Atletismo em pista coberta; 22.00: Jornal da Noite; 22.30: «A Sucessora»

GRUNDIG
 a segurança de um grande nome seleccionou para si...

RTP 1
 «O Polvo» (22.00)

RTP 2
 «A Sucessora» (22.25)

Na entrada da costa à entrada da vila, o presidente da Câmara vigia o trabalho dos homens que estão a colocar um cartaz. Regressando ao seu gabinete, liga para Lisboa, para falar com um ministro. E quando o seu secretário chega, convida-o para ir ver o cartaz, que contém um retrato a descrever as boas-vindas aos turistas que visitam a Galé. Exactamente nesse momento, as turistas são o centro das atenções: escondidos por detrás de um arbusto, dois homens observam com binóculos as estranhezas que apanham na praia. Começa a reunião na taberna do Leopoldo, para discutir a história do contrabando. E o avô Malaquias conta a sua história.

Assistência Técnica Grundig NACIONAL RÁDIO
 Rua Bento Jesus Caraca 17 - Cruz Quebrada - Tel. 12871



José Saramago

Esta noite, no Teatro da Academia Almadense

José Saramago fala da sua obra

O escritor e romancista José Saramago estará esta noite presente, pelas 21h30m, no Teatro da Academia Almadense, onde falará da sua obra. A intervenção do autor de «O Ano da Morte de Ricardo Reis» insere-se no «Ciclo de Grandes Escritores» que o Grupo de Campolide tem vindo a realizar. Trata-se também de um reencontro, pois as únicas duas

peças conhecidas de Saramago — «A Noite» e «Que farei com este livro?», foram ambas levadas à cena pelo Grupo de Campolide e constituíram, aliás, dois grandes êxitos.

Simultaneamente, no «foyer» do teatro estará patente ao público uma exposição de artesanato alentejano.

Arqueologia

Descoberto mapa com 15 mil anos

Um desenho gravado num fragmento de dente de mamute, representando uma povoação que existiu na Ucrânia há 15 mil anos foi encontrado pelos arqueólogos dessa república e deve ser, segundo os especialistas, o mapa mais antigo do Mundo.

No pedaço de marfim pode ver-se, nitidamente, a vertente de uma montanha, troncos de árvores cortados, que ao microscópio, se distingue serem bétulas, três «tchum» (tendas de peles de animais usadas na Sibéria) e um rio junto do qual estão traçadas quatro estranhas construções.

O mais interessante é que essas construções existem. Foram desenterradas pelos arqueólogos e o dente de mamute com o mapa achava-se entre as ossadas e objectos descobertos no seu interior.

A história deste importante achado começou em 1965 quando um habitante da povoação ucraniana de Megiritch decidiu alargar o seu poço. Pouco escavara ainda quando deu com um amontoado de ossos invulgarmente grandes. Comunicou o achado ao professor da escola local que por sua vez informou a Academia das Ciências da Ucrânia da descoberta.

Os especialistas determinaram que os ossos eram de mamute mas, estranhamente, tratava-se apenas dos maxilares inferiores do animal. As queixadas estavam sobrepostas, formando uma parede. Era mais do que evidente que só podia ser obra do Homem.

Durante as escavações, que continuam nos nossos dias, foram postas a descoberto as ruínas de três das «casas» indicadas pelo «cartógrafo» do paleolítico.

Caso curioso, cada uma tinha sido construída, exclusivamente,

com um tipo de ossos de mamute. Na segunda construção, desenterrada pelos arqueólogos, tinham sido utilizados apenas os ossos tubulares e na terceira os ossos da pelve e as omoplatas. Até hoje foram apenas encontradas três das quatro «casas» traçadas no mapa.

O interior das construções estava cheio de dentes e ossadas de mamute. Foi aí que os investigadores descobriram o «mapa» da região. Olhando em redor, lá estava a montanha e o rio e as tais construções misteriosas.

Crise ecológica acelerou desenvolvimento

Descobriram-se, no total, ossadas de 204 mamutes. No mínimo, 140 esqueletos foram desmembrados e utilizados neste «complexo arquitectónico». É de sublinhar que no local havia grande número de ossadas de cavalos, bisões, raposas, renas, lobos e coelhos mas nas edificações só foram utilizados ossos de mamute.

Pela análise da velocidade de desintegração radioactiva dos isótopos de carbono, concluiu-se que este fenómeno arqueológico tem entre 15 mil a 14 mil anos. Pensa-se que as construções se destinaram a rituais da caça e deviam desempenhar um papel muito importante na vida desses nossos antepassados. Ocupam o lugar central da composição e são de dimensões muito maiores, desproporcionadas em relação aos outros elementos. Todos os animais cujos esqueletos foram desenterrados na povoação ucraniana são espécies que habitam hoje as regiões setentrionais. Da análise de sementes encontradas na terra também se conclui que o clima da região era muito mais rigoroso nesses tempos idos. Também as bétulas desenhadas no dente de mamute são bastante raras na Ucrânia. Há quinze mil

anos, o Norte da Europa estava coberto de gelo.

Este achado é um exemplo de como a partir dum problema levantado por uma simples descoberta arqueológica se colocam aos cientistas problemas de ordem global: como evoluiu a relação Homem-meio ambiente ao longo destes milhares de anos?

«Estamos cada vez mais convencidos de que não foi por acaso que o último período glaciário coincidiu com a Idade da Pedra na História da Humanidade» — salienta o professor Velitchko, que dirige a Secção de Paleogeografia do Instituto de Geografia da URSS. Com o fim do último Período Glaciário desapareceram as tundras e as estepes habitadas por grandes animais, resistentes ao frio como os mamutes. É provável, também, que esse fenómeno, desencadeado por factores naturais, tenha sido agravado pela caça, em grande escala, pelo Homem e essas espécies. Com a redução do número de animais de grande porte aproximava-se o fim da cultura dos caçadores colectores do Paleolítico.

«Entretanto, há males que vêm por bem», diz o professor, «pois a crise ecológica fez desmorrar a economia primitiva da Idade da Pedra e acelerar o desenvolvimento da agricultura e da pecuária».

As escavações arqueológicas na povoação de Megiritch têm atraído as atenções de cientistas de todo o mundo que se têm ali deslocado para observar as construções de ossos de mamute, únicas no mundo. Entretanto, já foram descobertas no local várias obras de arte primitiva: instrumentos de pedra, fragmentos de âmbar e ocre, mas os cientistas esperam que as «habitações» dos espíritos ainda não revelaram todos os seus segredos.

O Ano Teatral Adenda

1. Um crime no Saldanha

Sabíamos que o balanço teatral que aqui publicámos não podia aspirar a ser completo. Não deixa por isso de ser inadmissível que não tenhamos referido a destruição do Teatro Monumental, acto que bastaria para inscrever em letras de merda o nome do actual presidente da Câmara de Lisboa na história das vergonhas desta cidade.

2. Uma Peça de Orlando da Costa

Na lista de obras de e sobre teatro publicadas em 1984 omitimos o volume com a peça «A Como Estão os Cravos Hoje?», do romancista, poeta e dramaturgo Orlando da Costa, prémio do concurso da Seiva Trupe, edição Ulmeiro. Trata-se por sinal de um dos textos mais interessantes publicados no ano em que o 25 de Abril completou uma década. Aqui fica a rectificação com o nosso pedido de desculpas ao Autor.

C.P.

TAS no Teatro Nacional

O T.A.S. — Teatro Animação de Setúbal, vai apresentar uma curta série de espectáculos na sala Experimental do Teatro Nacional D. Maria II.

De 18 a 27 de Janeiro o T.A.S. levará à cena nesta sala «O Tigre» de Murray Schisgal, de terça a sexta às 21,30h aos sábados às 16,00h e 21,30h e aos domingos só às 16,00h.

«O Tigre» é um dos espectáculos da companhia, radicada em Setúbal desde 1975, que melhores referências tem tido da crítica especializada, considerado por muitos como um dos melhores espectáculos do T.A.S.



Caminhos de Ferro Portugueses

Informação

VISITAS GUIADAS ÀS OFICINAS DA CP NO BARREIRO

As visitas anunciadas em título estão integradas nas comemorações do 1.º Centenário da estação ferroviária do Barreiro.

Effectuam-se em todas as primeiras segundas-feiras dos meses de Novembro de 1984 a Maio de 1985, à tarde.

Os interessados em participar nestas visitas proporcionadas pela CP deverão fazer as respectivas inscrições no Departamento Cultural da Câmara Municipal do Barreiro (Tel. 2073831).

COTACÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTACÕES DE NOTAS

(Por unidade)

COMPRA VENDA

ÁFRICA DO SUL (rand)	59\$90	65\$90
ALEMANHA (DM) (marco)	53\$65	54\$75
ÁUSTRIA (schilling)	7\$55	7\$75
BELGICA (franco)	2\$517	2\$717
BRASIL (cruzado)	\$034	\$064
CANADA (dólar) — notas de 1 a 2	129\$00	131\$00
(notas de 5 a 1000)	129\$50	131\$50
DINAMARCA (coroa)	14\$95	15\$35
ESPAÑA (peseta)	\$920	\$040
EUA (dólar) — notas de 1 a 2	171\$20	173\$20
(notas de 5 a 1000)	171\$70	173\$70
FINLÂNDIA (marca)	25\$60	26\$20
FRANÇA (franco)	17\$50	18\$50
HOLANDA (florim)	47\$50	48\$50
IRLÂNDIA (libra)	167\$50	171\$50
ITALIA (lira)	\$079	\$089
JAPÃO (yene)	\$644	\$679
NORUEGA (coroa)	18\$50	19\$00
REINO UNIDO (libra)	192\$20	196\$20
SUECIA (coroa)	18\$70	19\$30
SUÍÇA (franco)	63\$75	64\$85
VENEZUELA (bolívar)	11\$00	12\$00

Observações:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

rádio

Antena Um

16.00: Musicomania; 18.00: A gaita dos sete foles; 19.00: Informação e música; 20.00: Musical; 20.20: No estúdio e no estúdio; 20.35: Música portuguesa; 21.00: A viver também se aprende; 21.30: Noites de luar; 23.30: Último jornal; 00.00: O dois do Quêlhas; 02.00: A arte de bem madrugara; 06.00: Linha directa. Notícias de hora a hora.

Programa 2

15.30: Que quer ouvir?; 17.00: Páginas menos conhecidas; 17.45: Uma obra de João Sebastião Bach; 18.05: Música de câmara; 19.00: Alfa e omega; 19.40: Música de todos os quadrantes; 20.10: O compositor da semana; 21.00: A ópera «Mozart e Salieri», de Rimsky-Korsakoff; 22.00: Música portuguesa; 23.00: Intercâmbio musical; 00.00: Obras de João Sebastião Bach; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée; 17.00: Rápido das cinco; 19.00: Som de retorno; 20.00: Conta corrente; 21.00: Quando o telefone toca; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Programas religiosos; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: 24 horas; 01.00: O passageiro da noite; 02.00: No calor da noite. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: O som da frente; 17.00: Ondas lusitanas; 18.00: Circulo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Nova geração; 21.00: Jazzofone; 22.00: Café concerto; 24.00: Dois pontos; 02.00: No calor da noite. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

16.00: Rua Capelo; 18.00: Jornal das regiões; 18.30: Transmissão do tempo; 19.30: Memorando; 20.00: Programa da LAR; 20.30: Universidade na Rádio; 21.00: Horizonte; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Diário do desporto; 23.00: Clube dos coleccionadores; 24.00: Sessão da meia-noite; 02.00: Estação de serviço.

FM-Estéreo

16.00: A cor do som; 18.00: Entre-campos; 19.30: Transmissão do tempo; 20.00: Serra de estrelas; 21.00: Porto belo; 22.00: Oceano Pacífico; 24.00: Último metro; 02.00: Estação de serviço. Notícias a todas as horas.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 14232

HORIZONTAIS:

- Artigo definido Descendentes.
- Rio dos Estados Unidos. Cidade dos Países Baixos.
- Carimbasse. Lista
- Pernadas de sobreiro Roo
- Pois no mar.
- Península da Rússia meridional, no mar Negro. Post scriptum.
- Cantiga. Piedosa.
- Seguam Conduziria para cá
- Manuscrito. Rio de Portugal. Emparelha.
- Letra grega Queimar
- Sacerdotes budistas. Guarneceis de asas

VERTICAIS:

- Sadio. Artigo definido. Doçura.
- Costumar. Penacho.
- Satisfação. Aurónio (s.q)
- Vendas a crédito. Uma das mais antigas divindades da Índia, deus da justiça e da morte.
- Uma das Ciclades Aurónio. (s.q) Fúteis.
- Causas (fig)
- Língua banto, falada na região NE do lago Niassa. Nesse lugar Apellido
- Burlas.
- Trabalha de noite. Indignar.
- Combinação da preposição de com artigo ou pronome de os. Progenitores
- Nome de frutos. Árvore indiana cuja casca é empregada como adstringente.

Resolheu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14082

HORIZONTAIS:

- Confusão.
- Justapor. Profanam
- Riso de escárnio. (pop) Ver-seje
- Fruto da azeit. História
- Contente.
- Larva das feridas dos animais. Crômio (s.q)
- Pertences. Grande prego de madeira ou de metal, para segurar ou juntar madeiras ou chapas.
- Sua Majestade Cigana. Brisa
- Gorgulhos tropicais. O mais alto grau (fig)
- Sufixo que designa abundância. Acalmai
- Costumara O mais.

VERTICAIS:

- Cidade do estado de Sergipe Sádios.
- Tocaremos apito
- Coradas. Chefe etíope
- Anel Cobalto (s.q)
- Fechasas.
- Freguesia do concelho do Vimioso O mais. Erbio (s.q)
- Cinquenta e um em romano. Enfeitar.
- Cidade dos Países Baixos. Soluice.
- De outro modo. Ilha do estado da Baía.
- Certo pano de seda às vezes tecido de ouro. (ant). Pessoa que explora os desgraçados.
- Instruírei.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14231

HORIZONTAIS:

- A MULHER. Pó.
- Cl. Ua. Adu.
- Bradei Card.
- Eu. Ora. Ga.
- PS. Aa.
- Ama Não Lt.
- Aral. Bom.
- Eca. Heé. Aro.
- Aro Re Li
- Uros Eos.
- Mãos Soar.

VERTICAIS:

- BELA E UM.
- Opaci. Robás
- Mia. PARAISO.
- DOS. Sor.
- Luar. OLHOS.
- Haia
- INFERNO.
- Raça
- DA ALMA. ER.
- PURGATÓRIO.
- DA. BOLSA.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14081

HORIZONTAIS:

- Opaci. Robás
- Opaci. Robás
- Ditas. Xarau.
- Após. Ad.
- Na. Sacolas.
- Ordem. Ri. Ut.
- Oó. Informa.
- PS. Azo. Ela!
- Crateras.
- Parades TSF.
- Acames. Coel.

VERTICAIS:

- Rodano. Pipa.
- Opiparos. Ac.
- Gato. Dó. Crá.
- Ucasse. Arem.
- Ios. Amizade.
- Ac. Notés.
- Rixdorf. És.
- Ora. Lio.
- Barca. Reato.
- Ada. Sumisse.
- Saul. Taá. Fi.

Provérbio: A MULHER BELA É: UM PARAISO DOS OLHOS, INFERNO DA ALMA E PURGATÓRIO DA BOLSA.

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480
Av. da Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 6 a.
YOR, O CAÇADOR DO FUTURO

ÁVILA 539930
Av. Duque d'Ávila, 92A

Às 15, 17, 19.10, 21.45 e 23.45
- M. 12 a.
A ACADEMIA DA POLÍCIA

AVIS 547153
Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 6 a.
QUATRO PUNHOS CONTRA RIO
5.ª Semana

BERNA 776098
Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 6 a.
A CORRIDA MAIS LOUCA DO MUNDO
(II Parte)
5.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande

ENCERRADO PARA BENEFICIAÇÕES

CASTIL 530194
R. Castilho

Estreia às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 18 a.
NOITES DE NEW YORK

CINE BLOCO 55682
R. Pinheiro Chagas, 10

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
A LUA DAS MENTIRAS
Às 24 - N. ac. men. 13 a.
SAFARI 3000

CINE CAMÕES 324194
R. do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
O GUARDA-COSTAS

CINE 222 579460
Av. P. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
MEUS PROBLEMAS COM AS MULHERES

CINESTÚDIO LIDO 937593
P. D. João I, Amadora

Às 15.30 e 21.30 - M. 16 a.
ZONA DE PERIGO

CINE-PLAZA 930119
Av. Santos Matos, 2 - Amadora

Às 15.30 e 21.30 - M. 12 a.
ONDE ESTÃO OS RAPAZES

CONDES 322523
Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
Finalmente! O filme! A música!
Canções de Stevie Wonder
A MULHER DE VERMELHO
O filme de Gene Wilder

2000 2100055
Av. E. Voluntários Its 113/4

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 13 a.
INDIANA JONES E O TEMPLO PERDIDO

EDEN 320768
P. Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 6 a.
YOR, O CAÇADOR DO FUTURO

ESTUDIO 555134
Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
OS DEUSES DEVEM ESTAR LUOCOS

ESTUDIO 444 779095
Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 12 a.
OS ESCOLHIDOS

HOLLYWOOD 802859
Centro Comercial Alvalade

SALA 1

Às 14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24
- M. 12 a.
A MULHER DE VERMELHO

SALA 2

Às 15, 18, 21 e 23.45
- M. 12 a.
PARIS TEXAS

IMPÉRIO 555134/5
Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
- M. 6 a.
OS CAÇA-FANTASMAS
2.ª Semana

LIDO 937593
P. D. João I, Amadora

Às 21.30 - M. 12 a.
AO SERVIÇO DE SUA MAJESTADE

MONTECARLO 681117
Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- Int. men. 18 a.
EMANUELE
Preço único 150\$00

NIMAS 574362
Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
OS COMPADRES

ODEON 326283
R. dos Condes, 12 a 20

Estreia às 15.15, 18.15 e 21.30
- M. 16 a.
ARRAIVADO HERÓI

PATHE 821933
R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 17.30 e 21.30
- M. 6 a.
MÚSICA NO CORAÇÃO



«OS ESCOLHIDOS» filme realizado por JEREMY PAUL KAGAN em exibição no ESTÚDIO 444

POLITEAMA 326716
R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
A SELVA DO CIMENTO
Preço único 125\$00

QUARTETO 771378
R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14, 16.30, 19 e 21.15
- M. 16 a.
AOS NOSSOS AMORES
Em complemento
JUNQUEIRA
Às 23.45 - M. 18 a.
ALTA ANSIEDADE

SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 12 a.
GREMLINS

SALA 3
Às 15, 17, 19 e 21.30
- M. 16 a.
O INVERNO DOS NOSSOS SONHOS

SALA 4
Às 23.30 - M. 18 a.
SANGUE VIRGEM PARA DRÁCULA

SALA 5
Às 14.30, 16.45 e 19
- Int. men. 13 a.
MEMÓRIAS DE UMA SOBREVIVENTE
Estreia às 21.15 - M. 6 a.

SALA 6
Às 23.30 - M. 18 a.
A ÚLTIMA CEIA
Às 23.30 - M. 18 a.
CÃES DE PALHA

QUINTETO 573407
R. Actor Taborda, 27-B

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 12 a.
INDIANA JONES E O TEMPLO PERDIDO

Às 24 - N. ac. men. 18 a.
OS NOIVOS SANGRENTOS

ROMA TEL. 727778
Av. de Roma, 14 M-N

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
GREMLINS, O PEQUENO MONSTRO

ROXY 548560
Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
JOÃO BRONCAS AVANÇADO FURA-REDES

SÃO JORGE 579144/579344
Av. da Liberdade, 175

SALA 1

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 6 a.
OS CAÇA-FANTASMAS

SALA 2
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
- M. 12 a.
VIDAS EM JOGO
25.ª Semana

SALA 3
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.45
- M. 6 a.
O MEU ANO FAVORITO

7.ª ARTE 730715
Av. República à E. Entre Campos junto ao n.º 63

Às 14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45
- M. 6 a.
OS CAÇA-FANTASMAS

STAR 804210
Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
GENTE GIRA

TURIM 706666
E. de Benfica, 723-A

Às 15, 17.30 e 21.45
- M. 12 a.
INDIANA JONES E O TEMPLO PERDIDO

VOX 880808
Av. Fr. Miguel Contreiras, lote 8/9

Às 15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
O LUGAR DO MORTO
11.ª Semana

XENON 368480
Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- M. 18 a.
PRISIONEIRO DO UNIVERSO PERDIDO

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - «A Corrida Mais Louca do Mundo», às 21.30 (6 anos)

ALFA-2 - «Ao Serviço de Sua Majestade», às 21.30 (12 anos)

ALFA-3 - «Conan, o Destruidor», às 21.30 (12 anos)

ALFA-CLUBE - «Frances», às 21.15 (12 anos)

ESTUDIO ACS - «O Rei da Evasão», às 21.30 (12 anos)

APOLLO 70 - «Ao Serviço de Sua Majestade», às 21.30 (12 anos)

MUNDIAL - «A Corrida Mais Louca do Mundo», às 21.30 (6 anos)

LONDRES - «Broadway Danny Rose», às 21.30 (12 anos)

ZODIACO - «Vidas», às 17.00 (18 anos)

CITY-CINE - «Os Amigos de Alex», às 21.30 (16 anos)

TIVOLI - «A Lua das Mentiras», às 21.30 (13 anos)

OLIMPIA - «Com a Pizza Tudo se Faz», sessões permanentes (18 anos)

RESTELO - «O Rei da Evasão», às 21.30 (12 anos)

TERMINAL - «Gremlins», às 21.30 (12 anos)

CAPITOLIO - «Degradação de uma Mulher Casada», às 21.00 e 23.00 (18 anos)

PROMOTORA - «Golpe de Mestre», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

CASCAIS - Oxford - «Prego a Fundo», às 21.30 (12 anos)

ALGÉS - Stadium - «Assim Nasceu um Herói», às 21.15 (18 anos)

PAÇO DE ARCOS - Chaplin - «Violência e Paixão», às 21.15 (16 anos)

OEIRAS - Oeiras-Cine - «Jovens, Belas e, Provavelmente, Ricas», às 21.15 (13 anos)

ESTORIL - Casino - «Hammett, Detective Privado», às 21.15 (12 anos)

CASCAIS - Impala - «O Fim-de-Semana em Osterman», às 21.30 (16 anos)

Outra Banda

ALMADA - Inefável - «O Escorpião de 2 Caudas», às 21.15 (6 anos)

ALMADA - Academia - «O Sedutor», às 21.15 (13 anos)

ALMADA - Cine-Estúdio - «A Balada de Narayama», às 21.15 (16 anos)

COSTA DE CAPARICA - Oceano - Sala 1 - «Juventude Sem Fim», às 21.30 (18 anos)

COSTA DE CAPARICA - Oceano - Sala 2 - «Mandingo», às 21.45 (18 anos)

Linha de Sintra

CACÉM - Cine-Estúdio Flores - «O Lugar do Morto», às 21.30 (12 anos)

MEM MARTINS - Cine-Chaby - «A Montanha Assassina», às 21.30 (6 anos)

SINTRA - Carlos Manuel - «Uma Cama para Três», às 21.30 (12 anos)

Porto

OLIMPIA - «O Comboio Nazi do Prazer», às 21.30 (16 anos)

TERÇO - «Dupla Suspeita», às 21.30 (12 anos)

COLISEU - «Os Punhos da Vingança», às 21.30 (12 anos)

SÁ DA BANDEIRA - «A Bela e o Sexo», às 21.30 (18 anos)

TRINDADE - «Os Caçafantasmas», às 21.45 (6 anos)

BATALHA - «Solteiros e Tarados», às 21.45 (12 anos)

PASSOS MANUEL - «A Corrida Mais Louca do Mundo», às 21.45 (12 anos)

CHAPLIN - «Adão e Eva», às 21.30 (16 anos)

BEBÉ - «O Contrato», às 21.30 (12 anos)

SÃO JOÃO - «Frances», às 21.45 (12 anos)

CHARLOT - «O Regresso do Aventureiro», às 21.30 (6 anos)

ÁGUIA - «Indiana Jones e o Templo Perdido», às 21.45 (12 anos)

RIVOLI - «Mázinhas de Veludo», às 21.30 (13 anos)

NUNO ALVARES - «Indiana Jones e o Templo Perdido», às 21.45 (12 anos)

FOCO - «A Corrida Mais Louca do Mundo», às 21.30 (6 anos)

VALE FORMOSO - «O Grande Mestre do Kung Fu», às 21.30 (18 anos)

PEDRO CEM - «Gente Gira», às 21.30 (12 anos)

LUMIÈRE - Sala A - «O Lugar do Morto», às 21.30 (13 anos)

LUMIÈRE - Sala L - «Gremlins», às 21.45 (12 anos)

Lisboa

PERMANENTE

ALTO PINA: Eucl. R. Barão de Sabrosa, 104 (T. 841912); **ALVALADE**: Roma, Av. de Roma, 85-B (T. 772446);

BAIRRO ALTO: Labor, R. Diário de Notícias, 73 83 (T. 323428); **BENFICA**:

IGREJA - CEMITÉRIO: Lisboa, R. Cláudio Nunes, 73 A (T. 703393); **CAL-**

VÁRIO - ALCANTARA: Lupi No-gueira, R. José Dias Coelho, 4 (T. 631635); **CAMPOLIDE**: Imparcial, R. General Taborda, 28-30 (T. 680931);

CHELAS: Banha, E. de Chelas, 173-175 (T. 382241); **ESTEFÂNIA**: Uni-

versal, R. Actor Taborda, 5-7 (T. 544158); **LUMIAR - QUINTA DAS MOURAS**: Matos Velhas, Av. Rainha D. Amélia, 34-B (T. 794174);

MARQUÊS DE POMBAL: Ribeiro & Castro, R. Brancamp, 52-C (T. 543409);

MARTIM MONIZ: Tavares, R. da Palma, 194 (T. 863350); **OLIVAS SUL**: Higiene, R. Cidade de Vila Cabral, lote 43 (T. 310026); **ODIVEL - ODIVELAS**:

Nabeis Vicente, R. A. lote 19-A, loja Urbanização Codivel (T. 9816803);

PONTINHA: Pimentel, Az. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328)

REFORÇO

AREIRO - APEADEIRO: Chinde, R. Agostinho Lourenço, 6-B (T. 8903311);

CAMPO D'OURIQUE: Castro Fonseca, R. 4 de Infantaria, 28-A (T. 688857); **CAMPO PEQUENO - AVENIDA DE ROMA**: Galeno, Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A (T. 774920);

CARNIDE: Guimarães Morais, R. Neves Costa, 33-35; **IGREJA DE ARO-**

RIOS - CHILE: Oriental de Lisboa, R. Alves Torgo, 2-B (T. 545079); **JERONIMOS**: Remisio, R. dos Jerónimos, 14-C (T. 631699); **PAMPULHA - JA-**

NELAS VERDES: Nazário Pinto, R. Presidente Arraiga, 39 (T. 667460);

SÃO SEBASTIÃO: Sá da Bandeira, R. Marquês de Sá da Bandeira, 36-42 (T. 544672); **SAPADORES**: Branquinho, R. dos Sapadores, 87-89 (T. 842725);

SÉ: Santa Luzia, R. da Saudade, 2-B (T. 869831); **TIVOLI - RESTAURADO-**

RES: Galénica, R. das Pretas, 12-14 (T. 322588); **BRANDOA - AMADORA**:

Brto, R. do Colégio lote 32-B (T. 993351); **BURACA - AMADORA**: Vaz

Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO**: Nova, R. Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VE-**

LHO: Matos, T. das Prioras (T. 2519939)

Outra Banda

ALMADA: Reis, R. Comandante Antóni-

Foio, 19 (T. 2750504); **PERMANENTE**:

COSTA DE CAPARICA: Chel. Av. General Humberto Delgado (T. 2403218);

Até às 19 horas; **SEMI-BRÁ**: Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471); **Até às 19 horas**; **BARREIRO**:

Santa Marta, R. Dr. Manuel P. Nobre, 44-B (T. 2072141); **PERMANENTE**; **BAIXA**

farmácias

Linha de Sintra

AMADORA: Campos, R. Elias Garcia, 185 (T. 930072); **PERMANENTE**; **Amadora**, P. 25 de Abril, 3-A (T. 935516);



PORTE
PAGO

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.

Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro: 321154 - Redacção: 320271/2/3
Preço do «DL» na Madeira: 40000

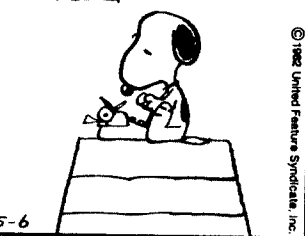
Depósito Legal n.º 1426/82

Endereço Telefónico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º - 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784

Conselhos de
beleza



SABES
QUE
MAIS



ACHO QUE PRECISAS
QUE EU ME SENTE AO
TEU LADO E TE AJUDE
A ESCREVER A TUA
COLUNA...



Conselhos de
fealdade



MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR
5.40 1,6 m
12.16 3,6 m 18.09 1,5 m
Dia 18
0.47 3,8 m 6.42 1,4 m
13.19 3,7 m 19.02 1,4 m

TEMPERATURAS DO AR
ÀS 6 HORAS:

VIANA DO CASTELO 13°
BRAGANÇA 3°
VILA REAL 6°
PORTO 13°
COIMBRA 10°
CABO CARVOEIRO 14°
PORTALEGRE 6°
LISBOA 13°
ÉVORA 8°
BEJA 9°
FARO 13°
SAGRES 14°
PONTA DELGADA 12°
FUNCHAL 16°

Vaga de frio e neve provocou seis mortos

—Lisboa assolada por rajadas de vento entre os 50 e 85 Kms/hora e Ponte 25 de Abril esteve para fechar

Seis pessoas morreram ontem em Portugal devido à vaga de frio e neve que se abateu sobre algumas zonas do nosso país. Em Bragança, registaram-se dois mortos e um ferido grave, em consequência do despiste de um veículo ligeiro e de um tractor. Júlia do Céu Pintado Vaz, de 56 anos, professora primária reformada, pereceu no despiste de uma carrinha conduzida por seu marido, Armindo Inácio Vaz, entre Bragança e Vilarinho de Agrozão. O veículo despistou-se à entrada de uma bifurcação, tendo a carrinha em que seguiam caído por uma ribanceira. Júlia Pintado Vaz foi cuspidora do veículo e teve morte imediata. O seu marido saiu ileso do aparatoso acidente. Na estrada da Avelada, a 12 quilómetros de Bragança, um tractor agrícola despistou-se e vitimou mortalmente Sofia Calejo Alves, de 44 anos, deixando gravemente ferido Paulo André Alves. Ainda no distrito de Bragança, um jovem de sete anos morreu intoxicado quando se aquecia à lareira.

Em Portalegre, uma anciã de 73 anos morreu ontem carbonizada na sua casa por se ter incendiado a camilha onde se recolhia a braseira eléctrica. Idalina Tavares Velez e seu marido João da Conceição Matos Ferro, que sofreu também várias queimaduras, estavam na braseira para se protegerem do frio, quando o calor incendiou a coberta da mesa. Os bombeiros socorreram as vítimas, mas apenas conseguiram salvar João Matos Ferro, que deu entrada no Hospital de Portalegre.

Por fim, em Albufeira, dois jovens morreram na madrugada de ontem, e um terceiro foi hospitalizado devido a intoxicação provocada por uma fogueira acesa na residência onde habitavam. Os jovens Cândido Manuel Penedo, 22 anos, e José António Marques, de 23, eram ajudantes de pedrei-

ro e habitavam um apartamento ainda em construção. As baixas temperaturas que ontem se registaram no Algarve, levaram os dois jovens a acender uma fogueira. Os corpos foram encontrados pelas 9 horas da manhã por colegas de trabalho das vítimas quando iam iniciar o trabalho.

No Algarve, a geada negra que caiu nas últimas noites e as temperaturas negativas destruíram cerca de 80 a 90 por cento das culturas hortícolas em abrigo, e percentagem significativa da produção de citrinos.

Nas zonas de Faro e Olhão, as plantações hortícolas foram destruídas em cerca de 90 por cento, em especial o tomate, feijão, pepinos e pimentos, enquanto nos citrinos foi a tangerina a mais afectada, embora ainda seja cedo para avaliar os prejuízos causados pela geada. Também em Silves e Algoz o panorama é idêntico, com especial destaque para os prejuízos na produção de laranja e tangerina.

Escolas de Bragança e Guarda fechadas

A vaga de frio e neve que tem assolado o País levou ao encerramento das escolas da Guarda e Bragança até ao próximo dia 19 e as autoridades deste distrito aconselharam as populações a manter-se em casa devido ao bloqueamento das estradas.

O encerramento das actividades escolares no distrito da Guarda determinado pelo governador civil, deve-se, segundo um comunicado oficial, «aos meios restritos e limitados de que se dispõe para fazer face às dificuldades resultantes das baixas temperaturas».

A situação que «tem tendência para se prolongar pelos próximos dias», tornaria, segundo o chefe do distrito «muito precário o funcionamento das escolas».

Em Vila Real, embora tenha deixado de cair neve, o trânsito processa-se com grandes dificuldades em todos os pontos do distrito, pelo que, em muitos casos, as escolas têm sido obrigadas a fechar. «Porque não e pode aguentar com o frio», soube a Anop junto da Direcção Escolar de Vila Real.

Para o vereador Alves Machado, do pelouro da Acção Escolar do Município de Vila Real, o Governo devia reforçar as verbas destinadas a aquecimento das escolas. «Se esta situação se mantiver perigará a saúde das crianças e o rendimento escolar diminuirá consideravelmente, o que vem encarecer a educação», acrescentou.

O secretário de Vila Real do Sindicato dos Professores do Norte divulgou um comunicado em que sublinha que os professores não podem nem devem suportar os custos inerentes à situação, num ensino que é obrigatório e gratuito.

«A distribuição de verbas é perfeitamente arbitraria e ridícula pois um concelho como o de Montalegre tem direito a duas botijas de gás, enquanto um concelho considerado quente tem direito a uma», acrescenta o comunicado.

O sindicato conclui exigindo do Governo que «sejam pagas as verbas necessárias para aquecimento e funcionamento das escolas».

Vento forte em Lisboa

A queda de neve tornou intransitáveis muitas das estradas do Norte e do Centro do País. Vários acessos a Castelo Branco encontravam-se esta manhã perigosos para o trânsito automóvel, devido a formação de gelo, estando, no distrito, cortados os troços de estrada entre Sertã e Faleiros, Orvalho e Pampilhosa da Serra, Alto do Cavalo e Orvalho. A Brigada de Trânsito da GNR desaconselha também a circulação na Serra da

Gardunha, entre Fundão e Alpedrinha, onde já ocorreram vários despistes de automobilistas.

Ao fim da tarde de ontem a estrada Torre-Sabugueiro foi cortada ao trânsito, apesar da neve atingir em alguns pontos da área da Serra da Estrela cerca de 15 centímetros de altura. Por seu lado, a GNR da Guarda referiu que algumas ruas desta cidade se encontravam intransitáveis devido ao gelo e neve.

Já esta madrugada, o trânsito de camiões TIR foi interrompido entre Porto da Carne e Vilar Formoso. A acção, levada a cabo conjuntamente pela GNR, Guarda Fiscal, Cruz Vermelha e Junta Autónoma das Estradas visa evitar acidentes devido a neve acumulada na Estrada Nacional n.º 16.

Na área da Grande Lisboa, a madrugada foi de fortes rajadas de vento, embora a partir do início da manhã o vento tenha diminuído de intensidade. Cerca de duas horas de hoje, as autoridades encerravam a possibilidade de encerrar ao tráfego a Ponte 25 de Abril, onde algumas rajadas atingiram os 110 km/hora. Os veículos mais leves ou camionetas com toldo foram aconselhados a não empreenderem a travessia.

Para os próximos dias, o Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica prevê a continuação de céu muito nublado, períodos de chuva e aguaceiros de neve nas terras altas.

Mais frio na Europa

As temperaturas voltaram ontem a baixar em toda a Europa, onde o frio já matou mais de 300 pessoas.

Fortes nevões caíram também em Espanha, em França e na Itália, enquanto em Londres a intensidade do frio teve aparentemente uma consequência positiva: fez descer para perto de zero a taxa de criminalidade.

No Estoril com o patrocínio do FMI e do Banco de Portugal

Economia mundial em análise

Três dezenas de economistas de todos os países de Língua Portuguesa, à excepção de Angola, participam num seminário patrocinado pelo FMI e pelo Banco de Portugal e que se iniciou ontem no Estoril.

Além de economistas de Portugal e Brasil, participam o governador do Banco de Cabo Verde, Amara da Luz, o ministro do Equipamento Social da Guiné-Bissau, Manuel dos Santos, o director nacional de planeamento do Banco de Moçambique, Marcelo de Andrade, e o director do Banco Nacional de S. Tomé e Príncipe, Manuel da Trindade.

Angola não está representada por ainda não ter assinado qualquer convénio com o FMI.

Subordinado ao tema «ajusta-

mento e crescimento na actual conjuntura económica mundial», o seminário será moderado por José da Silva Lopes, ex-governador do Banco de Portugal e antigo ministro das Finanças.

O seminário prolonga-se até sábado, com sete sessões de trabalho, e que serão apresentadas comunicações por técnicos do Fundo Monetário Internacional e economistas portugueses e brasileiros.

A reunião integra-se num programa de seminários regionais promovido pelo Fundo Monetário Internacional, para esclarecer os seus objectivos, debater os problemas económicos e financeiros mundiais e estimular um debate entre profissionais com diferentes concepções económicas.

Em véspera de greve

Seabra faltou à reunião com a Fenprof

Seabra faltou à reunião marcada com a Fenprof, por ele expressamente convocada e confirmada por ofício do seu gabinete, anteontem recebido na sede daquela Federação.

A reunião fora marcada para ontem dia 16 e o facto do ministro não ter comparecido agrava uma situação já difícil em vésperas de lutas dos professores que deverão ter âmbito nacional.

Entre as questões sobre as quais a Fenprof esperava dialogar com o ministro contam-se o estatuto da carreira docente; quem responde aos assuntos pendentes do ensino básico e secundário, cujo responsável foi exonerado recentemente; profissionalização em exercício, fases, ensino especial, alterações ao decreto-lei que regulamenta os concursos do ensino primário,

criação de lugares nos jardins de infância e horário das educadoras, grelha salarial dos docentes do ensino superior, entre outras questões candentes.

Uma das perguntas seria também o que pensa o ME fazer com um orçamento tão baixo para a educação em 1985.

Da delegação da Fenprof que se dirigiu ao ME ficaram alguns dirigentes que participaram numa reunião de carácter meramente técnico, com alguns funcionários superiores do Ministério.

Salienta a Federação que a atitude do ministro «reforça todas as razões que levaram a Fenprof a convocar a greve dos professores para os próximos dias 29, 30 e 31 de Janeiro, em defesa dos seus direitos, da educação e do ensino em Portugal».

Eventual dissolução da AR não virá deste Conselho de Estado

Depois da agitação provocada pela mensagem do Presidente da República no dia de Ano Novo, a cena política serenou um pouco. A classe política encontra-se agora suspensa da reunião do Conselho de Estado, marcado para as 15.30 h, da próxima segunda-feira.

Não é todavia previsível que esta reunião venha a produzir resultados que alterem significativamente o quadro actual ou que venha a colocar-se, de forma directa, a questão de uma eventual dissolução da Assembleia da República.

Recorde-se que Eanes convocou o Conselho de Estado com base na segunda parte da alínea f) do Artigo 148.º da Constituição. Nestas condições os conselheiros têm por missão esclarecer o Presidente da República sobre a situação política.

Tudo indica por isso que, inde-

pendentemente de quaisquer outros desenvolvimentos que venham a ocorrer, o Presidente da República pretende saber, em sede própria que é o Conselho de Estado o que pensam os seus membros, alguns deles com responsabilidades governativas e nem sempre com uma trajectória coerente nas afirmações públicas que fazem ou nas medidas que tomam. De Lucas Pires a Mário Soares, de Mota Pinto a Alberto João Jardim, todos deverão expressar, inequivocamente, o que de facto pensam da situação, a leitura que cada um dela faz.

Assim, a questão de uma consulta sobre a eventual dissolução da Assembleia da República não faz parte do preceito constitucional invocado para a convocação deste Conselho de Estado que se realiza apenas para que o Presidente da República possa ouvir, por parte dos conselheiros,

a leitura que cada um faz da situação.

Isto não exclui a possibilidade de, como consequência das análises que forem feitas se chegar algumas conclusões desse tipo.

Nessa eventualidade, e se for esse também, o entendimento do Presidente da República, tornar-se-ia necessária a convocação de novo Conselho de Estado com a finalidade expressa de fazer

essa consulta.

Entretanto continua a aguardar-se a resposta de Ramalho Eanes à nota do Governo, a propósito da mensagem de Ano Novo que desencadeou todos estes acontecimentos mas, sendo certo que ela virá, isso nunca vai acontecer antes da reunião de segunda-feira, podendo mesmo entender-se que a convocação do Conselho de Estado faça parte dos seus trâmites.



Próxima lotaria: INVERNO
54 000 Contos, por 4 800\$00
tente a sua sorte na

CASA VIOLA

CASA VIOLA - A SORTE QUE «TOÇA»
LISBOA - BRAGA - ESTORIL - VISEU

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL:

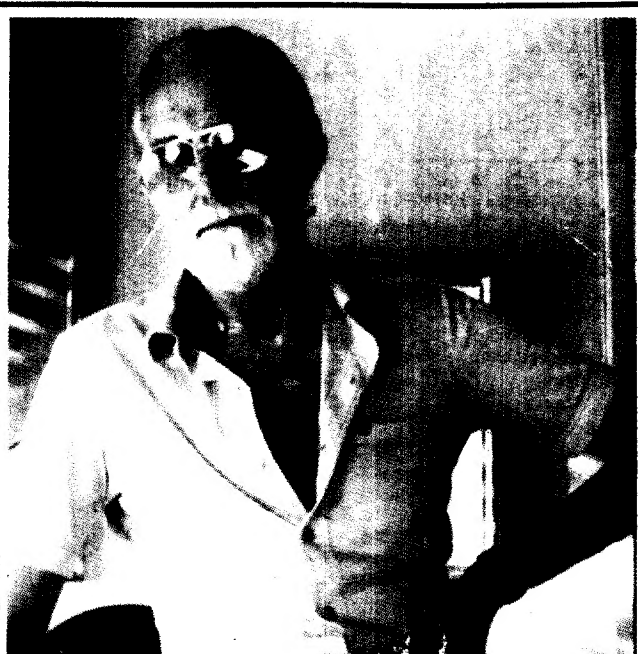
1.º PRÉMIO - 37 587 - 42 000 CONTOS
2.º PRÉMIO - 11 037 - 9 000 CONTOS
3.º PRÉMIO - 33 205 - 3 000 CONTOS

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção, aos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA - BRAGA - PORTO - AVEIRO - COIMBRA - SETÚBAL - FARO

NA MORTE DE AURELIANO LIMA

Forma e metamorfose
de uma escultura

Serafim Ferreira



Egito Gonçalves: «Comecei a traduzir Vaptsarov em 1961...»

EGITO GONÇALVES

Prémio
internacional
Nicola
Vaptsarov

O prémio internacional Nicola Vaptsarov foi criado há cinco anos para galardoar o trabalho de um escritor estrangeiro na área da divulgação da cultura búlgara no país do premiado, com incidência especial na tradução do poeta que dá o nome ao prémio ou em estudos sobre a sua obra. É um prémio que os búlgaros consideram importante, ligado como está ao nome de um dos seus maiores poetas contemporâneos, lutador antifascista, fuzilado pelos nazis em 1942, poeta extraordinariamente popular a quem é dedicado um grande carinho. Neste ano de 1984 foi o prémio dado, pela segunda vez, a quatro escritores. Além de mim, foram galardoados Ernesto Cardenal, da Nicarágua, Stephan Hermlin, da RDA e Oleg Chestinsky, da União Soviética. O prémio é, além da medalha, troféu, honrarias diversas, dotado com um valor monetário bastante elevado, o que demonstra também a importância que lhe é atribuída. Para mim, o prémio foi uma surpresa emocionante. Nunca tinha pensado numa tal possibilidade. De qualquer forma, ele representa um estímulo importante para a minha «mania» de traduzir os poetas de que gosto.

Quer dizer: o facto de se traduzir esse poeta pode implicar o direito a um tal prémio?

Não se pode falar de direito, embora, evidentemente, se não se tiver trabalhado na área da obra do poeta não se possa ser para ele considerado. Não é um prémio a que se concorra. Criado há cinco anos, por ocasião do 70.º aniversário do nascimento do poeta, galardoou então dois escritores — salvo erro. Certamente não voltará a ser atribuído antes de mais cinco anos, em novas comemorações do nascimento de Nicola Vaptsarov. Este poeta, no entanto, está traduzido em mais de 50 países e são inúmeros os estudos sobre ele feitos. O fuzilamento desse lutador pela liberdade deu-lhe, como é normal, uma projecção universal que ultrapassa a que se poderia obter simplesmente com a poesia. Em 1952, por exemplo, o Conselho Mundial da Paz atribuiu-lhe, a título póstumo, o seu primeiro Prémio Internacional.

Como «encontrou» esse poeta? Que lhe interessou nele para o traduzir?

Olhe, as minhas primeiras traduções de Nicola Vaptsarov datam de 1961. É, como vê, uma história antiga. Publiquei-os no número 9 da pequena e semiclandestina revista de poesia que eu então dirigia, com outros, e que se chamava «Notícias do Bloqueio». Sempre gostei de fazer coisas dessas (eu fui, com o Mário Henrique Leiria, o primeiro tradutor de Brecht em Portugal, país onde então nem sequer se podia citar o nome dele num jornal; fizemos isso no número 2 da mesma revista, em 1957).

(«Espelhos Paralelos», 1984)

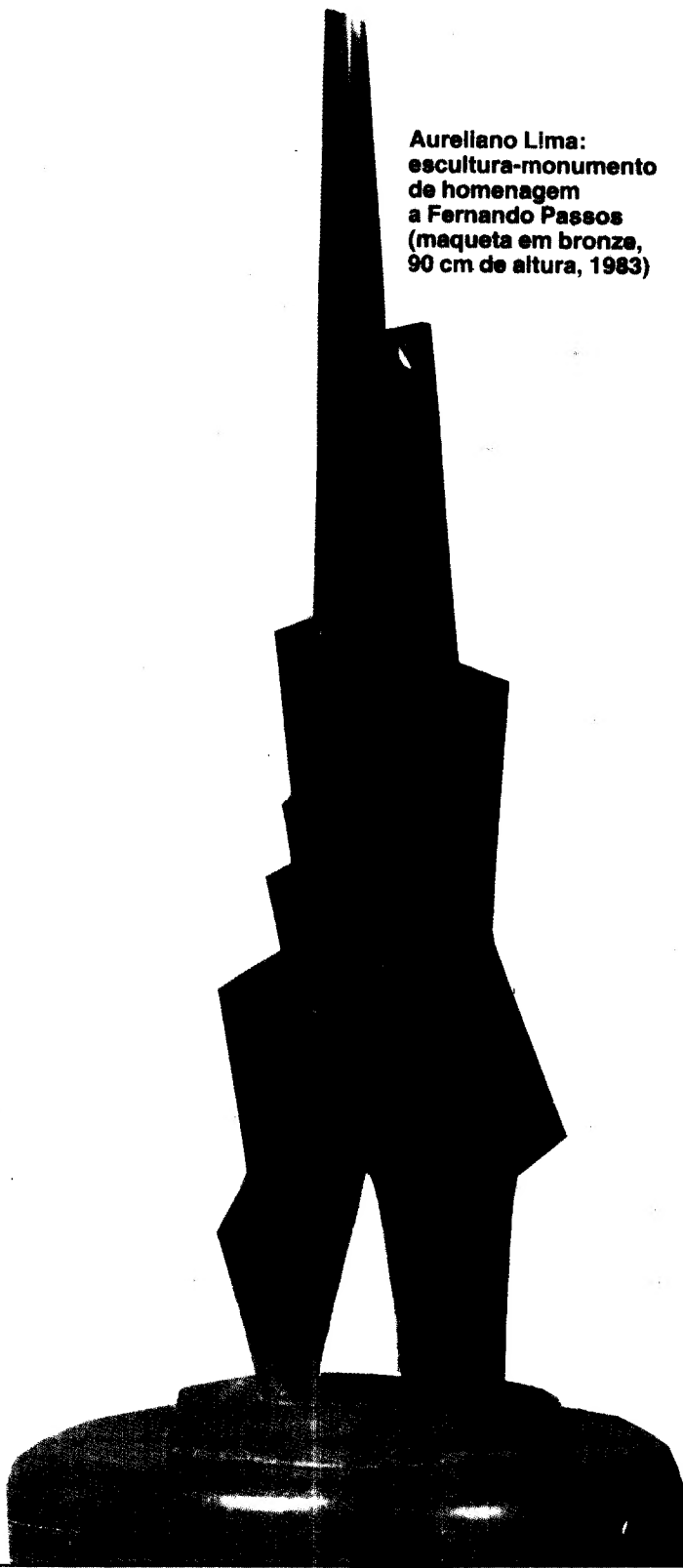
1. A princípio, a ideia confundia-se nas manchas e traços sobre o papel amarelado: formas estilizadas e geométricas na descoberta de labirintos por onde se tecem os fios da emoção e da sensibilidade. Por aí avança na textura de formas e volumes que, metamorfoseados na memória, assumem outra dimensão ou permitem outra leitura possível. Mas a ideia não passa daí, o desenho inicial, consolida-se apenas nas linhas e formas surgidas pelo movimento das mãos, no pressentir da ideia, no apontamento que fica para mais tarde ser retomado. E o tempo conta sempre muito, embora o desejo de redimensionar esses traços e manchas por outro espaço não ganhe corpo. E o desenho ficará durante muitos anos adormecido na velha pasta onde outros desenhos, ainda mais antigos, esperam a sua vez de poderem ter outra leitura ou se afirmarem como razão do mesmo discurso.

2. A cada passo, por entre sugestões várias de variadas intenções, no despertar de ideias antes pressentidas e sempre adiadas, em projectos que não passaram de sonhos no canto do atelier, o escultor volta aos seus fantasmas, retoma um e mesmo desenho, expõe-no diante dos olhos, com renovados propósitos de novas formas e volumes. Não se decide pela recuperação desse desenho, enfia-o de novo no seu canto, entre desenhos de anos diferentes, não resolve transformar em escultura os volumes que por aí jazem, como traços e indícios de «coisas» que se fazem e não seguem o rumo da criação artística, metamorfose de outras metamorfoses, espaço reinventado em sinais de outra linguagem e sentido de expressão. A projecção em plano no papel já enrugado e pardacento datado há muito dos anos 50, não cativa nem seduz a ideia de transfigurar no espaço, por entre linhas e volumes de diferentes proporções, em matéria viva de escultura e embelezamento da paisagem, as formas que por aí se adivinham e ganham assim um sentido definitivo.

3. E, de súbito, volvidos muitos anos, a ideia desperta outras ideias, o desenho inicial é reexaminado e revisto com outros olhos, o escultor imagina outros espaços para a metamorfose do sonho. E por aí então se redescobre, no acaso da ideia e no silêncio do atelier, que o desenho pode renascer com outra vida, em sentido escultórico de proporções geométricas, pode e deve ser origem de outros propósitos até en-

Nada do que a sorte dava era o que havia e contudo em si se consumava. Livro de folha solta: nem a vida, nem a morte em paz se desfazia. Ia no tempo quando cantava a hora.

Aureliano Lima:
escultura-monumento
de homenagem
a Fernando Passos
(maqueta em bronze,
90 cm de altura, 1983)



tão arredados do seu espírito. Mas retomado por diferentes intenções de espaço, de leitura e até de significação estética. E por aí, nas linhas, formas e volumes, nas dimensões que raíam pela sugestão de ser «obelisco» erguido na linha da paisagem, redescobrir os sinais profundos, mesmo sem literatura, e poder ser hoje intenção verdadeira em homenagem à memória do Poeta ou expressão simbólica e sugestiva da perene «árvore da vida». Origem e destino de outro discurso, sim, mas em que a memória do escultor se alia à admiração pelo Poeta e assim pela escultura o saber perpetuar em formas de longos tempos recuperadas.

4. Primeiro, a escultura nasce pelo modelar da maquete, em proporções que não cabem num metro de altura, os volumes e formas ganham depois a forma, imaginada e recriada. A pouco e pouco, na brancura do gesso, pelo moldar lento das mãos e dos olhos, essas formas assumem diferente sentido de beleza, consentem a leitura aproximada do que está na sua origem: crescer quase à altura do sol, ser imagem real em espaço próprio e aberto, na monumentalidade dos volumes, na massa sugestiva que perpetua hoje a memória do Poeta em terra que logo nos traz à lembrança o desespero último de outro Poeta, nascido e falecido em Moselos, um Manuel Laranjeira tão esquecido da nossa literatura e aqui lembrado em majestática escultura de José Aurélio. E os poetas assim se entrecruzam nos caminhos da vida: ontem, Laranjeira e Pessoa: hoje, Pascoaes, Afonso Duarte ou Torga — e por aí a vocação poética e estética de Aureliano Lima se funde e confunde no desejo de dar corpo a um «discurso» que é muito seu, brota de dentro, por entre versos e palavras, nas formas e volumes de uma escultura moderna que prolonga (ainda) a mesma força do seu verbo e expressão criativa. Pela poesia ou pela escultura, no papel ou no bronze, no ferro ou no mármore, é ainda esse inalterável «discurso» que se estende e alarga no claro entendimento e coerência de a arte ter sido para si o caminho por onde sempre conduziu a sua emoção e inteligência do mundo, a sensibilidade e razão perante as pessoas e as coisas. E a voz e o corpo dessa linguagem universal, pelos caminhos certos e incertos da arte, na escultura e na poesia, se entretecem quase sem querer no fio dos anos de vida e na memória que cresce em tempo de mudança e de lembrança. E o desenho inicial, esquecido ao longo dos anos no silêncio do atelier, assim se recupera como memória e origem deste monumento-escultura, em terras da Feira, por entre matas adehsadas de pinheiros e euca-

PARIS PASCHER

Todos os outros nos chamam

Ramiro S. Osório

Olá Mário, foi no passado, em ... Mas provavelmente também já esqueceu a criança espancada por causa de minha mãe.

Um sorriso vaivém, um beijo idem, e logo a prontidão do guia local assegurou a segurança pública.

Signifiquei ao espancador o abuso de poder. Ameaçou entre dentes a minha precária situação de turista. Procurei o director local da agência de viagens. Disse-me ser pessoalmente contra toda e qualquer violência, mas que não podia deixar de louvar as tarefas que trazem ao bom caminho os que se afastam dele.

Alguns meses mais tarde, ... foi notícia.

«MAIS DE 250 MORTOS EM ...»

De um helicóptero, disparavam à metralhadora contra os manifestantes que gritavam: Basta de vida cara! O povo quer viver!

Está escrito no *France-Soir*. Escolhi deliberadamente esse jornal e *Le Figaro* como bibliografia de base. O racismo e o reacionarismo que os caracterizam colocam-nos acima de qualquer suspeita de subversão.

Le Figaro: «O governo de ... sob 'pressão' do Fundo Monetário Internacional, acabava de decidir um novo plano de rigor para restabelecer a verdade dos preços. A dívida externa corresponde a 90% do produto nacional bruto (em 1972, ela representava apenas 17%) [...]»

«Os aumentos — declarou o chefe supremo — devem poupar os pobres, a quem já não podemos pedir o que quer que seja».

As primeiras desordens, seguidas de motins, surgiram espontaneamente. Nenhum partido político, nenhum sindicato lançou nenhuma palavra de ordem. Foram as vitórias de rua dos países vizinhos — onde o aumento dos pre-

ços dos produtos alimentares de base⁽¹⁾ foi anulado como consequência de motins — que serviram de rastilho em ... , onde as condições de vida são cada vez mais difíceis.»

France-Soir: «A Polícia e o Exército não utilizaram bombas lacrimogéneas nem cassinetes: utilizaram logo de início balas verdadeiras contra manifestantes desarmados. Este método explica-se pelo pânico das autoridades face aos riscos de contágio. [...]»

As testemunhas dos acontecimentos estão ainda aterrorizadas pela brutalidade da repressão e só falam com reticências, com medo de serem interpeladas. ...

Domingo, a calma parecia ter voltado às cidades quadrilhadas por blindados, mas os jornalistas continuam interditos, considerados como testemunhas indesejáveis. Apenas um jornal de ... fazia alusão aos acontecimentos, denunciando «os estragos causados nos meios de transporte público».

O governo declarou que as manifestações tinham sido promovidas por um complot internacional. [R.O.: não visava o Fundo Monetário Internacional], teleguiado por marxistas. Anunciou que a ordem seria mantida e que decidira anular a subida dos preços dos produtos alimentares.»

Vi o primeiro-ministro na televisão. Falava uma língua que não conheço, mas sei que mentia. A ordem será mentida.

O jornal comunista ... só poderá voltar a ser publicado se:

- 1) Condenar as manifestações
- 2) Minimizar a sua importância
- 3) Não mencionar a ... da censura
- 4) Não anunciar a prisão dos militantes comunistas.

A repressão intensifica-se: escutas telefónicas, outras violações de domicílio, rusgas, detenções.

Durante os interrogatórios, utilizam para a coluna vertebral a picareta, e para a boca a mordacão encharcada de urina.

Entretanto as paredes de Paris invernosas cobrem-se de cartazes em technicolor gabando os encantos do país do rei-sol. E assassino.

Acontece que a pieguice internacional dos brandos costumes não é sensível às vítimas do terrorismo legal. (Na agenda dos seus cocktails não figura a estatística dos acidentes de trabalho mortais ditados pela insegurança corolário da rentabilização máxima. Transgredir a ordem reinante fere de tal modo o seu statu quo que também é negligenciada a contabilidade dos que morrem por dizerem não.)

O peso do estabelecido é tal que chega a inverter o princípio de causa e efeito. Tal como o director da agência de viagens de ... , os chulos da áurea mediocritas também são pessoalmente antiviolentos, só chamam violência àquela que se opõe à do terrorismo do poder abusivo. A prática da inércia amorfa que oficia e argamassa o terrorismo institucionalizado é-lhes suficiente para santificar a inocência dos praticantes, só choramingam os mortos do terrorismo selvagem, como se aura de tal inocência tornasse injusta a punição. Encorajam o medo.

Perante um manifestante assassinado pelos cães do poder, essas ... e esses ... não reconhecem alguém que morreu por eles, nem se atrevem a condenar o assassinato. Não só por medo, mas porque «Ele não tinha nada que se ir lá meter!»

«À nossa frente, estavam sentada ou oitenta soldados com metralhadoras. Vimo-los matar os nosso camaradas». A testemunha não quis dizer ao repórter como é que se chamava. Nem o apelido nem sequer o nome. «Há

milhares de Ali em ... , mas nem direi se é esse o meu nome próprio».

«Como é que se chama quando o dia nasce como hoje, e tudo está estragado, saqueado, e se pode no entanto respirar o ar, e tudo está perdido, a cidade arde, e os inocentes se matam uns aos outros, mas os culpados agonizam a um canto do dia que nasce?» (Giraudoux)

Presente sem futuro simples

Carlos Leite

UMA garrafa voará desde o outro lado do café e virá estilhaçar-se, plash! contra o espelho. As pessoas levantar-se-ão, ou para se proteger ou para ver melhor. Esse lado da selva, os cafés da Baixa, cenas ouvidas a terceiros ou lidas em jornais, serão ainda por algum tempo um fantasma a evitar, para não vir interferir com o primeiro contacto das suas vozes e dos seus olhos — o doce, o único enleio. Terão estado enleados. Assim, a garrafa contra o espelho será só o sinal de passarem ao lado prático da emoção de se conhecerem, serão horas. Ela dará conta de que estará atrasada, terá que ir à Boavista entregar uns desenhos do arquitecto onde trabalharia. Ele dirá que então ainda será capaz de apanhar o das 15.05 para São Romão.

Descerão a avenida, apressados, até à paragem do 20, em silêncio. Retomar a conversa — mas de que terão estado a falar? Impossível saber-se em que ponto teriam ficado — não fará mais sentido, a emoção de se falarem terá sido brutalmente cortada por aquela garrafa contra o espelho. Voltarão a ver-sr, marcarão para dali a dois dias, mas no Jardim da Cordoaria, e ele pedir-lhe-á também o número do telefone para o caso de.

No autocarro e no comboio — apanhados ambos à tangente (como apanhamos tudo o que começa sempre por nos resistir; só a garrafa é ainda mais forte do que eles e eles ainda mais fortes que o espelho da parede) — dominarão esse lado da cena, num presente futuro simples (cada vez mais ou cada vez menos?) violentamente desejado, desbobinarão o filme mudo do rosto do outro, sobre o qual cada um começara a abismar a tarde, o corpo, aquela fome de prazer, o irresistível convite dum desconhecido para uma Cola Cola naquele café escuro, a fuga ao trabalho (dela) e à província (dele), o desejo de viver.

No Porto, o mês de Maio começará alguns minutos antes das 15 horas do dia 18 de Maio de 1982.

Egito Gonçalves

Continuação da pag. 1

Voltando a Vaptsarov, descobri-o, por acaso, em duas pequenas edições que comprei numa livraria de Roma — em italiano, claro. Um dos livrinhos intitulava-se «21 poetas búlgaros fuzilados», título impressionante que me forçou a adquiri-lo. Outros poetas búlgaros, desse livro e de outras traduções em outras línguas e países que fui coleccionando, me impressionaram, mas só depois do 25 de Abril me dediquei a traduzi-los (um deles Cristo Botev que li pela primeira vez em 1960 numa tradução de Paul Eluard). Antes não valia a pena, era muito difícil publicá-los, mais difícil ainda encontrar quem me pudesse tirar dúvidas de interpretação, nos casos de línguas que me são desconhecidas.

O que aconteceu, quanto aos búlgaros foi que, após o 25 de Abril, o embaixador da Bulgária, país com o qual passámos a ter relações, soube que eu traduzira Vaptsarov e me propôs fazer mais algumas traduções, a fim de o ajudar na tarefa de divulgação cultural que desejava. Assim se iniciou uma colaboração que me tem dado grandes alegrias. Traduza e publiquei quatro poetas já hoje «clássicos» e trabalho actualmente numa selecção de 10 poetas mais actuais que espero poder publicar em 1985.

Mas V. não conhece a língua. Como consegue então traduzir poesia nessas condições?

Para mim é uma espécie de aposta, que tento ganhar rodeando-me de todas as precauções. Trabalho sobre várias traduções em várias línguas, estudo as diferenças que aparecem em cada tradutor, cada interpretação. «Vejo» o original e trabalho os primeiros resultados disso com alguém que possa

elucidar-me, tirar dúvidas...

E um trabalho de intuição e paciência que está sempre a recomençar: há traduções de que fiz uma dúzia de versões antes de serem publicadas. Conhecer a língua original seria naturalmente importante, mas não é por si só factor decisivo. É famoso o facto de o grande poeta francês Guillevic ser o melhor tradutor de poesia húngara, sendo talvez o único dos tradutores franceses que trabalham nessa área que não conhece o húngaro. Não me quero comparar com o meu amigo Guillevic, quero apenas dar um exemplo que vem no sentido do que eu próprio faço. As minhas traduções têm sido lidas por vários búlgaros que sabem português (professores, tradutores, etc.) e sempre foram consideradas boas. O mesmo me tem acontecido com poemas de outras línguas, finlandeses, por exemplo: em 1985 publicarei um livro de «Quatro poetas finlandeses», uma aventura que passou por duas épocas de férias na Finlândia, muitos contactos e dois anos de trabalho intenso.

O facto de V. se dedicar à tradução não influencia a sua própria poesia através desse contacto tão profundo com alguns poetas?

Penso que não — pelo menos não tenho detectado isso especialmente. De resto escrevo pouco. E também não traduzo muito, só o faço quando me apetece e com grandes intervalos. Um tradutor é (ou deve ser) aquele que lê bem. Mas todos os poetas lêem os outros (ou alguns dos outros). Esse tipo de influência que refere é sempre possível e talvez a célebre frase de Lautréamont de que «a poesia é feita por todos» se refira a isso. Não se vive isolado. As influências só são graves se não são bem digeridas, se ficam pela imitação.

Quem é Egito

EGITO GONÇALVES nasceu em Matosinhos (Portugal) em 1922 (que não completou) na cidade do Porto, onde vive desde 1948. Exerceu estado nos últimos anos ligado à actividade editorial. É também trabalhando para uma Companhia de Seguros. Ligado desde sempre à cultura, pertenceu às direcções do Teatro Experimental do Porto, do Cineclub, Jornalistas e Homens de Letras do Porto, da Associação Portuguesa de Escritores, é suplente da Direcção da Sociedade Portuguesa de Autores. Foi c International d'Études Poétiques (Bélgica) e é membro da Hispanic (York). Pertenceu à direcção da Delegação do Norte da extinta Sociedade e da Delegação do Portuguesa da Comunità Europea degli Scrittori. Poemas foram traduzidos em várias línguas e mesmo publicados em Fundou ou ajudou a fundar algumas revistas literárias: A SERPENTE, NOTÍCIAS DO BLOQUEIO, 1957-1961; e a revista de teatro e cinema: A parte da direcção das mesmas. Além da Obra Poética abaixo indicada tradução de poesia, campo em que publicou vários livros e lhe valeu, a dução Calouste Gulbenkian, concedido pela Academia de Ciências de B sente em vários encontros internacionais (França, Finlândia, Brasil, Cútica, Hungria, Suíça, etc.).

OBRA POÉTICA:

POEMA PARA OS COMPANHEIROS DA ILHA, 1950/ UM HOMEM NA POSSÍVEL, 1952/ O VAGABUNDO DECEPADO, 1957/ VIAGEM COM O RIA DE SETEMBRO, 1960/ OS ARQUIVOS DO SILÊNCIO, 1963/ O FÓSI AMOR DESAGUA EM DELTA, 1971/ DESTRUÇÃO: DOIS PONTOS, 1973 ZONAS QUENTES DO INVERNO, 1977/ A NORDESTE DE JUNHO, 19 1980/ OS PASSARELOS MUDAM NO OUTONO, 1981/ FALO DA VERTIGEM

Los Ali

lptos, o castelo lá em cima, os olhares indiferentes (ou não) de quem é daqui e por aqui passa sem entender (ou entender bem) as razões deste «memorial» em honra de Pessoa e da Poesia. Em terras antigas da Feira, o coração industrial da cortiça, e ainda na memória d e outro poeta e escultor, que na força da sua arte, fez do «discurso» alheio de Pessoa o seu próprio discurso: pela clareza do próprio verbo, pela superior intenção e mistério da Poesia.

5. E na memória que guarda dos diferentes heterônimos pessoanos, Aureliano redescobre, na plenitude de um desenho antigo, assim recuperado, a origem de uma escultura que prolonga nos volumes e formas reinventadas, o «discurso» poético em homenagem sentida à memória de Pessoa, quase 50 anos depois da sua morte. E os volumes se agregam os seus versos, não como explicação ou prolongamento da mesma atitude dialogante, antes como propósito de descobrir, em duradouros sinais de bronze e de fogo, o fio de voz que seja hoje o lado visível do que ontem emudeceu e se projecta no futuro assim dessecado de novo imaginado. E pelo sentido das palavras e das formas perduráveis fazer renascer as ramificações dessa árvore da vida que não falece na memória dos tempos e dos homens, ser a releitura ainda possível de um **ele** (Pessoa) em constante diálogo com os **outros** (os seus heterônimos ou leitores). E por aí a escultura se impor à paisagem, apontar o caminho de outras leituras na memória do Poeta e na homenagem consequente de quem, pelos caminhos amargos da solidão e do silêncio, soube confundir

os seus passos no rasto de outros passos. E assim o poeta apela ao canto de outro poeta, o escultura perpetua no bronze a mesma inconfundível «musica vital» das palavras e sons que se misturam

em idêntico «discurso», pelo tempo de memória que decorre entre a vida e a morte, e na recordação inapagável das sombras que lhe abriram o caminho como nestes versos evocativos de Pessoa:

Ah, penso como se fosse mar ou chuva (a chuva oblíqua), enquanto um jockey amarelo se desnuda pelo silêncio ou corre pelos espelhos paralelos e finge a dor real...

ou nestes que claramente nos relembram Álvaro de Campos:

**Desces pelo cordão umbilical
da noite e vens pela** ode triunfal
sobre o cais e o sol de tua voz
marítima. Vens, lentamente,
pelo rumor da máquina, se
a solidão é uma **saudade
de pedra e transmigra pela dor
salina, onde o sonho é oculto em
sua angústia.**

6. E na memória que fica de outros poetas, (às portas do cinqüentenário da morte de Pessoa, no ano do centenário de nascimento de Afonso Duarte, **seu mestre**, ou no dia em que se completam 15 anos sobre a morte de Régio), a voz emudece para sempre e as mãos de Aureliano páram no tempo e no sonho de outras formas por inventar, na memória de ser mais um amigo que parte, sem um protesto e muitos protestos na alma, agora que os deuses pareciam, finalmente, atapetar-lhe um pouco o caminho e consentiam de algum modo se fizesse ouvir melhor a sua voz de poeta ou as suas esculturas ganhassem o espaço que durante

largos anos não deixaram de existir. No silêncio do atelier e na solidão da casa, em Gaia, bem perto do Porto da minha infância. E, no hora da partida final, saber-se bem acompanhado até à campo raso do cemitério de Mafamude, na «saude de pedra» que dele nos fica, ainda na lembrança da escultura-monumento a Pessoa, ultimo trabalho de grandes proporções executado no freir da emoção e nos sinais da doença que o levaria pouco meses depois. E porque se morre sempre de alguma coisa, Aureliano Lima, poeta e escultor para quem a arte foi uma forma superior de afirmação pessoal morre por não lhe resistir mais o coração e pelas muitas cansas que a vida lhe não

poupou. Desde os tempos distantes em terras de lagares ou de Nelas, nos calafrios sofridos pelos anos vividos em Coimbra, até os instantes derradeiros de **saber** talvez a morte próxima, sem tempo de levar consigo a alegria de lhe fazerem justiça e na dúvida (sempre) de que o juízo do tempo possa perturbar o destino das muitas esculturas que nos deixa: no silêncio do atelier e na solidão da casa, em lugares públicos, nas mãos de alguns poucos amigos. Mas a sua **arte do silêncio**, em mais de quarenta anos de trabalho, deve ser olhada com outros olhos e confirmar-se na coerência de ter sido realizada fora dos meios que, nas coisas da arte, estabelecem sempre a cotação de valores. Na consciência plena e tranqüila de entender a arte do seu tempo, e a certeza de ter feito tudo o que fez e **nos fica**. Muito ou pouco? Alguns livros de poemas, muitos desenhos e quadros, muitas esculturas em ferro e bronze, mármore e madeira que, na hora última de despedida, nos desvendam os «círculos» e «sinais» de um itinerário que merece ser valorizado e entendido em apreciação global da sua arte. E, para nós, a de ter sido um diálogo interrompido nesta saudade que guardamos, pelas linhas cruzadas de um convívio de largos anos, por dentro e bem de perto, e sermos talvez dos poucos que entenderam as razões da sua arte. E, em memória de Aureliano Lima, nos ficar esta escultura-monumento a Pessoa, que juntos visitámos em manhã de sol de Agosto, poucos meses antes da sua morte, a gora certa, discreta e anunciada como ponto final na jornada. Para sempre. Na solidão e descanso último do cemitério de Mafamude, perto das ruas de minha infância e na recordação de outros mortos que o tempo não faz esquecer.

PESSOA amiga
faz-me chegar às
mãos o livro esco-
lar das crianças
moçambicanas
que frequentam a
segunda classe.

Logo a abrir, um grupo trabalha, compenetrado, com o caderno em cima dos joelhos. Ao lado, uma legenda:

Com sete anos, meu avô só era pastor.
Com sete anos, meu pai fugia à fome.
Eu, este ano, faço sete anos.
Eu, com sete anos, já sei ler.

O livro é, todo ele, construído no sentido de cantar o orgulho de ser moçambicano e livre, o gosto de trabalhar, o valor social das actividades em conjunto, o conhecimento e o amor da natureza, o culto da amizade entre todas as crianças e todos os povos, e ainda a divulgação das normas elementares de higiene, alimentação, actividades físicas, etc.

Encontramo-nos com a adaptação de pequenas histórias e versos de autores estrangeiros. Ho Chi Min, por exemplo, com o poema «Ouvindo o Galo Cantar»:

És somente um animal vulgar
Mas, cada manhã,
o teu canto anuncia o dia.
Canto do galo!
Tu tiras o povo do sono.
Na verdade
o teu trabalho é importante!

**Também portugueses
lá estão representados.**

Mas, o mais comovente, o que mais profundamente nos toca, é ver a nossa língua usada — e com que carinho e perfeição! — como instrumento de comunicação, de instrução, de cultura de todo um povo com grandioso futuro à sua frente. Dizermos «a nossa língua» e, ao dizê-la, saber que este nós significa portugueses, moçambicanos, angolanos, cabo-verdianos, guineenses, saotomenses, timorenses — devia dar-nos um orgulho sem limites. E devia dar-nos igualmente o sentido das responsabilidades que daí decorrem...

É importante, é fundamental, é essencial defender com o máximo vigor o sagrado território da língua portuguesa. Sem olhar a regimes, a governos, a verbas. Todo o dinheiro que se gastar nesta sementeira vai render juros de valor incalculável no futuro.

«Vamos Aprender», assim se chama o livro escolar dos meninos moçambicanos. Ora aqui está uma proposta: vamos aprender...

M. C.

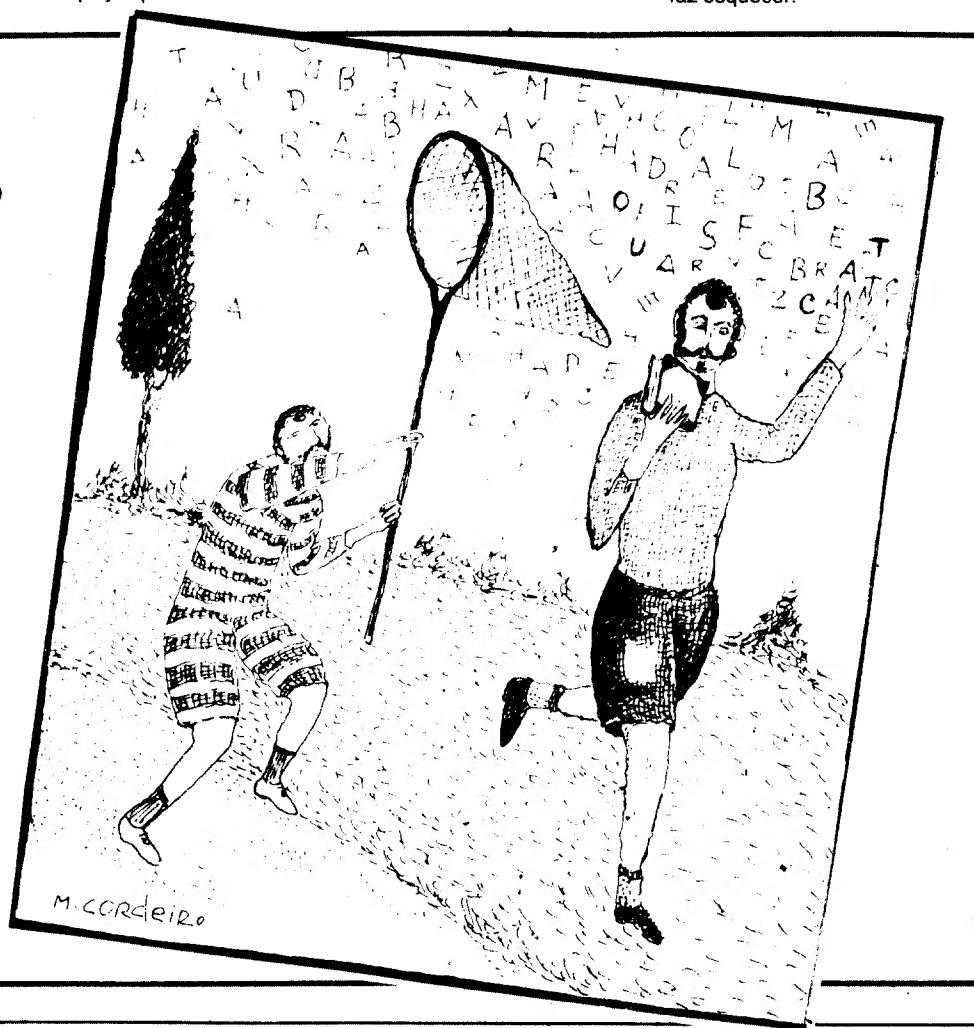
Pedro Alvim

**Caído sou
sob teus olhos
da cor
dos meus.**

**Vem-me
aos lábios
teu nome
de sílabas poucas.**

**Que são
estas coisas
à minha volta**

**se para elas
não tenho nome
quando teu me solta?**



...já alguns países em que o
pio, a água e o leite não são con-
siderados produtos de primeira
necessidade.

15. — Calcule, Mário, que o Sr. mutilou (no meu último artigo) uma das legendas das fotografias de Yves Montand, com a qual eu queria apenas significar que só o Sr. Mário Soares consegue ter menos carisma do que esse ...

ito

922 Realizou estudos técnicos
Exerceu actividades diversas,
também técnico de publicidade,
primeiro movimento associativo,
Instituto do Porto, Associação de
Escritores e, actualmente,
Foi correspondente do Centre
for the Study of American (New
York) Society of America (New
York) e da Associação Portuguesa de Escritores
e Críticos (Itália). Muitos dos seus
trabalhos estão em alguns países.
NTF, 1951; ÁRVORE, 1952-54;
O PLANO, 1965-68, tendo feito
uma, tem-se interessado pela
literatura, em 1977, o Prémio de Trans-
lato de Lisboa em 1984, o Prémio
de Bulgária. Tem estado pre-
sente em Cuba, Bulgária, União Soviética.

**NANEBLINA, 1950/ A EVASÃO
M O TEU ROSTO, 1958/ MEMÓ-
FÓSFORO NA PALHA, 1970/ O
1973/ LUZ VEGETAL, 1975/ AS
O, 1979/ POEMAS POLÍTICOS,
TIGEM, 1983.**

PEQUENA VIAGEM COM...



José Vultos Sequeira

— Sim, com escritores amigos que além de amigos têm sido mestres. E também com o Luís Maçarico, o João Craveiro, o António Gil, a Paula e a Cristina Pombinho, escritores, apesar de jovens escritores, não tão revelados como a qualidade da sua obra merece.

6 — Viaja muito? Porquê? — As viagens que faço é através da leitura de livros ou por dentro de mim mesmo. Porque o custo de vida é tão gravoso...

7 — Onde nasceu? — Nasci em Mora.

8 — Isso teve (ou tem) alguma influência na sua obra? — Sim, hoje o que eu sou é alimentado com tudo o que eu fui ontem. A minha terra com o seu sol, as suas searas e as suas gentes acompanha-me sempre; o ritmo da minha escrita é o ritmo daquela alegria e entusiasmo que só subsiste em nós quando homens — crianças e ainda o meu olhar circundante vem lá dela.

9 — Considera-se justamente remunerado no conjunto dos factores de produção e circulação de um livro? — Não, até seja quem for que trabalho é momento a momento violentado nos seus direitos e remuneração; regra geral os editores estão a falir e a maioria dos escritores como grande parte dos trabalhadores portugueses, não recebem salário pelo seu trabalho.

10 — Na feira da literatura há sempre nomes mais ou menos esquecidos; cite um. — Citarei Raul de Carvalho que não tem sido lido como a sua obra merece, além de entre outros, dois grandes nomes: Maria Lamas e Irene Lisboa, escritoras e mulheres exemplares, parece, tão injustamente esquecidas.

11 — Quando espera publicar o seu próximo livro? — Espero que em Janeiro finalmente, sala um livro, que por dificuldades económicas da editora, está para sair pelo menos há dois anos.

1 — Escrever é a sua profissão? — A minha profissão é metalúrgico, a minha profissão ou o meu professor, pois é com ela e através dela que procuro perceber — ser amador de tudo, da escrita.

2 — Gostaria de ser escritor profissional? — Difícilmente me concebo escritor profissional, ou pelo menos como é normalmente entendido ser escritor profissional, a minha escrita confunde-se com a minha vida e o meu trabalho: eu sou escritor, metalúrgico e amador a tempo inteiro.

3 — Como emprega os seus tempos livres? — Tempos livres propriamente não tenho: todo o meu tempo é comprometido, até no meu trabalho é como se escrevesse, depois é a mesma coisa na grunp análise, no teatro, no cinema, na leitura ou quando estou à conversa com os amigos.

4 — Foi difícil publicar o seu primeiro livro? — Não, um prémio da APE deu-me relativa facilidade para a sua publicação.

5 — Encontra-se regularmente com outros escritores?

As letras em dia • As letras em dia • As letras

DE L. RON HUBBARD, lançou no mercado as publicações Europa-América a obra em dois volumes «Terra, campo de batalha», subintitulada «A saga do ano 3000». Ao longo de quase mil páginas, Hubbard justifica a sua escrita com o seguinte juízo: «A ficção científica aponta-nos uma direcção porque defende a existência de um futuro...» Meio milhão de palavras já contempladas com dois prémios nos EUA, onde está na lista dos «best-sellers» há mais de dois anos. Entre nós entrou directamente para o 4.º lugar do «Top» da ANOP.

A EDITORIAL CAMINHO continua a publicar a obra completa de um dos maiores nomes do neo-realismo: Manuel da Fonseca. Mais dois volumes nos escaparates: «Seara do Vento» e «Obra poética». Nesta última incluído o célebre poema sobre a Marcha Almadanim, que andou quer em recitais, quer em lábios solitários. Desta obra, que reúne toda (até ver...) a

poesia de Manuel da Fonseca, dedicaremos, em tempo oportuno, uma página deste

suplemento. Basta ouvir a «Almadanim» para não deixarmos morrer o intento. Para

já, que os leitores não percam a «Obra poética» de Manuel da Fonseca.



ESTANTE INFANTIL



MARIA ALBERTA MENERES
ARTUR CORREIA
BORGES COELHO
TERESA VENTURA



ESTA PALAVRA CONCELHO

Título: Esta palavra Concelho
Autor do Texto — Maria Alberta Meneses
Autor dos Desenhos — Artur Correia
Autores do Texto Técnico — Borges Coelho e Teresa Ventura
Editor — Sismet

Seria imperdoável que os meios de comunicação silenciassem a publicação desta obra. Ela constitui um suporte cultural de grande importância. E não apenas para a infância, e não apenas para a juventude, mas para todos os cidadãos.

Não foi por acaso que a palavra «cidadãos» apareceu aqui. Trata-se de apelar para a responsabilidade dos leitores enquanto portugueses. Porque é de nós, das nossas raízes, que este livro fala. De nós, do mais profundo de nós, ou seja, do nosso Povo.

A maioria das crianças tem da história de Portugal uma ideia restrita e falsa. São os príncipes, os reis, as batalhas, os casamentos, os amores, as fofocas. Quer dizer: conhecem tudo de um automóvel — menos o motor...

«Esta palavra Concelho» transporta-nos às organizações em que o povo se estruturava. Parte dos lusitanos, chega a Afonso Henriques, demora-se na revolução popular do Mestre de Avis, prossegue com o liberalismo, atravessa a ditadura de Salazar, atinge o 25 de Abril: e vimos, vimos com os nossos próprios olhos, como o povo, organizado em concelhos, está na base da nacionalidade; como sempre nele Portugal se apoiou, quando se viu em perigo. Vimos como os momentos de esplendor correspondem à força dos concelhos e os momentos de maior declínio correspondem à debilidade dos concelhos. O nosso país piorou sempre com a centralização, melhorou sempre com a descentralização.

É fundamental que as crianças e os jovens assumam esta realidade. Mas nós sabemos quanto por vezes a História de tão grave querer ser e tão complexa, se afasta do leitor comum. Ora o rigor de Borges e Coelho e Teresa Ventura, a arte de Maria Alberta Meneses e de Artur Correia, deram as mãos para produzir um livro tão gostoso. Nesta banda desenhada não há compartimentos estanques: a cultura e o humor estão solidamente apoiados um no outro.

Desenho a desenho, texto a texto, avança o conhecimento das raízes, avança a nossa maioridade. E recorta-se com nitidez o conhecimento da necessidade histórica, o entendimento do nosso papel no tempo que decorre.

Leitura obrigatória em todas as escolas. Decrete-se.

Mário Castrim